UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Reitor: Ronaldo Tadêu Pena
Vice-Reitora: Heloisa Maria Murgel Starling

EDITORA UFMG
Diretor: Wander Melo Miranda
Vice-Diretora: Silvana Cóser

CONSELHO EDITORIAL
Wander Melo Miranda (presidente)
Carlos Antônio Leite Brandão
Juarez Rocha Guimarães
Márcio Gomes Soares
Maria das Graças Santa Bárbara
Maria Helena Damasceno e Silva Megale
Paulo Sérgio Lacerda Beirão
Silvana Cóser

PHILIPPE LEJEUNE

O PACTO AUTOBIOGRÁFICO
DE ROUSSEAU À INTERNET

JOVITA MARIA GERHEIM NORONHA
Organização

JOVITA MARIA GERHEIM NORONHA
MARIA INÊS COIMBRA GUEDES
Tradução

Ana Amelia
B Coelho
nov 2008

Belo Horizonte
Editora UFMG
2008

UM DIÁRIO TODO SEU[1]

QUEM MANTÉM UM DIÁRIO?

Na França, atualmente, quem mantém um diário? É difícil dizer, por diversas razões.

É uma atividade discreta. Pode-se manter um diário em casa ou no avião. Mas, em geral, isso é feito longe do olhar dos outros, escondido da família.

É também uma atividade passageira, ou irregular. Mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos, largamos, reencontramos o diário... São raras as pessoas que se obrigam durante um período longo a escrever diariamente, anotando o máximo possível de coisas. A maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só fio de uma existência. Uma vez virada a página, esquecemo-nos dele, às vezes, o destruímos...

E, no entanto, em 1988, 7% dos entrevistados responderam sim à seguinte pergunta: "Ao longo dos 12 últimos meses você manteve um diário ou anotou suas impressões ou reflexões?" A pesquisa, feita pelo Ministério da Cultura, se destinava aos franceses de mais de 15 anos. Isso significa que cerca de três milhões de pessoas recorrem à escrita para acompanhar suas vidas. Em 1997, à mesma pergunta, o número de respostas afirmativas subiu para 8%. Não se trata, portanto, de uma prática em vias de extinção! Não dispomos de nenhum dado antes de 1988, mas podemos formular a hipótese de que hoje se mantêm mais diários do que no século 19 e que há uma ligação entre a prática do diário e o grau de escolaridade dos adolescentes. O prolongamento da escolaridade obrigatória de 14 para 16 anos, decretada em 1958, mantendo fora da vida ativa, com cadernos

debaixo do braço, um número considerável de adolescentes, certamente favoreceu a expansão do diário.

A análise dos resultados mostra efetivamente que a prática decresce com a idade: 13% entre 15 e 20 anos, 11% de 20 a 24 anos, 8% de 25 a 54 anos, 6% depois... Essa curva descendente se observa também em outros tipos de escrita. É claro que se pode, por necessidade, começar um diário em qualquer época da vida. Mas há mais chances na adolescência. Principalmente entre as meninas. A diferença entre meninas e meninos é enorme: entre 15 e 19 anos, 19% das meninas declaram ter um diário, contra 7% dos meninos. Se a pesquisa tratasse da faixa etária de 10 a 14 anos, a diferença teria sido ainda maior: nessa idade, o diário é para as meninas uma cultura de grupo e um rito de iniciação, ao passo que a maioria dos meninos vê a prática com indiferença ou hostilidade ("é coisa de menina"). Na idade adulta, a partir dos 25 anos, as coisas se equilibram, com uma leve predominância feminina. Nada demais: de maneira geral, as mulheres escrevem e lêem mais do que os homens.

Por que essa paixão das meninas pelo diário na adolescência? Seria natural, cultural, ou ambas as coisas? Em todo o caso, isso corresponde a um condicionamento histórico: no século 19, na França, conforme veremos, as meninas eram sistematicamente estimuladas a manterem um diário, muitas vezes inspecionado pelos educadores. Ainda hoje, damos a elas, no Natal ou nos aniversários, caderninhos com cadeado, o que raramente fazemos com os meninos.

Existiria um perfil psicológico do diarista? É pouco provável, porque, como veremos mais adiante, a prática do diário responde a motivações variadas. Encontramos entre os diaristas a mesma variedade de personalidades que entre os não-diaristas – ainda mais que se é diarista por acaso, não por essência, e porque cada um inventa seu próprio caminho nesse gênero do qual existem talvez modelos, mas nenhuma regra. É claro que os diaristas têm, apesar de tudo, em comum, o gosto pela escrita e a preocupação com o tempo.

Existiria um perfil social? Sim, uma vez que o diário é mais freqüente entre pessoas instruídas, ou que moram em cidades. O sociólogo Bernard Lahire, em pesquisa feita entre pessoas "de baixo capital cultural", ficou impressionado com o grau de incompreensão em relação à prática do diário, considerada

como uma hipocrisia: quando temos alguma coisa para dizer aos outros, devemos fazê-lo! Escrever sozinho, em seu canto, coisas que ninguém nunca vai ler pode parecer anormal.

Estaríamos, hoje, nos refugiando nos diários porque os laços de parentesco se afrouxaram? Para compensar a pulverização e a despersonalização da vida social? Podemos formular as coisas de outra maneira: o movimento atual se inscreve em uma longa evolução. Desde a Antigüidade, no Ocidente, assistimos a uma progressiva individualização do controle da vida e da gestão do tempo. É o que já se chamava antigamente de "foro íntimo", bela expressão que designa a passagem de uma jurisdição externa e social (fórum) a um tribunal puramente interior e individual, o da consciência. O desenvolvimento atual do diário corresponde talvez a essa delegação de poder: cada indivíduo tem de administrar a si mesmo, com seu próprio setor de contenciosos e seus próprios arquivos.

O DIÁRIO E O TEMPO

O que é um diário? A palavra nos diz, em primeiro lugar, que é uma escrita quotidiana: uma *série de vestígios datados*. Vamos esquecer por um momento a expressão francesa *journal intime* (diário íntimo). Em alemão, diz-se apenas: *Tagebuch*. Em inglês: *diary*. Em espanhol e em italiano, *diario*, em português, *diário*. Em francês, especificamos "íntimo" para evitar a confusão com a imprensa quotidiana, problema que não existe em outros lugares. Mas a intimidade só entrou de fato mais tarde na história do diário, não passa de uma modalidade secundária. Assim, se devemos acrescentar um adjetivo, falemos de *journal personnel* (diário pessoal). Em grego, se dizia *efemérides* (de *hemera*, o dia), em latim, *diarium* (de *dies*, o dia). A palavra *diaire* existia ainda no francês antigo, ela desapareceu no século 16, tendo persistido nas outras línguas românicas e no inglês. Recentemente, tomamos emprestado do inglês o substantivo *diariste*, porque nossa língua não tem nenhuma palavra para designar a pessoa que mantém um diário (*journaliste* (jornalista) já tem outro uso, *intimiste* – intimista – é muito restrito): o empréstimo nada mais é, na verdade, do que uma volta à tradição perdida. Quanto à palavra *journal*, tratava-se originalmente de um adjetivo (*diurnalis*) que queria

dizer *quotidien* (quotidiano). No século 16, ainda se falava em *registres journaux* (registros diários) ou em *papiers journaux* (papéis diários), depois simplesmente em *journal* (jornal) ou *journaux* (jornais).

A base do diário é a *data*. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever. "Quarta-feira, 2 de março de 1898", escreve Catherine Pozzi.[2] Johann Heuchel é ainda mais preciso: "5. 4. 91 – sexta-feira, dez para a meia-noite."[3] Chamamos "entrada" ou "registro" o que está escrito sob uma mesma data. Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia.

O diário é um *vestígio*: quase sempre uma escritura manuscrita, pela própria pessoa, com tudo o que a grafia tem de individualizante. É um vestígio com suporte próprio: cadernos recebidos de presente ou escolhidos, folhas soltas furtadas ao uso escolar. Às vezes, o vestígio escrito vem acompanhado de outros vestígios, flores, objetos, sinais diversos arrancados à vida quotidiana e transformados em relíquias, ou desenhos e grafismos. Quando se lê "o mesmo texto" impresso em um livro, será de fato *o mesmo*? Assim como as obras de arte, o diário só existe em um único exemplar.

O diário é uma *série* de *vestígios*. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma seqüência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento-origem. O vestígio único será não um diário, mas um "memorial": Blaise Pascal anotou um único momento de sua vida, a iluminação da segunda-feira 23 de novembro de 1654, em um papel datado que trazia costurado à dobra do gibão até a sua morte. Já o diário se inscreve na duração. A série não é forçosamente quotidiana nem regular. O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas...

Essa primeira definição deixa de lado a *destinação*, o *conteúdo* e a *forma* do diário. Ela delimita o núcleo fixo, o que há em comum entre o livro de contabilidade do banqueiro Jucundus, encontrado em Pompéia, e os diários de Catherine Pozzi ou de Johann Heuchel: o controle do tempo. A destinação dos diários variou muito ao longo da história. No início, os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem também na esfera privada, depois individual, e, enfim, na mais secreta intimidade. Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa. Os únicos traços formais invariáveis resultam da definição aqui proposta: a fragmentação e a repetição. O diário é, em primeiro lugar, uma *lista de dias*, uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo. Mas ele também foi capaz de se transformar em outra coisa...

O DIÁRIO E A PESSOA

Desde o fim do século 18, o diário se pôs a serviço da pessoa. Prova disso são as meditações de Eugène Dabit sobre as múltiplas funções de suas cadernetas.[4] Ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida. O texto que se confia assim ao papel é um vestígio dessa conduta. Qual seria sua utilidade?

CONSERVAR A MEMÓRIA

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou 20 anos, reencontrar os elementos de meu passado: os que anotei e os que associarei a eles em minha memória (de tal forma que ninguém poderá ler meu diário como eu). Terei um rastro atrás de mim, legível, como um navio cujo trajeto foi registrado no livro de bordo. Escaparei desse modo às fantasias, às reconstruções da memória. Terei minha vida a minha

disposição. Talvez nunca mais ou raramente abra esses cadernos: mas sei que poderei fazê-lo. Além disso, a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma "identidade narrativa" que tornará minha vida memoriável. É a versão moderna das "artes da memória", cultivadas na Antigüidade. O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, "disco rígido" e memória viva.

SOBREVIVER

Mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro. Mesmo secreto, a menos que se tenha coragem suficiente para destruí-lo, ou para mandar enterrá-lo consigo, o diário é apelo a uma leitura posterior: transmissão a algum *alter ego* perdido no futuro, ou modesta contribuição para a memória coletiva. Garrafa lançada ao mar. E também investimento: o valor de informação de um diário aumenta com o tempo. É como um seguro de vida que se alimenta tostão por tostão, dia após dia, com depósitos regulares. Não sabemos o nome da "pequena burguesia parisiense" de quem se conservam as 24 agendas na Biblioteca Nacional da cidade de Paris, mas sua voz, com todo o seu frescor, interpela o nosso ano 2000 das profundezas do século 20.

DESABAFAR

O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real. Ele contribui, modestamente, para a paz social e o equilíbrio individual. Esse primeiro jato é também um rascunho das palavras ou dos atos que se sucederão na realidade. Os cadernos e agendas de Nathalie Parseihian, com suas cores, desenhos, linhas de fuga, superposições dão uma boa idéia desse fervilhamento imediato da vida que o papel pode acolher.

CONHECER-SE

O papel é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento. E a imagem que fazemos de nós tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, repetindo-se ou transformando-se, fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas. É certo que só é possível viver com alguma auto-estima, e o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva. Mas ele também pode ser espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção. No diário, o auto-retrato nada tem de definitivo, e a atenção dada a si está sempre sujeita a desmentidos futuros. A aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração, ainda mais que esse conhecimento de si não é uma simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher e agir.

DELIBERAR

Esse exame não se refere apenas ao que é, mas também ao que será: o diário está voltado para o futuro. Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã. Há em mim debate e diálogo: passo a palavra às diferentes vozes de meu "foro íntimo". Essas discussões podem se repetir, levar a uma decisão ou, ao contrário, estimular a hesitação. Mas escrever força a formular os desafios e os argumentos, deixando vestígios que poderão ser repensados. O diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão. Esse controle do comportamento foi um dos maiores argumentos dos primeiros cristãos a favor do exame de consciência escrito, e os diários de retiro terminam sempre com "resoluções". O diário não é forçosamente uma forma de passividade, mas um dos instrumentos da ação.

RESISTIR

Como "agüentar" quando a vida submete-nos a uma prova terrível? Como transformar o "foro íntimo" em campo de defesa onde recuperamos as energias e buscamos forças? O diário pode trazer coragem e apoio. Johann Heuchel, que pode ser comparado a Hervé Guibert[5] e a Anne Frank, iniciou o seu para suportar a espera de um transplante, sua única esperança de sobreviver.

Alfred Dreyfus começou um caderno um dia depois de sua chegada à Ilha do Diabo, onde viveria em condições morais e físicas opressivas. Através dele, Dreyfus pôde admoestar-se, restabelecer uma ligação imaginária com os ausentes, perscrutar o tempo e manter a dignidade.[6]

PENSAR

As cadernetas de Sartre, mantidas entre setembro de 1939 e março de 1940, nos mostram uma outra dimensão do diário: a criação.[7] Sartre, como Dreyfus, começou a escrever para enfrentar uma provação – a convocação que transformou o intelectual em soldado. Mas a prática acabou sendo uma oportunidade para se lançar em um trabalho original, fazendo da observação da vida quotidiana um laboratório para comprovar a validade das idéias que iria expor em *O ser e o nada.* A forma do diário desloca a atenção para um processo de criação, torna o pensamento mais livre, mais aberto a suas contradições, e comunica ao leitor a dinâmica da reflexão tanto quanto seu resultado. Já no início do século 19, Pierre-Hyacinthe Azaïs[8] havia entendido e teorizado essa nova dinâmica. Essa estética do rascunho e da gênese explica em parte a progressiva integração do diário, desde o século 19, ao cânone dos gêneros literários, e o gosto do público pelos cadernos de escritores, ou pelos pensadores que, de Joseph Joubert[9] a Emil Cioran,[10] fundiram diários e máximas e dataram seus pensamentos. De maneira geral, pode-se dizer que, em muitas atividades humanas, o diário é um *método de trabalho.*

ESCREVER

Mantém-se enfim um diário porque se gosta de escrever. É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar. Um caderno no qual nos contamos – ou folhas que mandamos encadernar – é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá. O prazer é ainda maior por ser livre. Qualquer um se sente autorizado a manejar a língua como quiser, escrever sem medo de cometer erros. Pode-se escolher as regras do jogo. Ter vários cadernos. Misturar os gêneros. Fazer de seu diário, ao mesmo tempo, o observatório da vida e o ponto de encontro

de seus escritos. Um diário raramente é corrigido e, no entanto, tem-se a impressão de progredir. O diarista não tem a vaidade de se acreditar escritor, mas encontra em seus escritos a doçura de existir nas palavras e a esperança de deixar um vestígio.

SERÁ BOM OU RUIM?

Nossa definição se transformou em discurso de defesa: o diário estaria sendo atacado? Precisaria ser defendido? Sim, existe na França um debate em torno do diário e, de maneira geral, um incômodo diante da escrita autobiográfica. Nos países anglo-saxões ou germânicos, por exemplo, o clima é diferente. O diário é como o ar que se respira. Fala-se dele sem nenhum problema. É estudado há muito tempo pela crítica e não suscita polêmicas. A primeira hipótese seria que a prática do diário foi incentivada pelo protestantismo. De maneira geral, no norte da Europa, o indivíduo adquiriu cedo o hábito de preocupar-se consigo mesmo, em uma ambiência ao mesmo tempo prática e exigente, ao passo que no sul da Europa e na bacia do Mediterrâneo prestar atenção em si continua parecendo suspeito. Sem dúvida, é uma visão bem simplificada. Mas, na verdade, não há na França a tradição do diário espiritual na época clássica (séculos 16 e 17). Em 14 de julho de 1762, em uma carta a Sophie Volland, Diderot expõe como sendo uma utopia a idéia de se escrever um diário pessoal, ao passo que, na Inglaterra, um século e meio antes, isso já era uma realidade. Em 1887, a publicação dos diários de Maria Bashkirtseff[11] e dos Goncourt[12] desencadeou polêmica. Na França, foi preciso esperar 1952 para se ler uma obra crítica dedicada ao diário, e ainda por cima a autora, Michèle Leleu, era uma psicóloga e o abordava pelo viés da caracterologia...[13] O paradoxo é que esse gênero suspeito é apesar de tudo muitíssimo praticado e, às vezes, chega a despertar suspeita até mesmo em quem o pratica: a desconfiança de outrem pode gerar culpa.

Será bom ou ruim? Na verdade, é como forma de debate interior, de uma espécie de exame de consciência que o diário é questionado. Roland Jaccard publicou uma pequena antologia das reflexões de Henri-Frédéric Amiel (1821-1881) sobre o seu próprio diário: o "contra" ganha de longe do "a favor".[14] Jules Romain,

no tomo XVIII de *Les hommes de bonne volonté* [Os homens de boa vontade], intitulado *La douceur de la vie* [A doçura de viver] (1939), imagina que seu herói, Jallez, pensando em fazer um diário, passa em revista sistematicamente os argumentos nos dois sentidos, e dessa vez é o "a favor" que vence.[15] Mas paralelamente a esses debates diversificados, encontramos textos severos, como o breve ensaio de Maurice Blanchot, em *Le livre à venir*[16] [O livro por vir], ou o romance satírico do escritor franco-americano Harry Mathews, *Le journaliste*[17] [O diarista]. Vamos ouvir a acusação antes de resumir o debate.

> Amiel: Se os carnívoros já são uma caça medíocre, porque vivem de outros seres vivos, o animal que vivesse dele próprio seria, sem dúvida, o pior de se comer. Um gato que corre atrás da própria cauda é, por outro lado, um bicho bem ridículo. Pois bem! um diário nos mostra justamente um indivíduo entregue a essas duas ocupações estéreis, perseguir-se ou degustar-se.[18]

> Blanchot: Há no diário como que uma feliz compensação de uma dupla nulidade. Quem não faz nada na vida, escreve que não faz nada e pronto, é como se houvesse feito alguma coisa. Quem se deixa desviar da escrita pelas futilidades de seu dia, recorre a esses nadas para contá-los, denunciá-los ou se comprazer e, pronto, mais um dia cheio... Finalmente, portanto, não se viveu nada, nem se escreveu, duplo fracasso a partir do qual o diário encontra sua tensão e sua gravidade.[19]

Manter um diário significaria portanto enclausurar-se em si mesmo, seria um sinal de desinteresse pelo mundo e de esterilidade. Os grandes gênios criadores não manteriam diários. No entanto, existem diários apaixonantes do século 19: Stendhal,[20] Eugène Delacroix,[21] Jules Michelet,[22] Victor Hugo,[23] Barbey d'Aurevilly,[24] dos quais dificilmente podemos suspeitar de falta de imaginação criadora e de interesse pelo mundo. E, depois, por que a exploração psicológica e a aventura espiritual não seguiriam outras vias, diversas da ficção ou das construções clássicas? O diário talvez esteja na origem de uma nova estética, poética e existencial, baseada na fragmentação e na vibração.

A prática do diário seria própria a temperamentos fracos ou personalidades perturbadas. Isso pode ocorrer, mas o inverso também. Sem dúvida, um dos efeitos da publicação, em 1947, do

Diário de Anne Frank foi derrubar de modo brilhante esse preconceito. É difícil encontrar alguém com maior força de caráter, mais vigor e vontade de viver do que aquela jovem adolescente que se constrói escrevendo seu diário em circunstâncias extremas.

O diário seria, enfim, uma forma de covardia com relação ao outro, um desvio hipócrita, "punhalada a distância", "bomba-relógio", como diz Jallez, o herói de Jules Romain.[25] O argumento, dessa vez, é pertinente, e este é um dos verdadeiros perigos, ou uma das verdadeiras, mas em geral involuntárias, fraquezas das publicações póstumas. Mas ela é compensada por uma espécie de efeito bumerangue: a agressividade raramente agrada ao leitor, feito refém de querelas que não lhe dizem respeito.

O diário é simplesmente humano. Tem suas forças e suas fraquezas. E as formas que assume, as funções que preenche são tão variadas que é bem difícil tratá-lo como um todo. Um dos objetivos desse livro é acabar com os preconceitos, que se baseiam muitas vezes em um conhecimento livresco, pouco extenso, e, às vezes, em inquietações provocadas em cada um de nós por nossa própria interioridade e pelo vertiginoso escoamento do tempo.

[Este texto corresponde ao capítulo introdutório, "Un journal à soi", de BOGAERT, Catherine; LEJEUNE, Philippe. *Un journal à soi*. Historie d'une pratique. Paris: Textuel, 2003. p. 8-11.]

COMO TERMINAM OS DIÁRIOS?

A idéia deste estudo[1] me veio quando estava preparando a exposição *Un journal à soi* [Um diário todo seu] (APA e Biblioteca municipal de Lyon, setembro-dezembro de 1997). Minha decisão era didática: o formato da exposição seria o de uma *narrativa*, seguiria as fases da vida de um diário, como na escola, antigamente, nos contavam a história de um pedaço de pão, seu trajeto dentro do corpo. Uma narrativa, dirá Aristóteles, deve ter começo, meio e fim, calcados, no nosso caso, naqueles do processo representado.

O que é o fim de um diário?

O problema aflorou em três momentos do percurso:

- o começo de um diário é quase sempre destacado: é raro que se comece sem dizê-lo; demarca-se de uma maneira ou de outra esse novo território de escrita: nome próprio, título, exergo, pacto, apresentação pessoal; os materiais dos quais dispúnhamos eram abundantes – e nos perguntamos, então, se existiam paralelamente rituais de encerramento; divertindo-me em analisar, à margem da exposição, quatro começos de diário (Stendhal, Constant, Guérin, Amiel) em *Les brouillons de soi* [Os rascunhos de si], deparei-me com a mesma pergunta;[2]
- na seção sobre o tempo, cotejamos a primeira e a última página de diários mantidos ao longo de toda uma vida: os de Amiel[3] (1839-1881), de Jehan Rictus[4] (1898-1933) e de Claude Mauriac[5] (1927-1995), mas nosso objetivo era mostrar a duração gigantesca de uma existência e tornar visível a transformação da escrita e não, de fato, meditar sobre um encerramento cujo autor muitas vezes não é o próprio diarista: ele não sabia que aquela página seria a última...
- ao fim de nosso percurso, nos vimos brincando com a idéia de fim, separando esses fins *de facto* (a maioria) que não foram vividos como tal, para tentar recuperar o fim como *ato*, de todas as maneiras possíveis:

  a) a interrupção (de um diário aliás conservado);

  b) a destruição (cláusula enérgica e definitiva);

  c) a releitura (anotação posterior, temas, índice);

  d) a publicação (transformação que pressupõe alguma forma de encerramento).

E aí começa a vertigem. À simplicidade do começo se opõe o evanescimento do fim: a multiplicidade das formas (parar, destruir, indexar são atos diferentes, às vezes até opostos), a incerteza do ponto de vista (trata-se de quem escreve – e em que momento da escrita? – ou de quem lê?), a impossibilidade freqüente de apreender essa morte da escrita...

Nessa confusão, não adianta procurar ajuda nos livros clássicos sobre o diário, os de Michèle Leleu,[6] Alain Girard[7] ou Béatrice Didier[8], que não reconhecem o problema. Nem nos livros didáticos que, para concluir uma autobiografia, estão recheados de bons conselhos. Mas ninguém teria a idéia de ensinar como se termina um diário. Seria como escrever um tratado sobre o suicídio...

O fim escapa em geral à observação e, com isso, escapa também à reflexão, por duas razões bastante perturbadoras:

- porque não é praticamente nunca previsto no texto; raros são os diários que contêm um fecho: nesse sentido, a pequena antologia de fins na qual baseei meu estudo tem um lado teratológico: são exceções, sobreviventes, que dizem o indizível e falam pelos outros...
- porque, muitas vezes, o fim faz com que *não haja mais texto*: minha pesquisa de 1990 revelou a que ponto era freqüente a destruição, em geral, no momento de uma releitura.

A reflexão tropeça na confusão da própria idéia de "fim" e na multiplicidade dos pontos de vista que se pode adotar sobre ele.

Para desemaranhar esse novelo, destacarei, portanto, três dimensões:

- o fim como *horizonte de expectativa*: tentarei mostrar que o diário é vivido como escrita sem fim;
- o fim do ponto de vista de sua relação com a finalidade, ou antes com as *finalidades* possíveis do diário (distinguirei quatro, para as quais a idéia de fim é completamente diferente);
- o fim como *realidade*, o diário confrontado com a morte (voluntária ou involuntária) de seu autor.

Minha intenção é dividir essas dificuldades em tantas partes quantas forem necessárias para melhor resolvê-las – mas não, de fato, resolvê-las. Trata-se de três meditações sobre a escrita, a vida e a morte.

HORIZONTE DE EXPECTATIVA

"Continua... Continua no próximo capítulo...": não conhecemos o conteúdo do episódio, nem sabemos se ele já está escrito no Grande Livro, como diria *Jacques, o fatalista*; mas, quando escrevemos hoje, estamos nos preparando para conseguir viver amanhã e acolher, em uma situação de escrita já definida, a narrativa do que terá sido vivido. Toda escrita de diário pressupõe a intenção de escrever pelo menos mais uma entrada que, por sua vez, convocará a seguinte, e assim sucessivamente, sem fim... Tive a oportunidade de ler o diário de hospital do poeta Louis Guillaume, um caderninho inacabado.[9] Todos os dias, terminada a entrada, ele inscrevia provisoriamente a data do dia seguinte... Um dia, sem saber, escreveu a data da própria morte e o caderno ficou em suspenso... Por isso é reconfortante comprar, em janeiro, uma agenda: é um seguro de vida de um ano. O diarista se protege da morte através da idéia de continuação. A escrita de amanhã, por sua reduplicação indefinida, tem valor de eternidade. A intenção de escrever outra vez pressupõe a possibilidade de fazê-lo: entramos em um espaço fantasmático no qual a escrita se sobrepõe à morte – *post-scriptum* infinito...

Antes de seguir o fio dessa idéia, descartemos os diários com fim programado. Diários de férias, de viagem; diários de trabalho

ou de pesquisa; diário de retiro espiritual, gravidez etc. A limitação desses cadernos é ao mesmo tempo cronológica e temática: são diários parciais, dedicados a um período, e centrados em uma zona de experiência particular: o eu ultrapassa o campo do diário e sobreviverá a seu final. O problema do fim só é crucial nos diários "generalistas" escritos para acompanhar uma vida o maior tempo possível...

O diário generalista tem no entanto seus rituais de encerramento, mas de encerramento *parcial*, que pressupõem a continuação, uma espécie de *etapa*, com uma face aparente voltada para o passado e uma face virtual voltada para o futuro.

O encerramento pode intervir em *fim de período* (semana, mês, ano...) e comportar um resumo (informação) e/ou um balanço (apreciação) daquele período que se conclui. Essa atividade é muitas vezes programada pelo suporte: um espaço suplementar deixado ao fim de cada ciclo. Exatamente como o exame de consciência cristão, ou os recapitulativos de um sistema de contabilidade (como no método de Marc-Antoine Julien com os seus "Emplois du temps" [Usos do tempo]).[10]

O encerramento pode intervir em *fim de suporte*: chega-se ao fim do caderno, e é hora de dar uma olhada para trás antes de atacar o caderno seguinte. "E aqui se conclui esse caderno que contém 15 anos de minha vida", escreve Paule Régnier (15 de março de 1935): para ela, é hora de fazer um balanço que ocupa as últimas páginas, antes de atacar um novo caderno.[11] Simone[12] realiza ao fim do primeiro caderno um rito de passagem exemplar, destinado, segundo ela, a engendrar um "eterno retorno". Pode acontecer de o caderno ter sido personalizado e ter um nome próprio: despedimo-nos dele, começamos uma espécie de trabalho de luto. Assim a jovem Ariane Grimm não conseguia (mas é preciso!) se separar de seu pequeno "Cooper" querido.[13]

O fim do suporte pode ser adiado: não queremos deixar o caderno, escrevemos na capa, acrescentamos folhas; ou antecipado: aquele caderno que fica só no projeto, cheio de folhas em branco. A escolha do suporte está, às vezes, ligada à angústia diante da morte. O tamanho e a espessura do caderno escolhido não corresponde apenas a limites práticos. Se for grosso demais, nunca conseguirei terminar, o espaço excedente é o silêncio da morte. Se pequeno demais, vou tropeçar na palavra fim. A

preferência pelas folhas soltas, ou pelo espaço indefinido de um arquivo eletrônico, também se explica certamente pelo desejo de evitar a situação de fim: escapamos ao mesmo tempo da obrigação de preencher e da necessidade de parar.

Essa relação fantasmática com o tempo através do espaço se esvanece quando os diários são impressos e transformados em livros. Vocês sabem qual era o tamanho dos diferentes cadernos ou registros de Benjamin Constant?[14] Como compreender o fim em episódios do diário de Gide sem ter visto seus cadernos abandonados, revirados, relidos de trás para frente?[15]

Volto aos rituais de encerramento. Eles fazem parte da estrutura virtual do diário que chamarei "lançadeira", a oscilação entre o passado e o futuro; eles compartimentam o passado, como pôlderes protegidos por diques; e essa operação estruturante e protetora que faço hoje sobre ontem parece ser o modelo do que farei amanhã sobre o que escrevo hoje. O diário não é o registro de presentes sucessivos, aberto para um futuro indeterminado e fatalmente limitado pela morte. Desde o começo, ele programa sua releitura. Talvez não seja lido de fato, mas poderia sê-lo. É um sinal de radar que enviamos ao futuro e que sentimos misteriosamente voltar para nós. Sem essa presença do futuro, não escreveríamos. O diário não dá acesso à contingência de um fim absurdo, mas à transcendência de uma ou várias releituras futuras. Não o imaginamos terminado, mas o vemos antes relido (por nós) ou lido (por outros).

Lançadeira: vejo o diário como um invisível e gigantesco tear. Só há trama porque há malha. Mas ao invés de desenvolver a metáfora, vou construir um pequeno modelo da oposição e da complementaridade existentes, a meu ver, entre autobiografia e diário.

A autobiografia está virtualmente concluída desde o começo, uma vez que a narrativa que começamos deve terminar no momento em que escrevemos. Conhecemos o ponto de chegada da narrativa, uma vez que o estamos vivendo, e sabemos que tudo vai ser escrito para levar a esse ponto e explicar por que chegamos até ele.

Voltada para o passado, se algo lhe escapa, é a origem, não o término, que se desloca com a própria escrita. Mesmo se ele muda de lugar ao longo da escrita, continuarei a coincidir com ele. Estou sempre no ponto de chegada de minha narrativa.

O discurso sobre a autobiografia "interminável" (Béatrice Didier,[16] Louis Marin)[17] resulta de uma dupla confusão: entre autobiografia e biografia (não tratarei dela aqui) e entre autobiografia e diário. É enquanto diário que a autobiografia é interminável – da mesma maneira, é enquanto autobiografia que o diário pode ser "terminado". Toda autobiografia é terminável. Prova disso são os livros didáticos que dedicam longos capítulos aos rituais de encerramento. O fato de se sobreviver a sua autobiografia não passa de conseqüência do fato de que o ato de escrever, situado no tempo, só pode ser considerado na perspectiva do diário.

O diário é virtualmente interminável desde o início, uma vez que sempre haverá um tempo vivido posterior à escrita, tornando necessária uma nova escrita e que, um dia, esse tempo posterior assumirá a forma da morte.

Voltado para o futuro, se algo lhe escapa, é o término, não a origem, que se desloca com a própria escrita; quando alcanço o futuro, ele me escapa para se reconstituir mais além.

"Terminar" um diário consiste em isolá-lo do futuro e incorporá-lo às construções do passado.

O movimento que chamei "lançadeira" tem por função transformar periodicamente o diário em autobiografia. Provisoriamente resumido e avaliado ele conserva, no entanto, o estatuto de diário aberto a reinterpretações futuras.

Seria preciso inventar uma outra palavra (ou manter a mesma?) para designar na autobiografia o movimento de representação e de incorporação do tempo da escrita que, ao contrário, abre o texto para a dimensão virtual de um futuro sem fim, abertura provisória que será, assim que o fim da autobiografia estiver decidido, reincorporada como elemento do universo passado que teremos "fechado".

Existe evidentemente o diário puro, sem reconstrução autobiográfica, e, inversamente, a autobiografia pura, sem representação do tempo da escrita, e é isso que justifica a análise que acabo de fazer. Mas, com maior freqüência, a atitude complementar existe pelo menos enquanto vestígio ou componente menor: é uma questão de hierarquização ou de dominante.

Por fim, existem – muito raramente, na verdade – escritas que tentam se colocar em equilíbrio no centro do sistema, estabilizando a oscilação, para tentar escapar à morte. Quimérica

e vertiginosa tentativa. Substituir à evidência desastrosa ("E o instante em que falo já está longe de mim") o improvável milagre ("Foi encontrada. O quê? A eternidade").

Isso pressupõe neutralizar ou pôr a narrativa em segundo plano. Sem dúvida, a narrativa é necessária para a construção de nossa identidade, em direção ao passado, mas sua mania aristotélica de tender para um fim é... funesta. Três escritores, entre outros, tentaram fazê-lo. Michel Leiris, em seu diário (26 de setembro de 1966) sonhava em voz alta com uma escrita que não pudesse ser interrompida pela morte e acreditava ter encontrado a solução na forma musical da *variação*.[18] Claude Mauriac recompôs seu diário fazendo um acúmulo gigantesco de explorações labirínticas a partir de um presente submetido, ele próprio, à passagem do tempo, mas que ele integra e dispersa na montagem... Alguns de seus títulos, o da série (*Le temps immobile*) [O tempo imóvel] ou de um dos volumes (*L'éternité parfois*) [Às vezes, a eternidade], lembram necessariamente "Achille immobile à grand pas" [Aquiles correndo sem avançar].[19] Roger Laporte tomou outro caminho, que desafia a leitura, uma vez que tende a esvaziar sua escrita de qualquer conteúdo além dela própria...[20]

Diz-se freqüentemente que o diário se define por um único traço: a datação. A ordem cronológica é o seu pecado original – e o nosso. É também uma forma de escrita fragmentária, que pode ser comparada (e associada?) a outros gêneros fragmentários que mantêm relações diferentes com a idéia de fim: a variação, a lista...

Pensando bem, é verdade, no diário a idéia de continuação nos protege da idéia de fim... Se isso for ilusão, será muito diferente daquela que nos dá, a cada dia, coragem para viver a continuação de nossa vida?

Lembro-me do filme-diário de Dominique Cabrera, de título desiludido mas simbólico, *Demain, et encore demain* [Amanhã, outra vez amanhã]...[21]

Lembro-me do diário de Jean-Jacques Gautier, interrompido pela morte, ao qual deram como título uma de suas frases, *Mon dernier livre n'aura pas de fin* [Meu último livro não terá fim].[22]

FINALIDADES

Até aqui, raciocinei como se o diário fosse um todo, tomando como ponto de referência um diário "generalista", que acompanharia o curso de uma vida... Isso significa reduzir o gênero a uma de suas variantes, que não é a mais freqüente. Minhas investigações, e também a preparação da exposição, haviam revelado a extrema diversidade das formas e das funções, e, principalmente, o caráter passageiro e disperso das práticas ao longo de uma vida. São raras as pessoas que permanecem fiéis até a morte a um mesmo e único diário. Mantém-se um diário por uma semana, seis meses, um ano, por tal razão, para-se e recomeça-se, por outra razão, um diário muito diferente 15 anos mais tarde etc. São paixões passageiras, fogo de palha, há períodos com e períodos sem. O diário é, muitas vezes, uma atividade de crise: a descontinuidade lhe é habitual e se inscreve, aliás, no âmago de seu ritmo. Há duas escolas: os que, por questões de higiene mental ou método, escrevem todos os dias, sofrem quando saltam um dia, "recuperam" os atrasos, preenchem omissões; e os que escrevem, de maneira mais ou menos regular, quando têm necessidade. Nesse caso, que é o mais freqüente, como saber se um diário está "terminado"? Suponhamos que eu não tenha escrito nos últimos três meses. Retomo a caneta e, em alguns segundos, a continuidade da escrita cicatriza o buraco. Ou então, não a retomo, mas penso no diário, compondo, às vezes, em minha cabeça, entradas que não escrevo – tudo fica em suspenso. Ou então esqueço completamente que tinha um caderno e só me dou conta de que "terminou" ao encontrá-lo três anos mais tarde dentro de uma gaveta.

Vou, portanto, retomar a análise sob outro prisma. Diferenciarei quatro funções do diário, sem esquecer que pode haver outras e que um diário real preenche várias funções ao mesmo tempo. Trata-se da expressão, da reflexão, da memória e do prazer de escrever.

Exprimir-se: dividirei essa primeira função em duas, desabafar e se comunicar.

Desabafar: descarregar o peso das emoções e dos pensamentos no papel. Essa pulsão pode estar associada à de conservar, mas tem afinidades ainda maiores com a pulsão de *destruir*. Pôr no

papel já é se separar, se purificar, se lavar: em uma segunda etapa, pode-se levar a purificação a termo livrando-se do papel. Em geral, o gesto não está previsto desde o início: é na releitura posterior, ou quando se depara com o papel, por acaso, anos depois, que o irremediável acontece. Digo irremediável porque muitas vezes lamentamos esse pequeno suicídio... Mas para alguns diaristas, a destruição, prevista desde a origem, está programada ritualmente e com data marcada. Fiquei muito espantado quando encontrei o primeiro caso desse gênero, mas, desde então, cruzei com muitas outras pessoas que destroem regularmente e continuam a escrever. O eu futuro está liberado do peso do passado pela destruição, depois que o eu presente foi aliviado pela escrita. A função de expressão é dissociada da função de memória – podemos dizer que está associada a uma função de esquecimento. A lógica é a da muda. Deixamos nossas peles velhas para trás. Livramo-nos delas para renascer! Como Fênix! O ato em si seria melancólico? Alegre? Relemos? Escrevemos nosso gesto no início do diário seguinte que, por sua vez, jogaremos fora? Trata-se muitas vezes de rituais anuais – uma espécie de grande faxina, recomeçamos mais leves.

Comunicar-se: esvaziamos o coração no papel porque estamos sós, por não poder esvaziá-lo em um ouvido amigo. Querido diário, querida Kitty. O "fim" do diário pode advir simplesmente porque esse problema foi resolvido: encontramos uma pessoa com quem podemos falar ou a quem podemos escrever. Durante uma fase intermediária, o diário pode ser lido por essa pessoa. O exemplo canônico é o diário de adolescência que se interrompe no limiar de um grande amor ou do compromisso definitivo. O diário tem todas as chances de ser conservado, ou mesmo dado ao novo confidente de carne e osso e capaz de responder... E a carta ou o diálogo quotidiano tomarão o seu lugar.

Refletir: duas faces também – analisar-se, deliberar. O diário oferece um espaço e um tempo subtraídos às pressões da vida. Refugiamo-nos nele, tranqüilamente, para "desenvolver" a imagem do que acabamos de viver e meditar. E para examinar as escolhas que devemos fazer. Um diarista como Amiel começou inclusive um caderno especial dedicado a suas deliberações (matrimoniais). Essa atividade de reflexão, em diários de longa duração, está muitas vezes associada às funções de expressão e de memória. Mas representa o centro de diários mantidos em momentos de

crise. Um diário de crise está, se posso dizer assim, em busca de seu próprio fim. Buscamos uma maneira de sair da crise e, conseqüentemente, do próprio diário. É o caso do pequeno diário mantido por Benjamin Constant em 1803, intitulado *Amélie et Germaine* (será que deveria desposar Amélie para escapar de Germaine?).[23] Constant confeccionou um caderno bem fino, que dividiu desde o início em capítulos numerados. O fim estava próximo: não se casou com Amélie, mas a narrativa foi concluída. Dizem que análise é "interminável". Mas também que podemos fazê-la em "fatias". Essas fatias devem ser cortadas em algum momento. Abandonamos, portanto, certamente, um caderno, como abandonamos um analista...

Fixar o tempo: construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento, dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam... Evidentemente, essa é a função fundamental em relação ao problema que estamos examinando. A maior parte dos textos de meu *corpus* gira em torno desse problema. O diário ideal (se posso dizer assim!) só teria um fim vindo de fora. Sua lógica é a da coleção. A série colecionada, ganhando uma unidade por dia, está sempre incompleta. Parar o registro é um fracasso relativo, destruí-lo, um fracasso absoluto – pelo menos nessa perspectiva. Abordarei melhor o assunto na última parte quando tratar da morte e do suicídio.

Sentir prazer em escrever: pois escrevemos também porque é agradável. É delicioso dar forma ao que se vive, progredir na escrita, criar um objeto no qual nos reconhecemos. Mas diferentes formas de escrita podem satisfazer essa necessidade e entrar em concorrência. Assim, abandonar o diário quando sua função principal não é a de memória e quando ele não é a única forma de escrita não tem nada de dramático. O fluxo de energia envolvido nessa prática pode tomar outra direção. Freqüentemente, ouvimos escritores (principalmente homens, aliás) dizerem que o diário é um desperdício de tempo, bom para períodos de entressafra entre dois projetos de escrita. A interrupção não passa então de uma saudável medida administrativa que assegura um melhor rendimento ao resto da máquina. Pode acontecer também que o enfraquecimento do diário, laboratório da obra toda, acarrete ou acompanhe o lento abandono, ou a diminuição do ritmo, da própria obra, como foi o caso de Loti[24] ou Leiris.[25] Existem,

sem dúvida, outros tipos de articulação entre diário e escrita de criação que fazem do "fim" do diário um problema menor, ou uma variante de uma questão mais vasta, o fim da escrita.

Passar em revista as funções do diário torna menos dramático o problema de seu fim: é uma forma de reinseri-lo no fluxo da vida. Sua função deixa de ser apenas enfrentar a ameaça da morte: ele passa a participar dos fluxos de investimento e de desinvestimento, se submete a interrupções e retomadas... Às vezes, sentimos nosso diário se apagar, se desfazer, se dissolver, continuamos a mantê-lo, mas com menos convicção. Sentimos repugnância por ele, o resultado nos deixa consternados, as repetições nos enojam, nos surpreende tê-lo mantido, é como se acordássemos de um sonho: isso ocorre porque mudamos. Alguma coisa morreu dentro de nós, talvez um destinatário virtual, do qual não tínhamos de fato consciência, mas cujo desaparecimento faz desabar o edifício. Ou, inversamente, um diário morre de morte violenta porque encontrou um leitor indesejado. É o trauma da violação, tão freqüente na adolescência, de um diário lido por pessoas próximas, que elimina durante anos, às vezes para sempre, toda e qualquer possibilidade de escrita pessoal. Ou, ainda, o encerramento do diário decorre de uma *restrição imposta à escrita*: esse diário, que evoca uma experiência específica, deve ser concluído antes do domingo que vem, ou daqui a um mês, sem falta. A antecipação da queda faz parte, nesse caso, do que parece ser o extremo oposto das práticas comuns do diário: um trabalho de composição. Já fiz isso várias vezes com diários destinados ao público (em *Le moi des demoiselles*, ou quando editei o diário de Lucile Desmoulins),[26] mas também, na esfera privada, com meus próprios diários. Improvisamos de acordo com as surpresas do cotidiano mantendo o rumo em direção à queda programada. É muito estimulante. Esse prazer de *fechar* não existiria, aliás, no nível mais elementar, quando o diarista prepara a *queda* de uma entrada?

Chega o dia, entretanto, em que a queda não é mais uma questão de retórica. O fim da escrita e o fim da vida se perfilam juntos no horizonte. O leque de possibilidades se fecha, lenta ou bruscamente.

FINS

Obstinação. Sabe-se que o fim está próximo. Já mantínhamos um diário quando a doença ataca bruscamente (Mathieu Galey)[27] ou se instala progressivamente (Amiel):[28] o diário se transforma em campo de batalha contra a morte. Ou então nunca havíamos mantido um diário e a própria idéia de anotar todos os dias nosso combate (Johann Heuchel)[29] ou, de vez em quando, nossa decadência (Alphonse Daudet)[30] aparece como um meio de suportá-la. Obstinação. Somos a cabra do senhor Seguin. Diante do extremo, o diário se transforma em instrumento de luta: poupamos aos outros o que escrevemos em segredo. Não devemos sobrecarregá-los para que possam nos apoiar. Ao mesmo tempo, eles são convocados como testemunhas imaginárias desse combate a portas fechadas: um dia, depois, lerão o diário. Ao fim da vida individual se opõe a continuação da espécie, que a leitura conecta em minha agonia. Enquanto escrevo, ainda estou vivo. E depois, naquele momento em que meu corpo está sendo destruído, reconstruo-me através da escrita, anotando essa destruição. Eu, que sofro, torno-me novamente ativo, dou a volta por cima. Esse domínio não é imaginário, mesmo se não me poupa da morte. Lucidez. Humor negro. Imagem intacta de si. Talvez o diário, como antigamente a religião, ajude às vezes a ter uma "boa morte".

Resignação. Desistimos, abandonamos a pena. Não contamos com todas as nossas forças para enfrentar o quotidiano. É preciso, provavelmente, fazer uma distinção entre a agonia (queríamos continuar, mas não podemos: a última entrada do diário de Amiel é do dia 29 de abril de 1881, ele morreu no dia 11 de maio) e o envelhecimento: poderíamos, mas não queremos.[31] Um diário regular termina, dessa maneira, sem dizer nada. Muitas vezes, começa a rarear, se dissolve. Às vezes, o próprio diarista constata o enfraquecimento (Virginia Woolf, 15 de janeiro de 1941).[32] Às vezes, ato patético, o abandono é tematizado na última entrada, há uma cerimônia de despedida. Ato contraditório e difícil, uma vez que se reconhece pelo próprio ato o valor do que se abandona. Acontece de ele ser retomado várias vezes, como um ator que nunca termina de fazer sua última apresentação. Reduzimos a atividade, nos aposentamos. Daí em diante, avançamos a descoberto, sem o escudo da escrita, em direção à morte.

Obstinação, resignação. Aqui, posso apenas esboçar essa fenomenologia dos fins. Roger Martin du Gard e André Gide realizam a dois e comentam um certo número das possíveis figuras nessa dança hesitante à beira do silêncio.[33] Roger, que renunciou, olha para André que se obstina. A figura dos *ultima verba* é onipresente: fechar o seu diário no último suspiro com uma palavra final... Matthieu Galey sabia que o seu jogo de palavras sobre a *imaculada conceição* seria o último?[34] Gide havia preparado o fim de *Ainsi soit-il* [Que assim seja]?[35]

O diário do fim é uma luta contra o fim – até que o fim absorva o diário juntamente com todo o resto, dirão. Não, justamente: a morte pode me impedir de continuar meu diário, mas nada pode contra o diário em si. O papel tem o seu próprio ritmo biológico, se posso dizer assim. Ele sobreviverá a mim. Acabará por amarelar e se deteriorar, mas o texto que traz terá sua metempsicose, poderá mudar de corpo, ser copiado, editado. Vão me incinerar, reduzir meu corpo a zero. Vão me conservar, meu caderno permanecerá em uma estante de arquivos. Vão me publicar, multiplicar meu texto. Eu mesmo, que li tantos livros do passado ou manuscritos, escritos por velhos mortos, sei que a sobrevivência literária não é uma ilusão. Daí a importância dos testamentos. Se vocês desejam levar seus segredos para o túmulo, mandem colocar o diário dentro do caixão. Se preferirem sobreviver, escolham bem o testamenteiro. Senão, daqui a uma ou duas gerações, seu diário irá para a lata de lixo, ou acabará em algum brechó. Claro que não, vocês tomaram todas as precauções: vão morrer, mas seu diário, não.

Obstinação, resignação: é o mesmo casal que encontramos no suicídio. Um suicídio de fato bem-sucedido é silencioso, não tem outra linguagem além do próprio ato como signo enigmático. Mas muitos suicídios se prendem à vida por algumas palavras. Um em cada três, segundo um curioso estudo estatístico do século 19 (Brierre de Boismont): cartas ou notas, encontradas junto ao suicida, ou postadas por ele, muito breves, explicando, justificando, acusando, deplorando, dando adeus.[36] Lembro-me de uma notícia do *Libération* que me deixou estarrecido: uma jovem encontrada morta esmagada sobre o pedestal de cimento do último pilar da ponte da Normandia, após um salto de 40 metros, com o diário caído a seu lado... O diário, segundo a polícia, deixava "entrever intenções suicidas".[37] Sete dos textos de meu *corpus* tratam de suicídio: três veleidades ou tentativas

de adolescentes e quatro suicídios efetivos de adultos. O conflito trágico entre a aceitação da vida subentendida pela escrita e a recusa expressa pelo suicídio pode ser lido sob diferentes formas ao fim do diário. O máximo da contradição é a do poeta Rabearivelo (Madagascar), que mantém, minuto a minuto, o diário de seu suicídio, tentando escrever até o último segundo, morrendo com a pena na mão, deixando uma última palavra ilegível, talvez sua assinatura.[38] Mesma conduta, ainda mais minuciosa, do escritor Hubert Aquin (Québec) – tentativa de suicídio de 29 de março de 1971.[39] Paule Régnier previu seu suicídio para a meia-noite: ela data o último texto de 10 horas, e escreve a palavra "Fim", deixando o diário para trás antes de passar ao ato, que será executado fora da escrita.[40] Mais distância ainda no escritor Cesare Pavese, que põe fim ao seu diário no dia 18 de agosto de 1950, "não escreverei mais", sem fixar um prazo para seu "não viverei mais", executado nove dias depois.[41] Drieu La Rochelle anunciou seu suicídio, no dia 11 de agosto de 1944, e fracassou. No diário que retomou em seguida não anunciará a segunda tentativa, dessa vez, bem-sucedida.[42] Em todos esses casos, apesar de tudo, de uma maneira ou de outra, esses diaristas regulares anunciaram, e mais ou menos comentaram, seu suicídio no diário, destinado a sobreviver a eles. Provavelmente, existem diaristas que se suicidam *à revelia do diário*, deixando o caderno (ou seu futuro leitor) desamparado. "L. está podando os rododendros", escreve Virginia Woolf ao fim da entrada da segunda-feira, 24 de março de 1941. Na quinta-feira seguinte ela se mata, sem mais uma palavra.[43] Mas o suicídio total é o que acarreta a destruição do próprio diário, como foi o caso de Sylvie que relata o fato, em depoimento.[44]

A própria morte pode, enfim, escrever no diário. Ou pelo menos colaborar na escrita desviando a mão, cada vez menos segura, do diarista. São as últimas linhas balbuciantes, vacilantes, do diário de Catherine Pozzi (25-29 de novembro de 1934): a mente e a mão não mais obedecem.[45] É a última folha do diário de Claude Mauriac, que, perdendo a visão, constata que não pode mais se reler e pára: "ilegível" é sua última palavra, ela própria quase ilegível, um veredicto desesperado.[46] É a tinta preta que escorreu na última página do último caderno de Jehan Rictus – talvez ele tenha, ao morrer, virado o tinteiro, nunca saberemos –, tudo está perdido na sombra da morte.[47]

DEPOIS

Não existe depois. Concebi esse estudo como um mapeamento. Tratava-se de elucidar a idéia de "fim" no diário, de distinguir os tipos de situação de acordo com as funções do diário, de iniciar uma reflexão sobre essas questões. Tirei meus exemplos de diários que me eram familiares, consciente de que muitos outros, nesse campo imenso, teriam servido.

Pretendo trabalhar seguindo uma das pistas apontadas aqui. Será um estudo de genética. Se a aplicação do termo "genética" ao estudo de um diário pode parecer arriscada, em contrapartida, ele se impõe quando examinamos um texto *derivado*. O diário de Claude Mauriac é, a um só tempo, o material (ele é a fonte de toda a sua substância) e a oficina (é nele que é representado progressivamente o trabalho do autor) de uma obra revolucionária, *Le temps immobile*, cujo objetivo principal, a meu ver, é livrá-lo das necessidades do fim.[48] Começarei talvez pelo estudo do último capítulo do último volume da série, antes de percorrer a obra e o diário real para elucidar a gênese e a execução de um texto que se quer sem início nem fim.

[Este texto corresponde ao capítulo "Comment finissent les journaux", de LEJEUNE, Philippe; VIOLET, Catherine. *Genèses du "Je"*. Manuscrits et autobiographie. Paris: CNRS Editions, 2001. p. 209-221.]

COMPOR UM DIÁRIO

O QUE É UM DIÁRIO?[1]

Há 12 anos estudo o gênero e nunca pensei em defini-lo. Sei muito bem o que é um diário! Quando era adolescente, mantive um diário dos 15 aos 25 anos, parei durante um quarto de século e, aos 50, retomei. É muito simples, no papel, no computador, escrevemos a data, o que estamos fazendo, sentindo, pensando. Nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é obrigatório. É livre. A própria palavra "diário" é simples. Na pior das hipóteses, implicamos com o adjetivo "íntimo" que, em geral, lhe é justaposto – mas é apenas para evitar a confusão com a imprensa quotidiana. Não é como "autobiografia", uma dessas palavras estranhas, a respeito da qual as pessoas brigam emitindo conceitos, discutindo as mínimas sutilezas. Quando comecei a trabalhar com o gênero autobiográfico, por volta de 1969, foi preciso definir, opor, classificar. Suas fronteiras são tão porosas! Há tantos graus intermediários entre ela e a biografia, entre ela e a ficção, e tão poucas autobiografias "puras"! Aliás, como situar essa palavra erudita, inventada no fim do século 18, em relação às tradições mais antigas, em parte diferentes, das confissões e das memórias? Além disso, aos 31 anos, não havia escrito nenhuma autobiografia, era só um sonho. E agora, que tenho o dobro, 62 anos, me parece claro que não escreverei nunca, esse sonho não me tenta mais. "Autobiografia", no singular, me aterroriza. Como pude desejar essa utopia unificadora? Minha vida deve vibrar, formigar, continuar a evoluir, meu passado deve "trabalhar". Portanto, escrever textos autobiográficos, no plural, talvez, com certeza. Mas para tirar deles todo o desejo de hegemonia, o melhor é multiplicá-los e datá-los. Voltar, portanto, a uma nova forma de... diário!

Reencontro minha adolescência: minha terceira idade dá a mão à primeira.

Mas venho de longe... passei minha segunda idade desprezando o diário. De 1969 a 1986, publiquei seis livros sobre autobiografia sem nunca tratar dele.[2] A autobiografia significava ser grande. Quer dizer, adulto (finda a imaturidade) e escritor (escrever "bem"). Mas escrever bem quando se vive mal não significa trair? Quero dizer: escrever de forma ordenada, quero dizer: escrever de forma bem comportada e clara. Tenho uma recordação aterrorizante: a leitura, em 1969, das muito bem comportadas *Mémoires* [Memórias], de André Maurois, verdadeiro biógrafo de si mesmo, almofadinha, armário bem arrumado, jardim à francesa.[3] Minha vida não se parece com isso! Durante meus anos "autobiografia", procurei o modelo inverso, um "4 x 4" robusto capaz de enfrentar minha savana e meus desertos. Daí minha fascinação por Leiris e seu trançado poético de uma escrita sem fim. No início tentei, como ele, construir imensas tapeçarias de idéias e palavras. Mas não fazia o meu gênero. Meu gênero é o fragmento, outro viés que leva ao diário...

Como detestei meu pobre diário! Muitas vezes, aliás, essa é a definição de diário: um rosário de insultos. Falamos com franqueza e sem cuidados. É inútil explorar suas margens, seus limites, basta alinhar seus pecados capitais. Em 2000, arrumando minha mesa em Villetaneuse (minha universidade), deparo-me com uma folha de anotações, feitas no dia 20 de março de 1980. Era a preparação de... minha primeira aula sobre o diário! Vinte anos mais tarde! Pois bem, meus amigos, que saraivada! Xingo o diário de todos os palavrões... Ironia: essa folha, datada, funciona, agora, justamente como uma página de diário, me confrontando a um passado que minha memória poderia ter apagado. Quando se escreve um texto autobiográfico (é o meu caso hoje, domingo, 7 de maio de 2000, um dia cinzento mas agradável...), o melhor é não olhar para o passado. Ao contrário do que se diz, o diário é inimigo da memória, ele impede o passado de evoluir! É por isso, aliás, que tantos diários acabam na lata do lixo. Naquela época, portanto, eu era severo, mas justo. Minha descrição do diário é correta, meu julgamento, implacável. Sentem-se, escutem, tomem nota, vou repetir para vocês minha aula de março de 1980. Dentre os mais ou menos 30 estudantes que tinha naquele ano, imagino que houvesse muitas jovens diaristas que podem ter me achado muito duro, ou um pouco inibido. Claro que não. Elas devem

ter sentido em mim o apaixonado desiludido e o escrevinhador em fase de pesquisa, rondando em torno do diário com a idéia de retomá-lo. Minha punição será não mudar nada no texto que reproduzo *in extenso*.

20 de março de 1980. O diário íntimo. Notas e reflexões.

- Considerar o diário íntimo sob o prisma de sua *leitura*.
- Tomar como instrumento de observação do diário íntimo *o romance em forma de diário*, na medida em que ele tenta estabelecer um acordo entre o que o diário tem de específico (a vivência imediata, a contingência, o tempo não dominado, a indiferença quanto à comunicação literária) e o que o romance tem de específico (a reconstrução, o sentido, a comunicação). Ver minha análise sobre o *Horla*. Há um abismo entre o diário tal qual é *escrito* e o diário tal qual é *lido* (por um outro, ou até, depois, por si mesmo). O diário, que muitas vezes se apresenta como uma luta *contra* o tempo (fixar o presente etc. – preservar a memória), se fundamenta de fato na *abdicação* prévia diante do tempo (atomizado, despedaçado, reduzido ao instante). Há, na verdade, muitas concepções possíveis de tempo. E o diário reflete (mas só *depois*, na leitura) tanto a mais ingênua (nem dominada nem desejada) adesão ao presente, quanto uma certa abdicação.
- O verdadeiro e autêntico diário (quero dizer o diário *cândido*) é:
  - Descontínuo
  - Lacunar
  - Alusivo – a escrita íntima serve de *signo mnemônico* para quem escreve, "assim, vou poder me lembrar" – mas também de *outra coisa* além do que é escrito: qualquer página escrita contém em suspenso, mas apenas para aquele que a escreveu, toda uma "referência" à qual ele próprio, aliás, só tem acesso através dela e que não existe para nenhum outro leitor. "Eu me compreendo" – é como as fotos etc. Exatamente o contrário da comunicação literária.

- Redundante e repetitivo (seria o próprio exemplo da narrativa singulativa, levada às raias da loucura, incapaz de resumir, de subsumir o idêntico sob um conceito etc., preso nessa louca repetição que é a própria vida) – o fascinante do diário íntimo é que ele repete na escrita justamente aquilo do que a escrita deveria nos salvar – ele é, por essência, trágico.
- Não narrativo: é claro, cada seqüência conta etc., mas ele não é construído como uma narrativa com começo, meio e fim – nenhum fenômeno de *seqüência* como propõem Barthes, Brémond ou outros: *é escrito na ignorância do seu fim* e o trágico é que é sempre *lido* com conhecimento de seu fim, que pode, muitas vezes, ser simplesmente a morte...

Derivação: o caráter chocante dos três diários íntimos de adolescentes apresentados hoje.

- O início é sempre a decisão de começar a escrever (registro de nascimento da escrita).
- O fim vem: a) seja do exterior (nos nossos três exemplos, é a morte) – os diários de adolescentes só são publicados se eles morreram jovens, ou então muito tempo depois de terem se tornado famosos, ou se, já velhos, tentarem, eles próprios, tirar partido de seu passado; b) seja de uma espécie de decisão de não mais escrever (atestado de óbito da escrita, renúncia à escrita para entrar na vida – e esse é também, mais ou menos claramente, o caso de *L'herbe bleue*[4] e de Nina Kosterina[5]).

Donde a estrutura dramática desses diários e seu extraordinário sucesso (onde cessa a escrita, cessa também a vida...).

Mas, na maior parte dos verdadeiros diários íntimos, as pessoas sobrevivem, a morte não vem pôr um ponto final e *assinar* aquele que se torna um livro trágico.

O que fazer, então, para recuperar a própria vida?

Isso pertence obviamente à categoria do *ilegível*... se o adulto: a) abandona, mas encontra mais tarde os seus manuscritos; b) continua ao longo de toda a vida essa atividade demente.

Soluções para transformar em narrativa:

- usá-lo para escrever uma narrativa
- *fazer uma triagem e reescrever?*
- proceder a uma montagem (caso de Claude Mauriac).[6]

❖ ❖ ❖

Minha avaliação é severa e, embora correta, relativa: o diário é avaliado sob uma perspectiva que não é a sua, como *livro*. Levei muito tempo para me conscientizar disso. E para encontrar a resposta.

Passei por uma primeira conversão. Revejo as imagens de meu catecismo: São Paulo perturbado pela visão dos céus e caindo do cavalo... Comigo, foi menos espetacular. Uma noite, fiquei escrevendo a perder de vista, com as palavras mais simples, sem esquecer nenhum detalhe, o que deveria ser arrancado do esquecimento. Escrevia a mão, a tinta... Depois, durante três ou quatro anos, a máquina, com rapidez, corrigindo apenas bobagens sem importância... Voltei a ser adolescente e comecei também a reler meu diário de antigamente, depois me peguei copiando o começo, sem evitar a tentação de passá-lo um pouco a limpo... Ele era tão tagarela, tão desajeitado, às vezes tão enfático... Agora que eu sabia escrever, por que não lhe dar uma mãozinha?...

E, depois, nova conversão, o computador, que, no fim de 1990, chegou enfim à minha mesa. Eu tinha resistido durante muito tempo. Parecia complicado e eu tinha um pouco de medo. Virtude dos filhos que, hoje, educam os pais e lhes transmitem o futuro. Obrigado, meus filhos. Foi então que me converti e consegui encontrar solução para meus problemas graças ao teclado e à tela. Querida tela! Aconteceu de maneira indireta. Trabalhando em uma enquete sobre os diários de moças do século 19, eu mantinha um "diário de campo", onde anotava idéias, descobertas, pistas... Procedimento habitual, mas, na tela do computador, descobri esse diário com olhar de leitor: no fundo, meu próprio diário não seria mais interessante para o leitor do que o estudo que eu ia realizar e cuja forma procurava em vão? Em pouquíssimo tempo, tomei uma decisão: o rascunho seria um texto definitivo! Mas, nesse caso, tinha de ser um belo rascunho. E me vi então, pela primeira vez na vida, escrevendo um diário como se fosse um livro. Um diário *para um leitor*. Era um diário de verdade (nunca, no fim do dia, voltei atrás para apagar, acrescentar ou modificar), ele respeitava o pacto autobiográfico (eu acompanhava de perto o desenrolar de minha enquete e a evolução de minhas idéias), mas, também, levava em consideração a expectativa e o prazer

do outro. Evitei o implícito e as repetições. Procurei construir o texto a partir de anúncios e ecos, isto é, de variações musicais. Trabalhei o estilo, um pouco como se fosse Flaubert em Croisset (meu ideal). Nunca terminar um parágrafo sem verificar as assonâncias, o encadeamento dos ritmos. No papel, não o teria feito, mas, ali, tudo era fluido, o trabalho não deixava vestígios. Por outro lado, dei ao diário a estrutura de uma narrativa que, através de peripécias, tendia para um fim (entrevisto, mas incerto). Essas restrições são deliciosas. Todos os dias, com a cabeça e o coração fervendo com tudo o que tinha a dizer, instalava-me diante do computador, e elas me ajudavam a controlar a experiência do dia. Não foi um trabalho de ornamentação artificial ou uma comédia da sedução que me distanciavam do verdadeiro. Não há nenhuma verdade em escrever mal. O mais excitante era o *risco* que assumi: pois a partir do momento em que aquela página, longamente meditada, estivesse terminada, era proibido modificá-la. Eu não tinha direito a erros. Especialmente quanto à composição. Era preciso ter a intuição precisa dos caminhos que se abriam diante de mim. Uma escrita desse tipo ultrapassa o momento em que se escreve: ela trabalha dentro de nós durante todo o dia. Não é mais uma "técnica", mas se torna uma maneira de viver, uma ética. E, é preciso que se diga também, um prazer. É nisso, entre outras coisas, que vejo que não sou Flaubert (!). Nunca gritei de dor rolando no sofá porque a frase não vinha. Ela sempre acabava vindo, vai ver não sou muito exigente...

O mais excitante foi *terminar*. Porque a idéia de "terminar" é estranha ao diário. A última palavra de um diário que acompanha uma vida é a morte. Mas nesse caso, minha empresa era limitada, se parecia um pouco com um diário de viagem, ou de férias, que é natural parar ao voltar para casa. Quando me vi quase no fim da pesquisa, ou da paciência do leitor, estabeleci um limite: vou parar tal dia! E aí a experiência se transformou em uma corrida contra o relógio: conseguir dizer o que faltava sem refrear uma queda que deveria ser rápida, deixando o leitor antes com fome do que saciado....

Então. Eu tinha 53 anos quando estava escrevendo o diário do *Le moi des desmoiselles*[7] e esse diário burilado era uma resposta à crítica que fazia a mim mesmo aos 18 anos, consternado pela incompetência de minha escrita: "se um dia quiser 'escrever', terei de me submeter a alguma forma de disciplina" (2 de novembro

de 1956). Levei muito tempo, uma vida... Quantos rodeios para chegar a essa disciplina! E para me livrar da idéia ingênua de que seria artificial...

Trabalhar um diário "em tempo real" talvez seja uma descoberta banal que muitos terão feito sem passar pelo computador. Para mim, foi uma iluminação. E teve conseqüências.

Naturalmente, uma vez descobertos os encantos do procedimento, a tendência foi repeti-lo. Não sistematicamente. Em situações difíceis. Em 1994, para sair do aperto no dia em que me pediram um texto sobre a "sinceridade", tema impossível.[8] Em 1995, para concluir minha edição do *Journal de Lucile Desmoulins*.[9] E muito recentemente, de 4 de outubro de 1999 a 4 de maio de 2000 (acabei de... "terminar"), para contar minha exploração dos diários *on-line* na Internet.[10]

Mas a conseqüência imprevista é que depois de *Le moi des demoiselles*, apliquei a estratégia em meu verdadeiro diário, meu diário íntimo. Comecei a escrever *como se fosse para um leitor* um diário sem leitor – além de mim. Um diário, ou melhor, diários (o singular, também aqui, me incomoda). Diários temáticos, limitados, construídos. Às vezes, dois diários paralelos. E sempre compostos segundo esse sistema. O objeto não era mais um trabalho de pesquisa, exposto pelo diário, mas minha própria vida, à qual ele deveria dar forma e sentido. É bem mais arriscado, e trágico, se debruçar dessa maneira à beira do próprio futuro. Minha pesquisa podia ser mais ou menos prevista. Mas minha vida faz o que quer, nem sempre pergunta minha opinião, longe disso. Além disso, seria possível, no meio da noite quando se escreve só para si sobre coisas dolorosas, controlar as assonâncias desagradáveis? Sim, é possível e até mesmo útil. O trabalho é uma meditação. Andar lentamente permite selecionar, podar, articular, compreender melhor ou menos mal. E talvez o desejo de compor só possa ficar em plena harmonia com a preocupação em dizer a verdade no tempo presente.

É claro que o diário sem leitor *atual* é escrito, todavia, sob o olhar de um leitor futuro, longínquo, desconhecido, sobrinho bisneto quimérico do fim do século 21, cujo nascimento futuro apaga minha morte e que tomará o meu lugar. Esses quadros compostos "a partir do modelo vivo" devem tornar minha vida tão transparente para ele quanto é para nós, hoje, a Holanda do século 17 pintada por Pieter De Hooch.

Em 1980, minhas notas mencionavam três soluções para transformar o diário em texto construído, elaborado: usá-lo para escrever uma narrativa (isto é, fazer literalmente outra coisa, uma autobiografia ou um romance); fazer uma triagem e reescrever (uma toalete que o ponha em ordem); proceder a uma montagem, como Claude Mauriac.[11] Todas essas soluções pressupõem uma invenção posterior. Corre-se o risco de não escapar ao artifício ou ao trabalho laborioso. As ambições do diário composto são mais modestas. Ele não tem a pretensão de abraçar a existência, ressuscitar o passado nem ler um destino. Durante breves períodos, ele esculpe a vida ao vivo e responde ao desafio do tempo.

[Este texto, publicado primeiramente em *Lieux d'Être, Revue Poétique et Culturelle*, n. 30, 2000, corresponde ao capítulo "Composer un journal", de *Signes de vie*. Le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005. p. 63-72.]

CONTÍNUO E DESCONTÍNUO

"O contínuo e o descontínuo": proponho aqui uma reflexão sobre o diário, intimidado, é claro, como nos tempos da adolescência, quando sorteavam o tema para a prova oral e só tinha 15 minutos para sair do aperto...[1] Primeiramente, é Zenão que me socorre, com seu famoso paradoxo, recortando ao infinito o movimento no espaço para provar que Aquiles nunca alcançará a tartaruga, como se o movimento pudesse ser descontínuo! – e em seguida a refutação deste por Bergson, e a meditação de Valéry, em um poema célebre, "Cemitério marinho", ou melhor, uma das estrofes em que ele invoca "Zenão, cruel Zenão, Zenão de Eléia", e cujo final me lembro, obcecado que sou por meu assunto, sob a seguinte forma: "Quelle ombre de tortue, pour l'âme, Amiel immobile à grands pas" ["Que sombra de tartaruga, para a alma, Amiel correndo sem avançar]. É claro que é Aquiles, mas como não pensar nesse outro paradoxo, ao qual o romancista Harry Mathews dedicou um livro, *Le journaliste* [O diarista], o de um homem que passaria tanto tempo escrevendo a própria vida que não lhe restaria mais tempo para viver.[2] Aventuro-me então no espaço filosófico – que nunca foi o meu forte – até Deleuze e suas análises da imagem-movimento e me pergunto como é que o diário, que projeta imagens descontínuas da vida, apreende seu movimento.

Tudo isso me intimida, e quando me sinto intimidado, recolho-me, encolho-me, entrincheiro-me em meu diário. Um diário é um lugar onde não se tem medo de fazer erros de ortografia, nem de ser burro. É claro que desde que criaram o péssimo hábito de publicar diários, muitas pessoas mostram sua intimidade vestida de

paletó e gravata. Mas vocês e eu calçamos nossas velhas pantufas e não damos a menor bola para isso. Vou seguir, portanto, o curso do meu pensamento e vamos ver no que vai dar.

O SUPORTE

Quando me refugio em meu diário, a primeira coisa que encontro, com relação a nosso tema, é o suporte. Deixo de lado o computador (voltarei depois ao assunto). Há dois grandes tipos de suporte possíveis: o caderno e as folhas soltas, portanto, o contínuo e o descontínuo. E há duas escolas: eu sou "folhas soltas", pertenço a uma minoria. Mais ou menos 90% dos diaristas são "caderno". Na primeira vez em que fiz uma enquete, há uns 15 anos, fiquei muito impressionado com esse fato. Eu me achava normal e descobri que quase todo mundo fazia o que eu detestava. Como é que alguém pode escrever em um caderno?!... É como no amor ou outros comportamentos íntimos: as escolhas dos outros são, primeiramente, desconhecidas, e depois, quando você as descobre, incompreensíveis. Estou exagerando um pouco: na verdade, compreendo, uma vez que já tentei. Meu diário de adolescente experimentou o caderno. Não me convenceu. Entendo perfeitamente o que os outros procuram no caderno: uma garantia de continuidade. Por mais irregular que seja a prática da escrita, por mais incoerentes ou variáveis que sejam os temas abordados e as opções feitas, quem escolhe esse suporte parece ter adquirido uma espécie de seguro de vida: o caderno vai *cicatrizar*, encadear e fundir tudo. Esse caderno costurado, colado, brochura ou espiral, no qual às vezes se põe o nome, opera no plano fantasmático o que Paul Ricœur chama de "identidade narrativa", pois constitui uma promessa mínima de unidade.[3] Penso de novo em Zenão: as anotações descontínuas que vamos inscrever transformarão o branco do caderno, inerte no momento da compra, em um espaço vibrante, animado por um movimento contínuo por essência. Aqui, temos dois pequenos problemas. Em primeiro lugar, o que vai acontecer quando o meu caderno acabar e retornar à descontinuidade, enquanto minha vida e minha escrita continuarão? Como fazer o luto de um caderno que, uma vez concluído, deixa de ser uma imagem do todo para voltar a ser, de certa maneira, um simples

"caderno solto" dentro de uma série novamente descontínua? Encontramos, às vezes, no fim dos cadernos, emocionantes cerimônias de adeus que não passam de um até logo. Pois, em geral, acaba-se construindo uma espécie de "arquicaderno" através de dois procedimentos que restauram a continuidade: a numeração, que transforma cada caderno na página de um caderno maior, e a padronização, isto é, a escolha de um caderno de morfologia semelhante ou análoga. Esses gestos, que estendem para além do caderno o desejo que levou a escolhê-lo, dizem algo de essencial: o medo da morte. O seguro de vida que mencionei não é apenas garantia de unidade, mas também de duração. Deveríamos poder escrever em um caderno que não tivesse fim. Como isso não é possível, os diaristas precavidos fazem reservas, para nunca ficarem em estado de carência, de privação. Se, na papelaria, o caderno sem fim ainda não existe, com a informática, chegamos perto dele. Pude escrever meu diário em um único arquivo, sem nunca ter de enfrentar descontinuidade quanto ao suporte, graças ao tamanho dos discos rígidos de hoje. Falei de dois problemas. Passo ao segundo. Existe caderno e caderno. Ou melhor, caderno e agenda. O caderno é o ideal, uma vez que não propõe, ou não opõe, nenhum modelo ao ritmo da escrita. Nossas descontinuidades desaparecem fundidas na continuidade do papel. A agenda, ao contrário, "formata" o espaço da escrita segundo o suposto ritmo do tempo. Isso é feito, em princípio, para nos ajudar a planejar o futuro. Mas, de fato, muitas agendas são utilizadas como diários. A contradição se torna, então, visível a olho nu, entre um tempo da vida que se supõe contínuo e homogêneo e uma escrita que se revela descontínua e heterogênea: páginas deixadas em branco, entradas de tamanho desigual, muito curtas ou invadindo o dia seguinte. É claro que podemos imaginar um diarista que se proponha a recriar no papel uma imagem homóloga à continuidade da vida, se restringindo a escrever todos os dias, sem exceção, uma quantidade de escrita que sature o espaço proposto, a última palavra da última frase terminando exatamente no canto inferior direito de cada página. Isso existe! Assim como existem pessoas que, quando saltam um dia em seus diários, se sentem mal, não sossegam enquanto não preenchem a lacuna ou recuperam o atraso... Nessa altura, uma vez que estou me permitindo fazer derivações, bem à vontade, como faço em meu diário, gostaria de abrir alguns pequenos parênteses. Em primeiro lugar,

vou ser severo comigo mesmo: será que estou sendo bastante preciso? Não estaria confundindo contínuo/descontínuo com regular/irregular e homogêneo/heterogêneo, isto é, problemas de espaço com problemas de ritmo ou de conteúdo? Em seguida: será que não é justamente a utilização da agenda como diário que levanta o problema essencial, o do ritmo, que o caderno apaga? Será que essa derivação não constituiria antes o tema de uma segunda parte? Vamos deixar isso reservado para depois. Meu último parêntese me traz de volta ao tema; a sátira que fiz do diarista maníaco não teria sido inspirada por uma mania que tenho, tão estranha quanto a dele: a paixão pela folha solta? Por que essa paixão? Por amor à descontinuidade. Em meu diário de adolescente, cada entrada ocupava uma folha separada. Nunca continuava no espaço deixado vazio ao fim da entrada precedente. Tinha lido Heráclito: nunca nos banhamos duas vezes na mesma folha. O diário era para mim um gesto de interrupção com relação à vida, e esse distanciamento não deveria ser estragado por uma retomada imediata, em outra continuidade: a de um caderno que me obrigaria a enfrentar, de um lado, o peso de um discurso já escrito, pedindo para ser continuado, e, de outro, o imenso vazio de um futuro de páginas brancas, pedindo para serem preenchidas. Não queria deixar a escravidão da vida para cair na do caderno. Ao menos por um instante, queria ser, ou me sentir, livre. Recomeçar do zero, no papel virgem, sem pensar no antes e no depois. É claro que era ilusão. E é lógico que era temporário. A folha devidamente datada, uma vez escrita, era incorporada ao espaço homogêneo da pilha daquele ano – pilha que eu via, com satisfação, aumentar (ao passo que o caderno não muda de volume à medida que o enegrecemos, salvo se o transformarmos em relicário, recheando as páginas com documentos, inchando-o até que fique obeso). Entretanto, mesmo reunidas, minhas entradas permaneciam separadas: cada uma conservava o vestígio do momento em que havia sido escrita e um suporte individual com suas irregularidades. Tinham quartos separados, não dormiam no mesmo papel. Relacionavam-se com o tempo da mesma forma que as cartas, e é, aliás, o modelo da carta que deu origem ao meu diário; escrevia no alto de cada folha: "carta a mim mesmo". O estranho é que, no computador, que uso há uns 10 anos, meu comportamento de diarista tenha se invertido: nunca me passaria pela cabeça abrir um arquivo por entrada (não

faz a menor diferença, dá tudo no mesmo) e não me incomoda escrever dando prosseguimento a um imenso arquivo único (uma vez que as entradas precedentes são invisíveis e que continuação não existe). Mas chega de falar de mim...

O RITMO

Retomemos a pista deixada pela forma da agenda. Por quais descontinuidades passamos para ir da continuidade, totalmente real, da vida, à continuidade, em parte imaginária, do caderno? Pois ainda que o caderno seja contínuo, a escrita não o é. Ela é fragmentária. Compõe-se de uma série de "entradas" ou de "registros": chamamos assim tudo o que é escrito sob uma mesma data. Essas unidades, separadas umas das outras, têm morfologia própria: cabeçalho, data, um começo, um fim, eventualmente com divisões internas – divisões temáticas, pois uma mesma entrada pode evocar assuntos diferentes, ou retóricas, pois pode ser dividida em parágrafos. Cada entrada é, portanto, um microorganismo que faz parte de um conjunto descontínuo: entre duas entradas, um espaço vazio. Elas se seguem na ordem do calendário e do relógio, *continuum* que serve para avaliar suas descontinuidades e irregularidades. Esse é um de meus temas de pesquisa atuais, a relação que existe entre a explosão da forma diário a partir do fim da Idade Média e as duas formidáveis revoluções na medida e na vetorização do tempo: o relógio mecânico, inventado no início do século 14, que, progressivamente miniaturizado, tornou possível, a partir do século 17, que cada um medisse seu próprio tempo; e o calendário anual, substituído a partir de 1650 pelo calendário perpétuo, que transforma o tempo em processo irreversível e dinâmico. As entradas se dispõem portanto na ordem do tempo e têm a intenção, através do encadeamento, de apreender, ou evocar, sua continuidade. Mas é claro que estamos longe do inventário! Tomemos como exemplo o que acontece no dia de um homem qualquer. Alguns escritores, como James Joyce, Michel Butor, Claude Simon, Serge Doubrovsky, construíram imensas ficções para representar um dia vivido em sua continuidade.[4] Mas antes que o pobre diário fique aflito com a comparação, devemo-nos lembrar que esses escritores levaram anos para construir essa maquete de um único dia. E ficaram tão

esgotados que nunca mais construíram outras... Precisaram de mil dias para evocar um: o diarista está em situação inversa, ele tem 10 minutos para evocar 24 horas, e deverá recomeçar amanhã, depois de amanhã, sempre. É certo que o diário gostaria de ser, no tempo, o que o espelho da feiticeira é no espaço e poder concentrar numa frágil superfície a imagem total da realidade que a circunda. Ser uma espécie de "pan-óptico". É isso que, às vezes, pretende fazer: "Querido diário, vou lhe contar tudo." Mas é ilusão. O diário está longe de ser o espelho da feiticeira, ele é, na verdade, um filtro. Seu valor se deve justamente à seletividade e às descontinuidades. Das inúmeras facetas possíveis de um dia, ele só retém uma ou duas, correspondentes ao que é problemático. Deixará implícito o que transcorreu bem e o supérfluo. É por isso que o diário raramente é um auto-retrato e quando é tomado por um, parece às vezes uma caricatura. Digamos antes que o real de um dia é uma massa contínua e mal acabada, e o diário, um escultor que lhe dá forma esvaziando-o de nove décimos de sua matéria, ou um desenhista que com três traços esboça uma silhueta num caderno de croquis. Esse trabalho de triagem, que dissocia e digere o real, rejeita a maior porção dele para criar um sentido a partir do resto, é o próprio trabalho da vida. Mas o diário o leva ao extremo fixando seu resultado e construindo a continuação desses resultados em série. Pequeno parêntese e grande novidade: há 30 anos, quando era jovem, forneci uma definição da autobiografia, certamente preciosa, mas bastante específica e loquaz, em três linhas. Hoje, com a idade, mais a sabedoria ou a preguiça, proponho uma definição de diário mais geral, mais econômica, que cabe em três palavras: um diário é uma *série de vestígios datados*. A data é essencial. O vestígio é em geral escrito, mas pode ser imagem, objeto, relíquia... Um vestígio datado isolado é antes um memorial do que um diário: o diário começa quando os vestígios em série querem apreender o tempo em pleno movimento, mais do que fixá-lo em um acontecimento fonte. Toda definição seduz (gostamos de ter pontos de referência) e irrita (detestamos camisas-de-força). Então, procuramos o ponto fraco. E quando não o encontramos, partimos para a brincadeira: o diário não seria antes uma *narrativa de datas vestigiais*? Como queiram. Fim do parêntese. As descontinuidades do diário são portanto ordenadas em série e de novo tecidas como continuidades. Suponhamos que o conteúdo de

um dia possa ser catalogado em 99 categorias. Hoje, vocês vão anotar os fatos relativos às categorias, digamos: 38 e 86. Amanhã, vão anotar os que se referem à categoria cinco, 47 ou 79? E no dia seguinte, outra coisa diferente? Há poucas chances de que isso ocorra dessa maneira, felizmente, senão o diário naufragaria na incoerência. A tendência do diário é outra: ele é metódico, repetitivo, obsessivo. Amanhã, vocês vão retomar os fatos da 38 e 86. Na tapeçaria da vida, vocês seguem fios bem específicos, e poucos. Bastam, em geral, quatro letras, *a*, *b*, *c*, *d*, para catalogar o conteúdo integral de um mesmo diário. Talvez o diário seja uma narrativa. Mas é primeiro uma música, isto é, uma arte da repetição e da variação. Certa vez, lendo um mês de maio de Eugénie de Guérin em Cayla, cheguei a pensar que seu diário era uma sonata sobre dois temas, a primavera e a morte.[5] Ao analisar um ano do diário de juventude de Catherine Pozzi, dei-me conta de que as entradas, aparentemente variadas, respondiam todas a uma das duas perguntas seguintes: "quem sou?" (introspecção) e "o que devo ser?" (deliberação).[6] Vocês talvez tenham conhecimento da idéia aparentemente estranha de Benjamin Constant: em maio de 1805, deprimido com a morte de uma amiga, a senhora Talma, ele decide escrever seu diário com números, não de um a 99, mas de um a 17, números que representam suas ocupações ou posturas habituais, exatamente como os identificou lendo seu diário anterior.[7] Basta pensar sobre essa estranha lista para ver que ele poderia ter se contentado com os números de um a três: o prazer físico, o trabalho e a hesitação quanto a todo o resto (essencialmente as mulheres). As obsessões temáticas do diário são reforçadas pela regularidade das formas. Por definição, a escrita do diário é livre, totalmente livre. Mas, na realidade, cada diarista se acomoda rapidamente dentro de algumas formas de linguagem que servem de "fôrmas" para todas as entradas, e nunca mais as abandona. O que me leva a nuançar a oposição que fazia há pouco entre a continuidade do suporte, o caderno, e a descontinuidade da escrita: é certo que ela é fragmentária, mas é também repetitiva e regular.

Fiz todas essas considerações para pedir que se faça um dia um estudo do diário como ritmo. Tal estudo assumiria sucessivamente duas dimensões: interna e externa. Interna: seria analisado, primeiramente, o texto em si, para estabelecer sua morfologia interna (temas e formas) e a organização de seus encadeamentos

– exatamente como se faz em análise musical quando se esmiúça uma sonata ou uma fuga. A unidade de medida seria textual: seria a quantidade de escrita, medida em linhas ou páginas. O estudo externo confrontaria, em seguida, os resultados assim obtidos com um outro parâmetro, o tempo, medido em dias, semanas, meses. Saltarão aos olhos, então, a descontinuidade e a irregularidade da escrita. Lembro-me de ter feito para a exposição *Un journal à soi* o diagrama de um ano do diário de Amiel, maciço e regular, que comparei com o diagrama do diário do capitão Dreyfus na Ilha do Diabo, um decrescendo trágico.[8] Pretendia ilustrar, com um exemplo marcante, a extrema variedade das práticas. Lembro-me de ter estabelecido uma representação mais apurada, dia a dia, do diário inédito de um adolescente do século 19, Paul Jamin, no qual tive a oportunidade de visualizar enormes zonas de silêncios pouco perceptíveis no encadeamento do texto.[9] O espaço vazio entre duas entradas tem o mesmo tamanho se o diário for interrompido por um dia ou um mês, e o olhar, sem prestar atenção nas datas, une as entradas. Lembro-me ainda dos estudos quantitativos minuciosos que fiz para comparar o ritmo do diário original de Anne Frank ao das folhas soltas nas quais ela preparava uma versão a ser publicada, regularizando e canalizando o curso caudaloso do diário real. E, já que estamos em Lyon, gostaria de informar que o diário de Charles Juliet acaba de ser submetido a uma muito interessante "ritmanálise" feita pelo jovem pesquisador Stéphane Roche, cuja tese estabelece uma série de "diariogramas", se posso dizer assim, que mostram uma curva de temperatura do diário e sua evolução durante uns 30 anos.[10] Ele seguiu uma sugestão que eu havia proposto em *Le moi des demoiselles*: talvez eu devesse patentear a idéia, desenvolvendo um programa de análise de diários. Assim, poderia ser estabelecida uma tipologia rítmica dos diários, da mesma forma que Michèle Leleu tentara antigamente estabelecer sua caracterologia.[11] Mas não segui esse caminho por medo de me tornar um cyber-Diafoirius de diarismologia.

O ATO

Pois é, enveredei por um caminho errado. É preciso analisar o problema de maneira diferente. Considerei demais o diário como um produto, ao passo que ele é um ato. O importante não

é medir as descontinuidades com um metro, mas saber como são vividas. Tentarei explicar, primeiramente, por que e como o diário é uma *renda*, um *esporte*, uma *arte da improvisação*. E terminarei citando dois diaristas geniais, que talvez vocês não conheçam, que inventaram novas maneiras de apreender, através das descontinuidades do diário, a continuidade da vida.

O diário é uma renda, ou uma teia de aranha. Aparentemente, é feito mais de espaços claros do que de cheios. Mas, para mim que escrevo, os pontos de referência discretos que inscrevo no papel mantêm em suspenso à sua volta, invisível, um mundo de outras lembranças. Por associação de idéias, por alusão, sua sombra e sua virtualidade ficarão flutuando durante certo tempo. Pouco a pouco, vão se evaporar como uma flor que perde o perfume. E essa é uma característica surpreendente do diário que o opõe a todos os outros textos: nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade. Vocês nunca vão saber realmente o que o texto do meu diário significa para mim. O descontínuo explícito remete a um *continuum* implícito cuja chave só eu possuo, e isso sem ter recorrido a nenhuma linguagem cifrada. Assim, para chegar perto da verdade do diário de um outro, é preciso lê-lo muito, e durante muito tempo. Um diário é uma câmara escura na qual se chega vindo de um exterior muito iluminado. É totalmente escura, não se vê absolutamente nada, mas se ficamos dentro dela uma meia hora, aos poucos, contornos e silhuetas vão saindo da sombra, podemos adivinhar os objetos... É como o aprendizado de uma língua estrangeira com seu implícito e suas conotações.

O diário é um esporte. Quero dizer que não é uma arte destinada a elaborar um produto que faça sentido para os outros ou lhes dê prazer. É antes uma performance. Parecido com o esqui ou o barco a vela: trata-se de usar em benefício próprio a energia de uma força natural que nos leva junto com ela. Manter um diário é surfar no tempo. O tempo não é um dado objetivo, contínuo, do qual o diarista, com pequenas pinceladas descontínuas, tentaria, situando-se fora dele, criar uma imagem, como faria um romancista. O próprio diarista é levado pelo movimento que vai esculpindo, acompanhando e realçando algumas de suas linhas e vetores, transformando em dança essa inelutável deriva...

Há pouco me peguei em flagrante delito de imprecisão intelectual, confundindo o contínuo com o regular, agora me vejo

em plena embriaguez metafórica, mas azar! Perdido por perdido, vou comparar o diário à improvisação musical. Esta pressupõe ao mesmo tempo o domínio de uma certa técnica e a aceitação imediata do... desconhecido. Terei de compor a partir do traçado que a vida, muitas vezes sem perguntar minha opinião, me propõe. Como se sabe, a forma diarística é, em geral, menosprezada. Dizem que o diário não tem forma própria, é vítima da facilidade, "a arte daqueles que não são artistas", como dizia Thibaudet da autobiografia.[12] Posso provar o contrário: não há arte que obedeça a restrições tão enérgicas e tão rígidas. É uma escrita na qual todos os procedimentos comuns à tarefa são proibidos: o diarista não pode nem *compor*, nem *corrigir*. Deve escrever certo da primeira vez. Escrevemos sempre nosso diário ignorando o futuro: podemos ter uma série de hipóteses sobre o que vai acontecer amanhã e preparar algumas linhas dentre as quais a realidade escolherá. Mas, no final das contas, estamos colaborando às cegas para uma novela de roteiro imprevisível. Por outro lado, não temos o direito de corrigir depois. Quando soa meia-noite, tudo deve permanecer como está. O diário é o vestígio de um instante, daí vem seu valor. Se, no dia seguinte, retificar, não vou acrescentar-lhe nenhum valor a mais, mas sim matá-lo. O retoque posterior é proibido: é mais ou menos como uma aquarela. Essas restrições, a partir do momento em que tomamos consciência delas, são estimulantes. Uma confissão: durante uns 20 anos, pensei que, no campo da verdade, a autobiografia fosse o apogeu da arte. Mudei de opinião: o diário, quando praticado com rigor, me parece, hoje, superior. Mas como *compor* e *corrigir* são indispensáveis à construção de uma forma, é preciso aprender a fazer essas coisas *na hora*. O computador permite corrigir a partir de um modelo vivo: só saio de minha entrada quando enfim ela me parece *correta*. A prática do "diário de trabalho" me inspirou procedimentos de composição abertos para o futuro. Foi escrevendo um diário para publicação, que serve de base a *Le moi des demoiselles*, que aprendi isso. Em seguida, apliquei o método em meus diários íntimos, para dar a eles um nível mais elevado de tensão e autenticidade, em meu foro interior...

Um último parêntese: equilibrando-se no ápice do instante, o diarista deve decidir a cada dia se continua ou descontinua seu diário. Hoje, quase não se usa mais o verbo "descontinuar" dessa

maneira transitiva, em um sentido que hesita entre suspender, interromper e parar, mas que indica o remorso de ser infiel à continuidade vista como valor. Acontece de se decidir descontinuar o diário: mas em geral é depois que se constata, consternado, o que se fez: "Querido diário, como fui capaz de te abandonar por... um mês, dois anos...". De fato, ficamos muitíssimo bem sem ele e é o ressurgimento da necessidade de escrever que nos faz perceber a feliz negligência como uma infidelidade. Por que digo "feliz"? Porque não é certo que a continuidade a qualquer preço seja um valor. O diário unifica a personalidade, mas também pode ossificá-la, enrijecê-la. O diarista se torna seu próprio burocrata. Às vezes, é preciso deixar de olhar para si mesmo, esquecer-se, lançar-se no mundo e no futuro. Há diferentes graus na maneira de "descontinuar" o diário: maneira suave, a negligência; maneira média, a suspensão voluntária; maneira forte, a interrupção definitiva; maneira violenta, a destruição. É preciso que se saiba: muitos diários são, totalmente ou em parte, destruídos pelos autores. Não se deve obrigatoriamente interpretar isso como um pequeno suicídio, mas antes como a poda das árvores ao fim do inverno para possibilitar uma vigorosa primavera. Uma muda, em resumo. A vida tem necessidade de descontinuidade e renovação. Por outro lado, a descontinuidade de um diário pode ser totalmente relativa. A maior parte das pessoas que gostam de escrever têm vários laboratórios de escrita, que não funcionam segundo o mesmo regime: o fluxo de energia investido em cada um deles é sempre diferente. O diário pode empobrecer-se por culpa da correspondência. Ou ainda alguns escritores (homens, em geral) retomam o diário entre dois períodos de criação, ficam em estado de vigília, esperando que seu gênio se incendeie novamente...

Fiquem tranqüilos então: não é grave parar o diário. Se posso me permitir dar esse consolo é porque constatei muitas vezes que a descontinuidade assusta e que a maior parte dos desejos busca a continuidade. Continuidade em relação ao futuro: penso no pequeno gesto, bastante surpreendente, de alguns diaristas – à noite, após a entrada quotidiana, eles inscrevem provisoriamente a data do dia seguinte, garantindo o futuro, estendendo-lhe a mão, gesto mágico e encantatório. Continuidade em relação ao passado: penso em duas obras extraordinárias, jamais imitadas e talvez inimitáveis, que utilizaram o diário para captar a profunda continuidade da vida. Percebo que citei

poucos diaristas – mas os que prefiro foram mencionados: Benjamin Constant, Eugénie de Guérin, Catherine Pozzi, Anne Frank, e também Amiel correndo sem avançar. Imaginem Amiel "descontinuando" seu diário, parando um mês, como um trem interrompe a viagem em campo aberto! Desde que seu diário adotou o regime de cruzeiro marítimo, por volta de 1847, todos os seus gestos foram de continuidade: cadernos costurados de mesmo tamanho, numerados e, principalmente, a preparação de um índice permitindo a circulação pelo passado. Esse é o ponto: o diário não apenas estabelece uma continuidade entre hoje e ontem, mas, pouco a pouco, com a vida inteira. Será que é capaz de nos dar acesso a uma permanência fundamental? Será que há, quando mergulhamos nas profundezas do passado, um caminho para sondá-lo que seja diferente da reminiscência, indicada por Proust, e, antes dele, por Nerval ou Chateaubriand? A memória voluntária, mobilizada pelo diário, poderia ser, nessa busca, tão eficaz quanto a memória involuntária? Meus dois exploradores nessa direção são Pierre-Hyacinthe Azaïs, que vocês certamente não conhecem, e Claude Mauriac. Farei um rápido esboço desses imensos trabalhos.

Pierre-Hyacinthe Azaïs, 1766-1845.[13] Ele foi, como Rousseau, músico (altista e compositor), homem de letras, como Rousseau preceptor, como Rousseau filósofo e inventor de um sistema. Eis o resumo de sua doutrina, tal qual encontramos em uma nota biográfica:

> Sua doutrina, que ele pretendia basear na ciência, reduz a explicação do universo a duas forças, a expansão e a compressão, das quais resulta, no fim das contas, um princípio único de equilíbrio, "constantemente invariável dentro de um movimento constantemente variado". Essa lei de compensação explica tanto o mundo físico quanto a psicologia individual ou a história dos povos."

Se foi para verificar a lei aplicando-a a si mesmo ou se foi simplesmente para melhor aproveitar a vida que Azaïs empreendeu seu imenso Diário-aniversário, não se sabe: provavelmente as duas coisas. De 31 de dezembro de 1810 (tinha então 44 anos e era recém-casado) a 7 de fevereiro de 1844 (tinha 78 anos e morreria dois meses depois), ele manteve todos os dias praticamente sem interrupção (quando constatava alguma, ele a preenchia depois

escrevendo a palavra "lacuna") um diário em folhas soltas, repartido em 366 maços, um para cada dia do ano, incluindo o maço mais fino de 29 de fevereiro, ou seja, durante um período de 34 anos, um total de mais de 12.000 entradas. Esse diário inédito, conservado nos Arquivos da região do Tarn, foi cuidadosamente estudado por Michel Baude. A cada dia, Azaïs escreve não depois do dia anterior, como vocês e eu, mas depois do dia correspondente do ano anterior. Ele não só escreve "depois": primeiramente, ele relê a entrada em questão, para lembrar o que fazia naquela data, depois compara sua situação do dia àquela de então, e aí começa o diálogo com o diarista do ano anterior. Sua vida está, assim, solidamente escorada no passado por 366 cordões constantemente distendidos. Passa o tempo todo comparando a evolução de sua saúde, de sua família, de seu trabalho, e principalmente de seus sucessos sociais. Gostaria de entrar para a Academia e não consegue. A teoria das compensações o consola um pouco: cada recusa lhe parece aumentar as chances de glória póstuma... De um ano para o outro, ele se interpela, se consola, se encoraja. E sua vida adquire pouco a pouco uma consistência de cimento armado – ou melhor, a resistência de uma tapeçaria na qual a lançadeira da escrita liga solidamente a trama e a urdidura. Esse protocolo de composição torna o diário vertiginoso de se ler. Se vocês quiserem seguir Azaïs durante o mês de outubro de 1824, será preciso pesquisar em 31 dossiês. Se quiserem ler, na ordem atual, o maço "outubro", será preciso percorrer 31 vezes a vida desse homem dos 44 aos 78 anos! Tenho um projeto de editar uma parte desse texto e estou procurando o método. A solução talvez esteja fora do espaço clássico do livro, próxima do hipertexto. Criarei portanto um site ou CD-ROM Azaïs recheado de links que permitirão que cada leitor escolha seu próprio percurso.

A mesma referência ao hipertexto se impõe com relação a Claude Mauriac, 1914-1996, sobre o qual serei mais breve, uma vez que sua obra pode ser encontrada nas livrarias.[14] Seu diário existe sob duas formas; o diário original, manuscrito em cadernos, depois datilografado em folhas soltas, mantido de 1927 (13 anos) até a morte em 1996, durante 69 anos, em ordem cronológica, e que ocupa, em sua casa, três metros lineares de prateleiras de armários. E também, sob o título *Le temps immobile* [O tempo imóvel], uma quinzena de volumes publicados pela editora Grasset de 1974 a 1988, seguidos por alguns volumes de *Le temps*

accompli [O tempo acabado] (Claude Mauriac havia pensado antes no título *Le temps écroulé* [O tempo desmoronado]), que apresentam a montagem labiríntica de uma releitura baseada em dois mecanismos: *a analogia* (procurou, ao longo dos anos, tudo que se assemelhava e se repetia a fim de encontrar todas as coerências escondidas sob a diversidade da superfície), e, por outro lado, a *sondagem arbitrária*, denominada por ele "mergulho", procedimento que se assemelha ao de Azaïs, mas com uma variante. Curiosamente, Azaïs (ao menos pelo que pude ver em minha leitura parcial) mergulha sempre na superfície, se posso dizer assim, nas águas do ano anterior, e não 10, 20 ou 30 anos para trás. Claude Mauriac, por sua vez, descobre a idéia do *Le temps immobile* quando já conta com 35 anos de diário, em 1963, e suas prospecções são vertiginosas. Eu mesmo comecei meu diário aos 15 anos, em 11 de outubro de 1953. No próximo outono, poderei, portanto, mergulhar, em meus escritos, 50 anos para trás e talvez sinta a tentação de ver se, através do monstruoso caos das descontinuidades de uma vida, avancei um passo que seja.

Duas palavras para concluir.

Continuidade e descontinuidade, no curso dessa exploração, muitas vezes me pareceram ligadas às transformações dos meios de comunicação ou de medida. Vamos então abrir uma pista mediológica, à maneira de Régis Debray. A emergência do diário como forma de expressão pessoal no fim da Idade Média coincide com a emergência do papel e do relógio. E nossa entrada atual no espaço virtual da informática e no excesso de comunicação (oposta à transmissão) vai certamente engendrar novas condutas no campo do diário e transformá-lo.

Segunda pista, na verdade: estou espantado com os recursos de criação que se vê nesse campo do qual, no entanto, a ficção é banida. Extrema facilidade, extrema dificuldade. Para quem levar a sério o desafio, quem sabe uma nova fronteira?

[Este texto corresponde ao capítulo "Continu et discontinu", de *Signes de vie*. Le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005. p. 73-90.]

LUCULUS VEM JANTAR COM LUCULUS

Desde minha juventude, sou fascinado por Luculus, e quando fui convidado para este colóquio,[1] lembrei-me dele. Luculus é um general romano que lutou contra Mitridate, foi rival de Sila, e que teve a sabedoria de, voltando vitorioso a Roma, não procurar o supremo poder, mas gozar com fasto e generosidade da imensa fortuna que havia acumulado com as guerras. Era amigo de Cícero e Catão. Essa é a anedota, tal qual foi contada por Plutarco e traduzida por Amyot:

> Uma outra vez em que ceava só, os criados haviam preparado apenas uma mesa e quantidade mediana de comida para a ceia; ele se enfureceu e mandou chamar o empregado que se encarregava das refeições, o qual lhe disse: "Uma vez que não me incumbistes de convidar nenhuma pessoa, pensei que não seria preciso grandes preparações para a ceia." "Como", replicou ele, "tu não sabes que Luculus deveria vir cear hoje com Luculus?"

Eu achava isso sublime. Agradava-me que aquele *gourmet* tivesse um nome tão culinário, tão suculento, um nome que era quase um palíndromo. Agradava-me que ele falasse duplamente de si mesmo em terceira pessoa. Imaginava-o fazendo cortesias dos dois lados da mesa, desdobrado como em um espelho, ou como Alec Guinness em *As oito vítimas*, desempenhando todos os papéis. E, depois, fiquei impressionado com aquelas quatro paredes íntimas transformadas em evento mundial. E principalmente com a lição de moral, que, talvez erradamente, lera na cena: devemos ter conosco os mesmos cuidados que temos com

o outro, a mesma cozinha e o mesmo respeito, e mutuamente. Onde seus amigos romanos e Plutarco viam orgulho, eu admirava a generosidade. Luculus, não se esqueçam, possuía uma biblioteca de extraordinária riqueza que abria a todo mundo. Além disso, quando criança, ficara impressionado e perturbado ao saber que uma mesma palavra, *hôte*, designava indiferentemente o hospedeiro e o hóspede, a hospitalidade operando, portanto, uma espécie de osmose e de reversibilidade entre os papéis, da qual a palavra Luculus era a perfeita ilustração.

Pensei de novo nessa fórmula, ao reler o meu diário de adolescente.

O que é um diário íntimo? Seria quando Luculus vem ceiar com Luculus, e que, na refeição, há um prato único, Luculus? Quando é que a auto-hospitalidade termina em autodegustação?... E que, entre quatro paredes, o diarista lambe os beiços, deleitando-se consigo mesmo? É o que imaginam os que nunca mantiveram um diário. Ora, o eu não tem um gosto tão bom assim... Mas se pensarmos assim, torna-se difícil desenvolver o paralelo... Nos fundos da cozinha do meu diário, como muitas vezes em um canto da mesa. Será que meu cardápio não seria composto principalmente de pratos que não ousaria servir aos outros? Invertendo assim as coisas, ficaria melhor? Não. Tomemos cuidado com a armadilha das metáforas longamente desenvolvidas. Comparação não é razão. Usemos apenas o conceito de auto-hospitalidade e a anedota de Luculus como mote. E, depois, vamos raciocinar livremente.

Luculus me lembra Philippus – eu –, vocês vão ver por quê.

Vou contar como comecei meu diário íntimo. E vou me basear em uma hipótese: que a vida do indivíduo repete de certa forma a vida da espécie. Minha adolescência ressoa na adolescência da civilização ocidental, que se manifestou na segunda metade do século 18.

Quando começou meu Diário?

Dúvida alguma quanto à data: 11 de outubro de 1953. Eu tinha 15 anos. Vai fazer 50 anos daqui a pouco.

Mas não é tão claro assim. Se tivesse sido um bom menino, ou uma boa menina, que pega um caderno virgem, e escreve a data no começo, tudo bem. Mas eu escrevia em folhas soltas. Minha folha do dia 11 de outubro, hoje a primeira do meu diário,

traz no verso um número marcado a caneta: o "8". Fazia parte de um lote de folhas numeradas, das quais me restam alguns fragmentos, basicamente fugas poéticas do outono de 1953. Já não escrevia em alexandrinos, já não falava mais de amor como na primavera anterior. Estava atormentado por Deus, pela idéia do nada, e extravasava em pedaços esfarrapados de prosa que não procuravam mais apoio nas rimas, mas mantinham a fragmentação da poesia. No início, meus ensaios de diário surgiram em meio a essas divagações e, em algum momento, precisei numerá-los. Depois, com o estabelecimento do diário, tendo adotado um regime de cruzeiro marítimo, deixei de lado os trechos poéticos em prosa e resgatei os brotos de diário para formar o novo buquê. Uma pequena parte dos escombros numerados ainda figura em anexo.

Meu problema desse outono era passar da poesia à prosa.

A poesia não apresentava problemas de enunciação. Falava sem me dirigir a alguém em especial, e os poemas, cuja intenção era, a princípio, seduzir, eram públicos. Desde os 10 anos, como muitas crianças, tinha escrito poemas para serem mostrados à família, que os aplaudia rindo à socapa. Aos 12, tinha criado com dois colegas uma Associação Literária Clássica (ALC), da qual era membro fundador: já era a veia associativa! Até então, tudo o que escrevia era socializado. Mas, aos 14, minha vida deu uma reviravolta. Caí doente e fiquei sabendo que era mortal. Internado em um preventório em Chamonix, descobri a violência do mundo. Fui humilhado e, às vezes, me batiam. Cerrei os dentes, calei-me. Com quem poderia falar? Pela primeira vez, inventei uma linguagem secreta, bem rudimentar, dirigida apenas a mim mesmo. Nas cartas gaiatas que enviava todos os dias a meus pais, expressava meu grau de desespero, enfeitando minha assinatura com um sistema de sublinhados e pontilhados. Enviava para mim mesmo, mas através deles e sem que soubessem, mensagens para o futuro: poderia assim mais tarde me rememorar e, talvez, escrever meu inferno. Por outro lado, continuava escrevendo e mostrando meus poemas. Minha veia, por força das coisas, se tornava lírica, fazia meu pequeno Lamartine, meu pequeno Baudelaire. De volta a Paris, na primavera de 1953, meus horizontes se abriram e a musa se emancipou; escrevi uma série de poemas tão claros, tão diretos, tão autobiográficos que, tomado de pânico, destruí todos. Foi a primeira e única vez em que destruí algo que escrevi. Em

meu caderno de poemas, as últimas páginas estão todas cortadas. Só se vê, às vezes, o início de uma linha. Logo me arrependi. Ainda me arrependo. Mas isso me permite imaginar os poemas melhores do que eram. No outono de 1953, minha inspiração mudou, o que me inquietava então era uma angústia metafísica, Deus, a origem do mundo e a morte, mais que o amor. Tornou-se mais impossível ainda falar sobre isso em família. Minha mãe me motivava a seguir uma religião convencional, sentimental, sem ter fé. Meu pai era ateu. Em minha família, nunca se tocava nesse assunto. Eu tinha uma vida interior e ninguém que a acolhesse. Tinha de me virar sozinho. Não tinha amigos. Eu mesmo deveria me dar hospitalidade. Pedi asilo ao papel.

Mas como fazer? Era mais difícil que o auto-erotismo. Não sabia o que fazer comigo mesmo. No alto de uma página de poemas, antes do dia 11 de outubro, encontro escrito o seguinte: "Se eu tivesse um segredo precioso para guardar, jamais o escreveria: é a última e a pior coisa a fazer." Tinha portanto um segredo e pensava em escrevê-lo, mas sentia medo. Como não escrevia o segredo, escrevia que sentia medo, e com isso sentia menos medo. Não podia mais me calar, era óbvio. A solução não era escrever e depois destruir, como fizera antes, mas esconder. Arrumar, portanto, um espaço para me acolher, um lugarzinho só para mim. Uma *garçonnière* de papel. No começo, não era difícil, não tinha mais do que dois cadernos de poemas e algumas folhas do novo diário. Em seguida, aumentou de volume. Por sorte, eu tinha uma mesa com duas gavetas que fechavam à chave e um quarto só meu. Como ele também servia de quarto de hóspedes, meu diário se interrompia quando eu ia para o exílio – por causa da hospitalidade! –, no quarto de meu irmão mais velho. Meus encontros comigo mesmo eram secretos. Ninguém nunca leu uma só linha do que eu escrevia, nem nunca desconfiou que eu escrevia. Foi somente há uns 15 anos – quando comecei a falar do diário em público – que minha família, espantada, ficou sabendo que havia criado na própria casa um diarista: "Nunca te vimos escrever!" A auto-hospitalidade exclui a hetero-hospitalidade. Eu não escrevia na porta: "Don't disturb. [Não perturbe.] Philippus está jantando com Philippus." Minhas ceias íntimas se passavam a portas fechadas.

Eu que era tão acostumado a socializar meus escritos, não sabia como fazer para escrever só. Um poema, com suas cascatas líricas,

era para o público. Mas aquela prosa na qual me lançava, aquelas narrativas, aquelas meditações, eram para quem? Como colocar a voz? Precisava me autolegitimar. Desempenhar os dois papéis: o daquele que abre a porta para acolher e o daquele que bate e a quem se abre a porta. – Você por aqui, mas que surpresa... entre, sinta-se a vontade... Eu já tinha, como muitas crianças e adolescentes, creio, o hábito de tratar a mim mesmo como um hóspede muito importante. Os pequenos presentes cultivam a amizade: eu me dava presentes principalmente na época em que sofria muito com a solidão. Meu exemplar de *As flores do mal*, da coleção "Le Flambeau", foi comprado com minha mesada em novembro de 1952 em Chamonix, e fiz uma dedicatória. Escrevi: "para Philippe", assinei "Philippe" e datei: "Novembro de 1952". Alguém tinha pensado em mim. Era consolador. Devo ter intuído que poderiam rir de mim, pois escondi a dedicatória na última página: ninguém deveria assistir a minha cerimônia íntima.

No dia 11 de novembro de 1953, no momento em que empunho a pena para escrever em prosa, que postura vou assumir? Tenho de me dividir para receber a carta que vou enviar para mim. Escrevo a mim mesmo e envio por posta-restante à gaveta de minha escrivaninha. O que se impõe como modelo é a carta, e meu diário, pois já se tratava de um diário, só será chamado por seu verdadeiro nome três meses mais tarde, em 12 de janeiro de 1954.

Eis a primeira página: no alto, no meio, em letras maiúsculas, está escrito: LIBERDADE. É ao mesmo tempo um título e um grito. Meu diário começa como um caderno de queixas. Nesse começo de outubro de 1953, estou com 15 anos e acabo de ingressar na 1ª série do ensino médio, no Liceu Henri-IV. Parece banal. Mas há um ano e meio não freqüentava um estabelecimento escolar, vivia no meu ritmo e como queria, mesmo tendo outras obrigações, e não agüento mais o colégio. Portanto, indico no alto o assunto, como se fosse escrever uma obra. Mas indico também o destinatário. Não, não é nem à administração do colégio nem a meus pais que dirijo meu grito de revolta: " Ph. Animo suo". E dato. O latim que aprendi serviu para alguma coisa. Vi no alto de minhas versões: "Cicero Tullio suo salutem dat." Vou escrever para minha alma, com toda a cortesia necessária. Na verdade, vou escrever *minha alma*. Mas só posso fazê-lo imaginando que escrevo *para ela*. Vou ocupar todos os lugares, remetente,

mensagem, destinatário. Remetente e mensagem, tudo bem, mas como ser o destinatário? Eu o substituo, pressuponho, imito, fantasio... eu o antecipo, cativo, incorporo... Falo de sua ausência vertiginosa... Voltemos a minha entrada do dia 11 de outubro. Termina com a fórmula ritual das cartas latinas: "Vale", e minha assinatura: "Ph." Dou uma olhada no conjunto do ano que se segue. A terceira entrada inaugura uma nova fórmula: "Boletim médico da minha alma" – era uma retomada alusiva aos boletins médicos, do meu corpo, que enviava do sanatório a meus pais. Em seguida encontramos um certo número de vezes "Philippus animo suo d.s.". Mais tarde, "boletim médico da minha alma" será abreviado por "Boletim", depois aparecerá uma nova fórmula, "Carta a mim mesmo"... A palavra "diário" é usada uma única vez como título, e quando evoco o que escrevi, tenho mais tendência a falar de "cartas". Várias vezes, aliás, ao longo do ano, as entradas se apresentam como cartas imaginárias a pessoas reais, a Deus ou discursos de fato endereçados a Philippe, para surpreendê-lo, deplorá-lo ou invocar seu testemunho. E, no verão seguinte, algumas entradas serão endereçadas a um certo "Mitia", fantasma surgido de minhas leituras de Tolstoi. Há muita gente no meu diário e não há ninguém. Eu brincava de boneca comigo mesmo.

Em que a palavra "hospitalidade" pode convir? Ela descreve perfeitamente o dispositivo de escrita que componho para me acolher – mas talvez não consiga dar conta de todos os jogos que possibilita com o destinatário.

O universo do papel é, como uma casa aonde somos convidados, um espaço protegido, onde as leis do mundo exterior estão suspensas: os atos não têm as sanções e conseqüências que teriam do lado de fora – voltarei a esse tema. Isso não quer dizer que tudo é permitido: o convidado respeita o anfitrião, observa as regras e usos da casa. Não se trata de um espaço sem lei. Mas o anfitrião que é seu próprio convidado pode decretar uma lei mais ou menos rigorosa. Há casas nas quais nos obrigam a usar pantufas. A auto-hospitalidade não significa necessariamente displicência. Trata-se, em geral, de uma mistura original de regras e liberdades. Quando abrimos um diário, nossa curiosidade é saber qual código de boas maneiras o diarista se impôs: a organização, a regularidade, o capricho na letra e no estilo, de um lado; e principalmente variações da censura: o que ele se

permite dizer a mais ou de diferente. É mais ou menos como se vocês deixassem a sala de visitas para entrar no quarto: a casa foi arrumada, limpa? Os armários estão abertos? Entreabertos? Todos os casos existem, do quarto-museu ao quarto-zona. No meu caso, era meio malcuidado, ortografia incerta, escrita cursiva, não era escrito como meus deveres de casa, ou minhas cartas a meus pais. Tinha meus ritos de início e fim, datava, classificava, muitas vezes assinava, mas escrevia de um só jato, sem nenhuma correção. Acabei sofrendo com isso, porque meu diário não era apenas um derivativo, mas também uma oficina de escrita. Estava diante de um dilema: se for corrigido, não será mais sincero! Mas, por outro lado, tinha vergonha de escrever tão mal.

> Escrevo de maneira porca. Sinto que deveria retomar, burilar o que escrevo. Mas sempre detestei esse tipo de exercício: por preguiça, em primeiro lugar, e por pensar que o primeiro jato é o certo, o verdadeiro, o único "genial" (!).Tenho tamanha admiração pelo que escrevo que mexer no texto (mesmo para melhorá-lo) me parece um sacrilégio. Há também a idéia de que seria artificial. Mas se um dia quiser "escrever", terei de me submeter a alguma forma de disciplina (2 de novembro de 1956).

Eu escrevia mal, mas dizia tudo? Não tudo – tinha respeito por mim mesmo –, mas quase tudo. No começo, contornava algumas zonas de silêncio, que aos poucos se reduziram. Algumas vezes, tive vergonha de me acolher em meu diário em estado... não apresentável. Mas se era só para mim! E se era verdade! Suprimir uma única linha teria destruído o valor do diário inteiro. Não era apenas a idéia do direito de asilo, mas do direito à verdade. Aceitar a vergonha era uma demonstração de coragem. Meu diário era uma bolha, uma cápsula livre da pressão atmosférica ambiente. Pensei muitas vezes nele, ao ver astronautas levitando dentro de uma cápsula, ou lendo *Vinte mil léguas submarinas*. Gozava do direito de asilo, podia respirar, relaxar, flutuar, e até gritar ou chorar como quisesse.

Mas o diário não é apenas, no espaço, um asilo, ele é, no tempo, um arquivo. Escapo ao presente para me comunicar com um imenso porvir. Constituo reservas para um futuro escritor, e vestígios para um futuro adulto que ajudo registrando sua história, e que me ajudará mais tarde compreendendo melhor do que eu a confusão em que vivo. Fazemos favores um ao outro através do

tempo. Grito minha dor "a todos os Philippe do futuro. Envio a mim mesmo uma mensagem através dos tempos futuros." Estou lendo Proust, e antecipo minhas retrospecções... "No fundo, mais tarde, gostaria de ser escritor. Escritor para me contar. Talvez o que escrevo nesse diário possa me servir" (9 de fevereiro de 1955). Pois então, aconteceu, meu caro Philippe! Não "ser escritor", mas "me contar". A idéia de auto-hospitalidade tampouco dá conta de um outro efeito, que eu chamava "libertação pelo papel".

> Como é engraçada a libertação pelo papel! Parece que a partir do momento em que escrevi, aquilo não é mais inteiramente eu e mesmo que esse papel continue desconhecido, meu sofrimento será partilhado com milhões de pessoas, ou comigo próprio mais tarde. E, depois, há a alegria de se sentir descrito, compreendido, ao menos por si mesmo. A alegria de ter triunfado sobre o sofrimento, uma vez que se conseguiu fazer alguma coisa além dele: uma página escrita (12 de outubro de 1955).

Façamos agora um grande salto dentro da História do diário. Existiram dois grandes movimentos de interiorização. O mais antigo foi o da autovigilância. Instalar um juiz no interior de cada indivíduo. Essa interiorização do olhar repressivo foi preconizada pela primeira vez no século 4 por Santo Antônio, grande patrono do diário íntimo profilático ou preventivo: "Se escrevêssemos nossos maus pensamentos como se fosse para mostrá-los aos outros, tomaríamos cuidado para não reincidir pela vergonha que passaríamos se eles fossem conhecidos." Encontraremos esse lugar-comum educativo ao longo de toda a história do diário. E o meu funcionava justamente assim: anotava nele minhas torpezas para me envergonhar, mesmo se fosse pouco eficaz. A outra interiorização, em voga hoje e inversa à anterior, é a do olhar amigo. Essa é tardia: quase não há vestígios dela antes da segunda metade do século 18. Não se trata mais de incorporar um confessor, mas um confidente. O amigo a quem se pode dizer tudo, que não julgará, compreenderá e se calará. É a interiorização da carta entre amigos. Antes do século 18 e do surgimento do diário íntimo já existiam, é claro, formas ficcionais para representar um indivíduo verbalizando em circuito fechado suas emoções e deliberações: era o discurso lírico ou o monólogo teatral. Ninguém se espantava ao assistir Hamlet ou Rodrigue proferir em voz alta seus diários íntimos diante de salas lotadas. Mas quase todos os indivíduos

reais, ao invés de falar com as paredes, se dirigiam a pessoas próximas, oralmente, por escrito, conversando ou por carta, até o dia em que se compreendeu que era possível dispensar os outros, e que cada um é o seu melhor amigo. Tenho, portanto, a impressão de que comigo aconteceu aos 15 anos, no outono de 1953, aquilo que aconteceu na Europa durante a segunda metade do século 18: a idéia incrível de pegar um papel para não escrever a ninguém, para escrever a si mesmo, para se escrever. Foi difícil fazê-lo diretamente: a forma epistolar foi uma transição necessária. Quando, em 14 de julho de 1762, Diderot pensou na possibilidade do diário íntimo, foi imaginando que poderia endereçar a si mesmo as cartas que enviava a Sophie Volland – ele rejeita a idéia como inverossímil, mesmo se muito tentadora. Na mesma época, o escocês James Boswell começa em Londres um diário, que é ao mesmo tempo uma carta a um amigo que ficou na Escócia. A forma do diário íntimo germinou em parte na carta entre amigos. Dois exemplos marcantes: Manon Phlipon, que viria a ser senhora Roland, manteve durante 13 anos, de 1767 a 1780, dos 13 aos 26 anos, uma fecunda correspondência com uma de suas amigas de convento, Sophie Cannet.[2] Toma nota, por outro lado, de leituras e reflexões que intitula *Mes loisirs* [Minhas distrações]. Mas para falar de si mesma ainda precisa de Sophie, mesmo se já se dá conta de que seria imaginável dispensá-la algum dia! Podemos ouvi-la explicar gentilmente a sua cara Sophie que esta não passaria de um pretexto:

> Não se felicite por receber tão freqüentemente notícias minhas, não é para você que escrevo, ainda que me dirija a você... Percebo que o retrato de minha situação é a única coisa que sou capaz de fazer, e acredito que com um grau de ilusão a mais ou apenas um lugar diferente, você já não precisaria se dar ao trabalho de ler o que escrevo, pois eu me dirigiria a algum gênio de minha própria criação ou a alguma árvore amiga à sombra da qual descansaria (19 de setembro de 1774).

Manon Philipon atingiu o limite desse grau de ilusão a mais, que permite falar somente a si mesmo, mas nunca o ultrapassou: ficou à beira do diário íntimo, exatamente à beira. Outra jovem da mesma época se conteve menos e entrou de cabeça no diário. Ela se chama Magdalena, é holandesa, filha de comerciantes e compôs uma longa antologia de cartas a pessoas próximas, cópias

de cartas enviadas ou cartas fictícias, não se sabe bem (deve depender), até o dia em que abandonou a ficção de escrever cartas fictícias para se dirigir diretamente à folha de papel:

> Oh, meu papel, de agora em diante você será o único depositário de minhas idéias, sentimentos, sofrimento e felicidade. Aqui, poderei abrir completamente minha alma; com os outros, mesmo com minhas melhores amigas, quero aprender a dissimular, quero ao menos não falar mais de mim. Você, e apenas você, será meu confidente. Quando o meu coração oprimido quiser se aliviar, você não o rejeitará cruelmente, não fará falsas interpretações a respeito do que lhe confio; quando o sentimento de felicidade conduzir a minha pena, você não terá o talento funesto de destruí-la em um momento. Sempre o terei ao meu lado, para recorrer em caso de necessidade (outubro de 1788).

Encontraríamos outros exemplos desse deslizamento da carta para o diário, concebido como "carta em circuito fechado", ou "carta-fechada", como no caso de Benjamin Constant, que resulta em uma literatura do segredo que, com exceção de Pepys, não parece ter exemplos antes do fim do século 18. Darei, como último exemplo, o ainda hoje inédito diário de Antoine Métral, de Grenoble, que dá a si mesmo as seguintes explicações:

> Se escrevo esses pensamentos não é para semeá-los dentre o público, e sim porque o meu cérebro tem necessidade de se descarregar. O santuário onde os deposito não será profanado, pois não abrirei suas portas a todo o mundo. Quando o amor me conduz para perto de uma amante adorada, gosto de gozar com mistério e em segredo, qualquer olhar estranho me parece então inoportuno. Assim entregue a mim mesmo, com essas folhas nas quais imprimo meu pensamento como beijos secretos sobre lábios amados com ternura, conseguirei furtá-lo aos olhares curiosos dos homens (2 de fevereiro de 1815).

Paro nesse beijo de adeus, e, em uma última homenagem a Luculus e à auto-hospitalidade, mergulho de novo em minhas lembranças de infância. Antes de divertir a família com meus poemas, já a havia assediado, lá pelos oito anos, com minhas chicanas jurídicas. Muitas vezes me contaram essa história para provar que isso vinha de longe, que desde pequeno eu ia fundo nos detalhes. Morávamos perto de Bordeaux em uma casa com

um grande jardim. Parece que eu insistia em saber se tínhamos o direito de dirigir sem carteira em nosso próprio jardim. Já tinha gosto pelo auto, em todos os sentidos da palavra, e sonhava com um território "franco", também em todos os sentidos. Espero que vocês, agora, não resolvam me multar.

[Este texto corresponde ao capítulo "Lucullus dîne chez Lucullus", de *Signes de vie*. Le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005. p. 215-227.]

"QUERIDA TELA..." DIÁRIO E COMPUTADOR

PESQUISA, 1998

Meu apartamento é um verdadeiro cemitério de máquinas de escrever. Aqui estão minhas duas Olivetti Lettera 32, comecei com elas nos anos de 1970. Eram como bicicletas chinesas, mecânicas, simples, portáteis. Uso profissional: poder datilografar livros ou artigos sem me arruinar. Aconteceu-me copiar alguns textos íntimos. Aqui está também, comprada por volta de 1980, a minha Smith-Corona C-500 elétrica, pesada, ronronante, com seus cartuchos de fita. Eu a tratava como uma moto de alta cilindrada, escovava-lhe os dentes, mandei refazer o motor, mas agora vejo que não passava de uma motoneta ou de uma simples Velo Solex. Escrevia a 90 por hora e tinha orgulho de bater "na velocidade do pensamento" (e só Deus sabe como penso rápido!). Mas era uma desgraça para corrigir. Colocar pedacinhos de papel e bater de novo para apagar o erro. Ou, uma vez retirada a folha, cobrir as passagens corrigidas com fita durex: as páginas ficavam parecendo calças remendadas. Desgraça quando se trata de um trabalho público. Mas quanto ao diário, qual o problema? Durante quatro anos (1987-1990), bati meu diário a máquina, sem me deter, alegremente, corrigindo, depois, a mão. Em minha casa, a partir de 1986, havia também um pequeno Apple (IIc), de tela minúscula, ilegível. Quando vi que era preciso uma combinação de teclas para passar ao itálico, achei impossível e desisti. Meus filhos brincavam com ele. Hoje, coberto de poeira, está esperando ser jogado no lixo ou doado a um museu. Mas o pequeno Apple cresceu e, no fim dos anos de 1990, me convenceram a comprar um Mac IIsi. Amor à primeira vista: o Mac me conquistou, me fez feliz. Compondo nele *Le moi des desmoiselles*, encontrei uma nova maneira de manter meu diário.[1] Aprendi a ser lento. Fim da escrita direta. Graças à facilidade de correção, passei a escrever por milímetro. Amiel, revisto e corrigido por Flaubert: o Mac é o meu *gueuloir*, mas ao invés de submeter meu texto à prova da leitura em voz alta, como ele fazia, submeto-o ao silencioso Mac![2] Rapidamente comprei também um PowerBook 145, para os deslocamentos, e a discrição. Em 1997, substituíram o IIsi por um Performa 6320, do qual, hoje, só resta a tela, ligada a um PC mais potente. Meus computadores com suas impressoras ocupam um cômodo inteiro: o íntimo e o trabalho compartilham do mesmo espaço. Vejo aparecer na tela meus pensamentos secretos e conversas fiadas vindas do outro lado do mundo pela Internet. Felizmente existem eclusas. Nenhum vírus nem *voyeurs* nos recantos do meu coração...

Querida tela... É verdade que gosto dela e isso é espantoso. Eu mesmo, há 20 anos, teria previsto?... No entanto, estava predestinado: nunca gostei de cadernos, nem da minha letra. Pronto para trair... Quando retomei meu diário, em 1987, dei uma chance à máquina... Acontece sempre da mesma maneira: a gente interioriza, desvia para fins privados, uma prática escolar ou profissional... Mas a máquina de escrever fracassara: em um século de existência, não conseguiu seduzir de fato os intimistas... Dura, barulhenta, burocrática, oficial, não fala ao coração. Claro que eu gostava da minha Smith-Corona, como Claude Mauriac de sua Hermès Baby, mas não passamos de meia-dúzia... Em 1988, quando fiz minha pesquisa sobre *"Cher cahier..."* havia poucos dactilo-diaristas...[3] Minha hipótese é que o computador vai vencer onde a máquina de escrever fracassou. Porque é flexível, jovem e lúdico. Porque está ligado a um novo espaço de comunicação. Mas é só uma hipótese e talvez meu entusiasmo não passe de ilusão. Na escrita como no amor, nossa própria experiência nos deixa cegos e as práticas dos outros, a princípio, enojados. Daí a necessidade de uma segunda pesquisa. Estamos no limiar de uma nova era. Há 20 anos, o computador pessoal não existia: hoje, 20% dos domicílios franceses têm um. Há 10 anos, quem

falava em Internet? Hoje (novembro de 1998), 3,7% dos domicílios franceses estão conectados – começo tímido, a França está atrasada. Lancei então uma chamada através da imprensa literária e do rádio entre maio e julho de 1998.[4] Reproduzo aqui o que foi publicado em *Lire* (junho de 1998):

Apelo aos diaristas!

Você mantém um diário no computador? Estou à procura de depoimentos sobre essa nova prática. Antes, você mantinha um diário (escrito a mão? a máquina?). Continua a mantê-lo paralelamente? Quando e como teve a idéia de manter um diário no computador? Para o que mais serve seu computador? Quando, como e por que você imprime? Como salva os textos? Computador e confidencialidade (diário secreto, diário comunicado?). Computador e edição de texto (você corrige, na hora, depois?). Computador e montagem? Diário e hipertexto. Diário e multimídias, a imagem, o som. Comparação com a escrita. Vantagens, desvantagens. Diferenças. Preferências. Envie-me sua resposta: Philippe Lejeune, 11 rue F.-J. Bouille, 92269 Fontenay-aux-Roses.[5]

Minhas perguntas são um pouco..."reacionárias": o que sugiro é uma comparação com o caderno. Pergunto se o novo meio atende mais ou menos bem às expectativas construídas pelo antigo. Em suma: o computador é um bom ou mau caderno? Mas também: é algo diferente do caderno? Se for um mau caderno, é porque aceita ser um caderno e está perdoado: ninguém é perfeito. Se for, ao mesmo tempo ou por outro lado, algo diferente do caderno (ou até mesmo o contrário), então é assustador – para onde vamos?! Essas perguntas haviam sido publicadas na página inicial de *La Faute à Rousseau*.[6] Reproduzo aqui duas respostas extremas, mas que têm um ponto em comum (nada óbvio): o computador implicaria um destinatário externo.

Laurence Martin:

Ao concluir essas linhas, escritas no editor de texto, pergunto-me por que nunca tive a idéia de escrever meu diário no computador. Suponhamos que eu tenha um *notebook*: será que ele poderia ser o equivalente de minhas "cadernetas externas"? Duvido. Minha prática de escrita íntima parece diametralmente oposta ao texto virtual, modificável ao infinito, que se inscreve na tela. O que escrevo em minhas cadernetas, muitas vezes em estilo telegráfico, é apenas o vestígio do que senti e pensei em um momento preciso. O fato de poder utilizar algumas passagens como "matéria-prima" de outros textos não muda nada: a escrita íntima continua sendo para mim uma escrita fugidia, que diz a verdade de um instante, e à qual não poderia "voltar". Os textos que relemos e reescrevemos não seriam os que destinamos aos outros? Assim, vejo entre os diferentes tipos de suporte que utilizo que coincidem com uma distinção genérica (escrita para si/escrita para os outros), a materialização de uma atitude de escrita: o que escrevo em folha A4 fica imediatamente disponível ao olhar, ao passo que aquilo que escrevo em minhas cadernetas é cuidadosamente mantido longe de qualquer olhar, protegido pela capa.

Graham Woodroffe:

Recuso-me a dizer diário "íntimo", pois o diário que escrevo se destina a leitores que ainda não conheço ou que nunca conhecerei, mas que acolherão com benevolência, espero, minha franqueza. E é nessa ótica de "posteridade" que meu diário eletrônico me parece muito mais satisfatório do que um diário em múltiplos cadernos. Em primeiro lugar, como cabe em pequenos disquetes, será mais facilmente conservado e por mais tempo do que se estivesse em cadernos. Um dia, poderá passar de um suporte a outro, através das futuras gerações de computadores. Assim, é quase indestrutível. Mas considero que a principal vantagem é a possibilidade de introduzir esse diário na era da multimídia que está começando. Misturar meu texto com imagens, diagramas, animações, modelagens em 3D – fazer uma espécie de *scrapbook* eletrônico, já é possível hoje em dia. Completá-lo com seqüências de vídeo e áudio estará ao alcance de todos em alguns anos. Será assim no futuro. Ser mais do que diarista: ser o artista eletrônico da própria existência. Legar à posteridade não uma pilha de cadernos mofados, mas o disco compacto da própria vida. Deixar às gerações futuras nosso próprio CD-ROM, testemunho modesto de nossa passagem pela Terra.

Os depoimentos de Laurence e Graham fornecem vários eixos de oposição possíveis. Muitos outros se entrecruzam de maneira vertiginosa em experiências concretas. Recebi 66 respostas, metade de homens, metade de mulheres, de 19 a 75 anos. Agradeço do fundo do coração a meus correspondentes! Só alguns serão mencionados ou citados aqui, designados pelos nomes de batismo, mas todos alimentaram e estimularam minha reflexão.

E os menores de 18 anos? Um indício, uma ligeira mudança: em uma pesquisa sobre o diário, feita no liceu de Cosne-sur-Loire, em 1998, junto a 600 adolescentes, cerca de 15 respostas revelam o uso episódico do computador, ao passo que em 1993 no liceu de Plaine-de-l'Ain, em Ambérieu, a prática parecia não existir. Os números devem ser interpretados com prudência. Assim, recentemente, a pesquisa de Olivier Donnat sobre *Les amateurs* [Os amadores] (La Documentation Française, 1996) indicava que 9% dos diaristas usavam o computador: mas será que usavam para *manter o diário?* – isso não ficou claro! Temos de reconhecer: os cyberdiaristas são ainda uma ínfima minoria. Meus correspondentes, que em sua maioria escrevem seus diários no computador, não são representativos. É impossível também quantificar o conteúdo de suas respostas mesmo se, às vezes, surgem dominantes. Como tratar essas 66 correspondências? Pensei em três métodos. Em primeiro lugar, uma análise de conteúdo, tendo como resultado um índice detalhado: trabalho indispensável, que representa a base da apresentação que vamos ler. Em seguida, o método oposto, a publicação bruta dos próprios depoimentos, como eu havia feito em 1990 em *"Cher cahier..."*.[7] É verdade que, para serem apreciadas, as respostas demandam o contexto das deliciosas miniautobiografias esboçadas muitas vezes nas cartas. Mas dessa vez, o objeto mais limitado da pesquisa obrigava a escolher, para limitar as repetições: citei somente 27 das 66 respostas recebidas. Mas o essencial era fazer uma síntese a partir desse trabalho: uma rápida classificação dos problemas, baseada em numerosas citações. Passemos a ela.

QUERIDA TELA...

Aqueles que dizem "querido caderno" não conseguem compreender que se possa tratar assim um computador. E, no entanto, isso não é nem mais nem menos ridículo! Nessa operação metonímica, o computador tem ainda mais trunfos! O caderno é inerte, insípido, inanimado, é um fantasma de carta, um *ersatz* de livro. O computador tem mais consistência e personalidade, é um organismo vivo que se acende e se apaga, nos prega peças, nos vigia... Deixo que Pascale explique:

> Escrever meu diário no computador é fácil para mim. Parece haver uma resposta ao que escrevo, devido ao ambiente virtual.

> Além disso, aquela disposição saturada de obsessão permite que eu me classifique, me pense, me pacifique dentro do que às vezes parece ser um buraco negro, um desfile de cometas – minha vida. Há na tela um convite à escrita na medida em que esta é ordenadora. Há um ambiente físico: as cores da tela, as cintilações, o ronrom, o pisca-pisca do cursor, que se parece com a vida e nos faz sentir menos sós...

É óbvio: o computador é um gato. O animal-fetiche dos escritores. O animal doméstico que preenche as vidas solitárias. As pessoas riem das solteironas que conversam com o gato ou o cachorro. No meu Word 97, há uma animação com um clipe de olhos cintilantes ou langorosos que comenta e imita todas as operações que programo. Às vezes tenho vontade de esbofeteá-lo. Deleto a animação. Às vezes, sinto saudades dele. Ele está ali, é alguém. Leiam agora Cécile que explica que um *notebook* é um espelho de bolso.

> Mantenho, de maneira muito descosida, isto é, em ritmo não contínuo, um diário no *notebook* desde que adquiri o aparelho, isto é, há mais ou menos um ano e meio. Devo dizer que no *projeto* de aquisição de um *notebook*, a idéia de diário, espécie de *alter ego*, estava muito presente. A própria forma do *notebook*, que se abre como um livro, como um espelho sobre o qual nos debruçamos, tinha para mim a eficiência de um diário.

Sobre o *notebook*, nos debruçamos. Com o computador doméstico, é preciso ficar face a face. Gwenaël descreve muito bem esse corpo-a-corpo com suas expectativas, desafios, conivências... Talvez a luta viril com a máquina seja fantasia sua, mas o longo texto lírico do qual reproduzo aqui alguns trechos mostra perfeitamente os recursos de identificação que o computador encerra...

> Tenho uma letra horrorosa (...) O computador, ainda que não me permita escrever tão rápido quanto a mão, permite porém regular o fluxo de chegada das idéias a um tipo de transcrição que facilita imediatamente a leitura e a correção. E depois, ouve-se a música do teclado, quando tudo flui tranqüilamente e as linhas são preenchidas (...) E, em seguida, o silêncio, apenas o ronronar do aparelho e a tela imóvel com o cursor piscando em algum canto, lembrando que a escrita foi interrompida (...) Os ritos de ligar e inicializar a máquina requerem um certo tempo, é preciso

> esperar o sinal verde da máquina para começar a escrever, ela não pode ser aberta ou fechada tão rapidamente quanto um caderno. O computador é arrogante, grande, pesado, ocupa espaço (exceto os *notebooks* e olhe lá). O inconveniente é que não se pode levá-lo a todo lugar e a vantagem é, igualmente, que não se pode levá-lo a todo lugar. Ele institui não apenas alguns momentos para escrever, mas, principalmente, um único lugar (...) o diário não é apenas escrita, é um momento, uma maneira de estar em algum lugar para não estar em outro, estar ali para ter certeza de estar ali. E o computador reina; o alto de minha cabeça ultrapassa a tela apenas alguns centímetros; ainda assim, sou maior, mesmo sentado. Mas mesmo assim, basta escorregar um pouco na cadeira para que ele, impassível como seu ronronar, fique mais alto do que eu, me inflija sua arrogância categórica e me force a me reerguer, ficar com as costas retas, a cabeça alinhada, o olhar fixo e horizontal.

A personalização pode assumir formas pitorescas: uma de minhas correspondentes tem uma "dinastia" de computadores que foram batizados com nomes humanos, um outro diz ter "harém". E as comparações empregadas nem sempre são simpáticas, uma vez que podem ir até "refrigerador"...

PERCURSOS

O que torna delicada a análise é a ambivalência dos comportamentos, mas principalmente a grande diversidade de percursos. Como se chegou ao computador? Muitas vezes, a partir de um outro uso, profissional ou prático. É pouco freqüente que se compre um computador *para* a escrita íntima. Já se está, portanto, mais ou menos familiarizado. O diário mantido no computador é o primeiro? Isso acontece (sete casos) mas, no caso de meus correspondentes, na maior parte das vezes, o computador veio substituir um diário manuscrito anterior. Alguns deles, depois de terem mantido um diário manuscrito por muito tempo, retomam a prática graças ao computador. Outros (a maioria) fazem essa passagem continuando um mesmo diário, às vezes após uma fase intermediária de datilografia (meu caso). Alguns, após ter tentado o computador, voltam à prática manual (três casos). Outros mantêm, simultaneamente, um diário no computador e um diário manual, com funções e perfis diferentes. Alguns usam o computador apenas para copiar, passar a limpo o diário

manual, ou elaborar uma reescrita mais literária. Às vezes uma correspondência (cujo vestígio foi conservado no computador) se transforma em diário e, às vezes, o inverso. E certos comportamentos podem ser observados simultaneamente no mesmo indivíduo. Por isso, é difícil apresentar um quadro numérico claro e, principalmente, correlacionar as análises que vou fazer com perfis de conduta bem distintos. Posso fazer, no entanto, duas observações de ordem geral.

Meus correspondentes (que lêem a imprensa literária ou ouvem a rádio France-Culture) são, em sua maioria, viciados em escrita que encontraram em seu caminho o computador: o perfil inverso, viciados em informática que se deparam com a escrita, praticamente não existe. O universo dos diários *on-line* na web deve pois ser explorado por outras vias, diretamente na web – como fez em 1997 Emmanuelle Peyret para realizar uma pesquisa da qual participei, a convite dela (*Libération*, 9 de maio de 1997), e como eu próprio fiz mais sistematicamente, em 1999. Mas é preciso esclarecer de antemão que essa prática, muito desenvolvida na América do Norte, é ainda muito rara na França. A maior parte dos diários *on-line* de língua francesa são, aliás, quebequenses.

Segunda observação: muitas vezes, para esses viciados em escrita, o que importa é menos essa ou aquela prática do que poder contar com *dois espaços* de escrita diferentes e repartir suas atividades entre os dois, passar de um a outro etc. Este é, por exemplo, o paralelo feito por Michèle entre o diário no computador, que ela escreve de manhã e nunca imprimiu, e as cadernetas manuscritas que a acompanham ao longo do dia:

> O que é diferente não é apenas o tempo e o lugar, mas também a natureza das entradas. A caderneta é mobilidade, diversidade e, portanto, mais voltada para o exterior e para o momento presente, mesmo se não exclusivamente. O diário no computador é, quase sempre, mais introspecção e reflexão sobre o dia precedente ou o seguinte, uma espécie de marcação, de passo atrás, depois à frente.
>
> Paradoxalmente, a caderneta é mais trabalhada, mesmo se, às vezes, disponho de menos tempo, pois sei que poderá ser vista, por mim e pelos outros. Tenho uma escrita seca, curta, o computador suporta o comum, a banalidade, coisas sem importância

> como "chove ou faz sol", as mesmas angústias ou ruminações dia após dia, o galho da árvore que deve ser cortado para não cair no telhado. Se quiser, posso destruir tudo, apagar, então por que não me liberar?
>
> Não se trata de preferir um ou outro, os usos são bem delimitados, mas nada é imutável...

Vou percorrer em diagonal essas correspondências segundo oito eixos: o vestígio (pessoal ou impessoal), a distância, o trabalho de correção, a confidencialidade, a releitura, a experiência do "virtual", os circuitos de comunicação...

VESTÍGIO

O que restará de mim, se eu não escrever a mão? Durante muito tempo, a escrita foi uma prática coletiva à qual o indivíduo não imprimia sua marca. Só a partir do século 19 tornou-se individualizada e até mesmo autobiografizada. Philippe Artières, em *Clinique de l'écriture* [Clínica da escrita], mostrou como a ciência psicológica, em seus primórdios, se apoderou da escrita para tratá-la como um universo de sintomas, um corpo no qual se poderia decifrar a história, o temperamento e a patologia de cada indivíduo, uma pele da alma, única e reveladora, como uma impressão digital.[8] Os diaristas são os primeiros a dar importância à própria grafia. Lembro-me de ter publicado um artigo para provar que, uma vez impressos, os diários perdiam três quartos de seu sentido.[9] Também organizei, em 1997, juntamente com Catherine Bogaert, uma exposição inteiramente dedicada a esses "vestígios psíquicos" que são os manuscritos originais de diários (*Un journal à soi* [Um diário todo seu]). O cartaz da exposição, criado por Tomi Ungerer, trata com humor a idéia de vestígio: um gato, que molhou a pata naquela tinta roxa que se usa na escola, alinha suas impressões digitais num caderno... Lembro-me ainda de minha entrevista com Bruno Lussato, em junho de 1997, especialista em microcomputador, e autor, além disso, de um diário caligrafado, ilustrado com desenhos maravilhosos. Quando lhe falei de diário no computador, ele me fulminou com uma aula sobre o lado direito e esquerdo do cérebro, opostos, irredutíveis, inconciliáveis! Talvez ele tivesse razão e, no entanto, eu gostava muito do meu pobre Mac que me dava outras

satisfações, espaciais e também sensuais, sobre as quais, aliás, não ousei mais falar...

Muitos de meus correspondentes, de fato, concordam com ele. Dois pólos em seus discursos: o prazer do ato em si, a riqueza de informação do vestígio. Remeto ao índice de *"Cher cahier..."*, que contém excelentes depoimentos sobre o cuidado quanto à escolha do suporte (cadernos e papéis) e dos instrumentos (lápis, canetas, tintas...) e sobre o prazer de registrar...[10] Passo a palavra a meus novos correspondentes. Evelyne, que gostaria de escrever usando o corpo inteiro:

> Não penso em manter um diário no computador, ferramenta que considero hoje como uma ajuda preciosa, é claro, mas, quando se trata de escritos íntimos, sinto necessidade de contato físico com o que escrevo no papel: se pudesse, escreveria diretamente com os dedos, até mesmo com o corpo inteiro! Não é de fato exagero, prova disso é que, de vez em quando, passo inoportunamente (ou felizmente) os dedos na tinta que ainda não secou.

Stéphanie, que prefere escrever no papel por razões práticas, mas também porque é rústico:

> Não digito diretamente meus pensamentos no computador porque, na maioria das vezes, na hora em que tenho vontade de escrever, não estou em casa, ou não tenho vontade de ir até a minha mesa. Se chego às três da manhã, bêbada, é mais fácil pegar uma caneta e um pedaço de papel. Gosto desse lado rústico. Quando releio o que escrevi, vejo meu estado de espírito na escrita.

Mahine, que se diverte tomando o pulso do passado ao escrutar a tinta, o papel, o traçado da escrita, até os comentários acrescentados posteriormente:

> A releitura possibilita ter acesso a um nível suplementar de memória e emoção inscrito na própria forma de tudo o que acompanhou o traçado da escrita (...) Três linhas rabiscadas às pressas ou quatro páginas lacrimejantes sobre o assunto do dia (por exemplo, a-fragilidade-do-amor-e-são-todos-uns-cafajestes etc.), a caneta nova, que parece um gato nervoso, a cor de uma tinta (olha só, é mesmo, tive uma fase azul turquesa, que horror!), a escolha do papel (três horríveis folhas amarelas em setembro de tal ano porque não tinha outras, mas se eu as copiar hoje em

papel branco, não terá mais o mesmo sentido) e enfim o contexto da época (...) E, o melhor de tudo, o que dá valor a essas idas e vindas são os comentários (divertidos, sarcásticos, sérios, às vezes/raramente reprovadores) acrescentados na margem, ao longo das sucessivas releituras, que me fazem sorrir e pensar: poxa, como foi longo o caminho para chegar até aqui!

O processo parece claro: o caderno ganha de longe do computador quanto ao prazer do ato e à riqueza do registro. Quanto ao segundo ponto, todos hão de concordar que a inscrição na tela é pobre em informação sobre o diarista. Pode-se brincar com o tamanho da fonte, a formatação da página, mas é só. Quanto à inserção de documentos através de scanner ou multimídia, constata-se que praticamente ninguém recorre a eles e que muitos chegam praticamente a excluí-los, em nome de uma espécie de ascetismo, como Michèle:

Posso dizer que nunca toquei em nenhum dos recursos do computador como multimídia, imagens, som. Para mim, o diário é uma busca em direção ao interior, um recentramento. A multimídia é o oposto, a fragmentação e a dispersão, justamente o que tento combater com esse recentramento cotidiano. É sedutor quando se vê nos outros, mas não esgotei os prazeres da introspecção. O que me seduz no computador – e que não existe no papel – é o lado anônimo, neutro, descartável da escrita. Nenhum vestígio, bonito ou feio, nenhum amor pelo papel ou pelo caderno, nada que possa me desconcentrar.

Na verdade, o prazer não vem forçosamente da escrita manual e do papel. Cerca de 10 de meus correspondentes têm dificuldade para escrever ou não gostam da própria letra, e alguns preferem a tela ao papel (a ponto de nunca imprimir os diários). Vimos, por outro lado, que o computador tem uma presença física mais forte que a do caderno.

Quanto à riqueza de informação fornecida pelo texto manuscrito, será mesmo uma vantagem? Será necessariamente agradável dar de cara com vestígios de si mesmo, quando se escreve? Muitas pessoas não gostam de ouvir a própria voz gravada, nem de se ver em vídeo. É certo que a complacência autobiográfica é muito mais difundida, mas não é universal. A impessoalidade da escrita pode ter, no caso do diário, uma função libertadora.

DISTÂNCIA

A convergência dos cinco depoimentos que vamos ler me impressionou. Todos atribuem ao computador o mérito de ser uma espécie de escuta terapêutica que decanta o que se quer dizer, que permite, graças à neutralidade da tipografia, ser objetivo, fugir de si mesmo, se distanciar. Outros fatores intervêm, como veremos: a posição face a face, a possibilidade de corrigir e, especialmente, a fantasia de ter um leitor desconhecido. O distanciamento benéfico permite que pessoas que sofrem, desgostosas com sua escrita ou bloqueadas no silêncio, encontrem um caminho em direção a si. Há, certamente, um lado dramático nas experiências contadas, mas pode-se concluir que, minimamente, para um certo número de pessoas, o computador permite realizar melhor do que o caderno as principais funções do diário: a expressão e a deliberação. Sandra diz, muito rapidamente, o essencial.

A escrita a mão sempre nos deixa presos a nós mesmos: como é difícil se expressar, se ver por um prisma que ainda nos inclui! O computador, ao contrário, não nos inclui: é neutro, é o mesmo para todos. Conseqüentemente, ao menos para mim, ele facilita a tarefa de qualquer pessoa que tenta dolorosamente existir.

Além disso, na tela, a gente se formula na frente e não mais embaixo como com a caneta: luta-se portanto consigo mesmo de igual para igual e não mais em posição de fraqueza. Penso que, inconscientemente, isso torna as coisas menos dolorosas. E se instaura um verdadeiro diálogo entre o ser-escrito frente a nós, impresso em caracteres neutros, e o escritor doente, que não busca mais sua identidade de cabeça inclinada, enviscado em seus escritos íntimos.

Nathalie:

Mantenho um diário pessoal no computador desde 1995; comecei durante uma psicoterapia. Antes, havia feito algumas tentativas a mão, mas nunca havia levado a experiência até o fim: medo de si ou da página branca? Não sei (...) percebi que assim era mais fácil para mim organizar as idéias, palavras e frases... Gosto do distanciamento que a tela proporciona, é como se eu pudesse me observar ao mesmo tempo de dentro e de fora. Gosto também da possibilidade de (re)trabalhar as frases, os parágrafos (montagem...) e prefiro a precisão assim engendrada às rasuras.

Sylvie destruiu todos os diários manuscritos, quando tentou o suicídio. Foi através do computador que conseguiu se reconciliar com a escrita:

> Durante um estágio em informática, descobri o computador. E aí, foi uma revelação: a caneta não me convinha mais. O teclado podia substituí-la com muitas vantagens! Obviamente, por causa do editor de texto que elimina as rasuras, mas também, e principalmente, porque o computador, a tela e o teclado, estabelecem uma distância muito maior entre a escrita e o redator (...) E, depois, escrever o diário no computador requer todo um cerimonial: ligar o monitor, sentar-se à mesa de trabalho, abrir uma página: muito mais restrições, na verdade, do que escrever em um caderno que se pode levar para qualquer lugar, abrir a qualquer momento, no qual se pode colar imagens, pedacinhos de grama... coisas impossíveis no computador... a não ser que se use um material suplementar que aumenta mais ainda o distanciamento.
>
> No começo esse distanciamento foi muito bom para mim e me ajudou a voltar aos poucos à escrita. Sentia uma vontade imensa de me expressar através da escrita – como sempre fiz – mas não tinha *capacidade emocional.* O computador me permitiu ultrapassar essa barreira.

Laure também se desbloqueou graças ao computador...

> Depois de ter negado os sinais evidentes dessa doença (uma depressão), fui obrigada a aceitá-la e me tratar.
>
> Um dia, então, sentei diante do computador que usava normalmente para preparar aulas e tarefas para meus alunos. E contei a ele tudo o que me pesava no coração e na mente e que podia ser a origem, ou parte do meu "mal-estar"... Ao fim de quatro páginas me senti muito frustrada: o que ganhara, com aquele trabalho de auto-reflexão? Imprimi, então, o texto e enviei a meu médico.
>
> Ele aceitou essa psicoterapia por escrito. Continuo escrevendo, mas as últimas folhas que entreguei eram manuscritas...e o apelo do senhor me fez refletir sobre as diferenças, no meu caso pessoal, entre escrita a mão e a utilização da informática.

A volta ao manuscrito é, para ela, um sinal de melhora... Vamos ver o caso de Claire, que reescreve no computador seus cadernos íntimos, cuja escrita "tinha a ver com a terapia", e que descobre as virtudes da tela:

> O Senhor há de concordar que o computador destruiu aquele caráter tão tangível da emoção. Sua tipografia pode nos parecer neutra, impessoal. Traduzir a emoção passa a ser então menos fácil, pois não decorre de uma espécie de mimetismo da escrita, mas de uma escolha mais rigorosa das palavras apropriadas (...) Com o computador, descobri também que podia sentir, em filigrana, naquilo que escrevia, a presença de um destinatário. A novidade para mim foi compreender que, escolhendo o computador, tinha inconscientemente expressado meu desejo de ser lida por alguém além de mim.
>
> A distância entre a tela e eu não deve ser considerada como desvantagem. Faço de mim um personagem. Quando escrevia na caderneta, a escrita era uma expressão direta do que me emocionava, com o computador, torno-me atriz, mas igualmente, e isso é algo novo, espectadora (...) O trabalho – a posição face à tela acentua ainda mais isso – e a reflexão ocupam assim um lugar importante. Pode-se dizer que o diário no computador adquire uma certa forma de "literariedade".

CORREÇÃO

Alguns visitantes da exposição *Un journal à soi* ficaram impressionados em ver que quase todos os cadernos eram redigidos sem rasuras, como um jorro claro e definitivo. Talvez, em nosso imaginário, um manuscrito exposto deva ser um "rascunho", ou nossa expectativa seja ver correções, que justificariam a exposição, como sinais do trabalho do escritor. Não é o caso aqui! Essa segurança da redação não é privilégio dos escritores: os mais obscuros diaristas dizem, já da primeira vez, o que trazem no coração, ou, pelo menos, fazem questão de manter essa primeira expressão. Modalizam ou retificam depois, continuando a escrever, e é raro que voltem atrás para riscar. Há várias razões para isso. O diário é uma oficina de escrita quotidiana em que se vai aprendendo aos poucos, pela releitura e pela repetição. Por outro lado, o diarista é um "ruminante". Sem que se dê conta, é ao longo do dia, enquanto vive, que a entrada que escreverá "espontaneamente" à noite vai se elaborando em sua cabeça.

Esses "rascunhos mentais" não deixam nenhum vestígio. A fase silenciosa de elaboração se conclui diante do papel, com as últimas hesitações, de lápis erguido. Mesmo se o resultado não for convincente, o diarista vai em frente, em direção ao que ainda tem a dizer – da próxima vez, fará melhor. Poderá retificar uma palavra mal escolhida, acrescentar na margem uma idéia atrasada, um fato esquecido, mas se limitará a isso. Não lhe passará pela cabeça a idéia de "trabalhar" o texto, e se começar a fazê-lo, se sentirá incomodado como se fosse uma impostura, cujos vestígios permaneceriam visíveis. Isso não significaria fazer um arranjo com relação ao que foi vivido, resultando numa comédia, um ensaio de sedução, com relação a um futuro leitor? Além disso, seria agradável reler um texto cheio de correções? A ideologia da espontaneidade e o suporte restritivo do caderno (não se pode refazer a página) aproximam o diário da aquarela: o retoque é impossível, é preciso acertar na primeira vez.

O computador põe abaixo esse belo edifício: o editor de texto, tal como a pintura a óleo, permite retrabalhar indefinidamente sem deixar vestígios. Quando ficam sabendo que mantemos diários no computador e que os corrigimos, os "cadernistas" ficam indignados (onde está a sinceridade?!) e vagamente enciumados (assim é fácil!). Eles se esquecem que fazem da necessidade virtude, e que seus diários são igualmente (e legitimamente) elaborados. Que diferença faz, afinal, hesitar em silêncio entre duas palavras, ou escrever uma, ver que não fica bem e escolher a outra? Se minha frase começou mal, se me repeti e se tal assonância é desagradável, apago e recomeço – e daí? A única regra é que o trabalho seja feito no momento da escrita, no próprio dia e não mais tarde. Na verdade, o computador permitiria *também* acrescentar, apagar ou retificar depois, sem deixar vestígios. Mas...qual seria o interesse? A meu ver, o valor do meu diário se deve a sua historicidade. Bobagens, erros, má-fé têm valor por serem coisas "do dia", como se fossem ovos frescos. Trapacear significaria anular a empreitada por inteiro.

Vou tomar o lugar de meus correspondentes e dar meu depoimento. Só para variar o ritmo desse florilégio. Minha grande descoberta, como disse, foi aprender a ser lento. É tão fácil corrigir: é um crime ficar no primeiro jorro! Não consigo mais abandonar um parágrafo antes que me pareça perfeito. O trabalho do estilo é um exercício de meditação. Meu objetivo não

é seduzir, mas encontrar a palavra certa, que traduza e resuma minha experiência.

E você faz isso em um diário secreto que ninguém vai ler?

Claro que sim. Hoje Luculus vem jantar com Luculus.

Nesse mesmo teclado não avanço muito, levando meia hora para escrever 10 linhas, outros o percorrem a toda velocidade, enviando e-mails sem pontuação ou despejando *on-line* um diário tagarela para desconhecidos. O computador permite tudo: o importante é a rede imaginária ou real à qual estamos ligados. Quando escrevo meu diário não há pressa, estou em ponto morto, numa rua sem saída, não há ninguém. O tempo que gasto é uma antecipação do tempo que vai passar até que ele seja lido, por mim ou por uma posteridade bastante improvável. Minhas palavras devem encontrar força suficiente para atravessar esse imenso vazio. Gosto de escrever à noite. Registro, às vezes, no disco rígido da eternidade...

Muitos de meus correspondentes corrigem e gostam de corrigir. Stanislas corrige duas vezes, primeiro na tela, depois a mão no texto impresso:

> O editor de texto possibilita a correção imediata de minha escrita: corrijo o texto, à medida que vou redigindo. Assim as páginas escritas ficam limpas, a ortografia, correta, e a qualidade, próxima à do livro (alinhamento dos parágrafos, espaço entre as linhas, itálico em alguns termos...). Adotei, no entanto, desde o início de meu trabalho no computador, uma técnica especial: enquanto escrevo, me permito corrigir a redação; uma vez finda a sessão, isto é, o texto concluído, meu texto no computador é definitivo, não mudará mais, será arquivado exatamente como está... Imprimo meu texto depois de cada sessão e é só na versão impressa que faço correções, acréscimos e cortes. Gosto de proceder assim, pois, quando releio meu diário, posso identificar os retoques feitos ao primeiro jorro.

Nicole gosta de se reler. Ela mantém o diário da infância da filha, que é lido pelas pessoas próximas. O computador possibilita retocar o texto:

> A vantagem do computador é, sem dúvida, a possibilidade de rasurar de maneira limpa e inserir fatos e palavras esquecidas que só surgem ao fim da redação. (...) Como sempre gostei de

escrever, é um prazer reler a narrativa do ou dos dias passados e trabalhar de novo eventualmente o texto (se ainda não estiver impresso) para eliminar as repetições, mudar uma palavra, consertar uma frase pesada, acrescentar um detalhe ou comentário, suprimir detalhes que não ficaram bem ou simplesmente corrigir os erros de digitação. O computador, nesse sentido, nos deixa mais à vontade.

DISCRIÇÃO

Existem dois problemas: a discrição do ato e a proteção do produto. É evidente que só existem se o diário for confidencial. Se você escreve em um caderno ou folha, fica mais difícil alguém se debruçar para ler seu texto; ao passo que diante de você, luminosa, a tela provoca a indiscrição. Alguém entra, você terá tempo de salvar e fechar? Muitas vezes, dividimos o mesmo computador com a família ou o parceiro... Marie, de 19 anos, nos conta:

> Comecei a usar o computador no começo de 1996 e ele ficou um ano e meio no mezanino; tinha de parar de escrever, portanto, quando minha mãe se aproximava. Era uma verdadeira fonte de estresse: toda vez que ela passava perto de mim, mesmo sem entrar no cômodo, eu escondia o texto, às pressas, descendo o cursor... O resultado é que preferia escrever à noite, quando meus pais iam se deitar: o barulho das teclas os irritava, então, a meu pedido, eles instalaram, com prazer, o computador em meu quarto. Hoje em dia, escrevo com muito mais serenidade em minha mesa, mesmo se me sobressalto e tenho de gritar "espera!" quando minha mãe bate à porta. Sei que ela não vai olhar, mas é mais forte do que eu.

Sim, o computador é visível demais. Também é grande, pesado, caro, pouco móvel (mesmo quando é portátil), e em todos esses pontos é fácil opô-lo ao caderno. Mas que seja mais indiscreto, tenho minhas dúvidas. Nada é mais fácil de esconder do que um caderno e, no entanto, a história da prática do diário está cheia de casos dramáticos de cadernos descobertos. O risco não é nem maior nem menor quando se usa o computador. Alguns de meus correspondentes se protegem com um código de acesso. Um deles conta que esconde os textos em arquivos com títulos enganadores (tão enganadores que ele mesmo acaba se perdendo!). Outro evita deixar seu diário gravado no disco

rígido e o grava em disquetes que mantêm escondidos. Entretanto, recentemente, na época dos problemas do presidente americano, fiquei sabendo que os computadores conservam na memória tudo o que é digitado, *mesmo quando apagamos.* Uma "caixa preta" permanece vigilante em suas entranhas: tudo o que você digitar poderá ser usado contra você... De qualquer modo, a maioria dos diaristas de computador imprimem e se vêem novamente diante do problema inicial, agravado pelo incômodo do formato A4. É sempre arriscado escrever seus segredos. O medo é ainda maior no caso do computador, porque a tecnologia nos escapa. Por um lado, você teme que o texto desapareça no meio do nada (desaparecimento acidental), por outro, que ele apareça onde não deveria. Para evitar o primeiro perigo, você copia o diário e se expõe ainda mais ao segundo... A única saída é desistir de escrever! Mas esse medo não é geral: também recebi declarações de confiança absoluta na discrição dos computadores...

RELEITURA

Por que se usa um caderno, isto é, um conjunto de folhas dobradas e costuradas, para escrever um diário? Para dar continuidade a um texto por definição fragmentário e poder relê-lo com facilidade. Na origem do diário, está o livro de bordo dos navios, o livro de contabilidade das empresas comerciais ou agrícolas (que antigamente se chamava livro-razão). A função fundamental do diário é a memória e a organização. Quanto a isso, é preciso reconhecer: o computador é um caderno melhor do que o caderno. Flexibilidade da estruturação interna do diário, graças à divisão em arquivos e à hierarquização dos documentos: é possível manter diários paralelos sobre temas diferentes, periodizá-los como quisermos. Tudo está imediatamente à mão: pode-se consultar enquanto se escreve qualquer outra zona do diário (ao invés de ter de remexer em pilhas de cadernos). Economia de espaço: o computador é mais volumoso do que *um* caderno, mas menos do que *50* cadernos... A função "pesquisar" permite que se encontre qualquer informação ou série de informações. Facilidade de estabelecer índices. Comunicação fácil com outras zonas do computador como a correspondência, por exemplo, ou com uma autobiografia em andamento, se for o caso; seu trabalho, se também for feito no computador; ou anotações de leituras; ou simplesmente uma agenda. Nos Estados

Unidos, existem programas para diários que são uma espécie de agenda aperfeiçoada: nunca usei esses programas, conheço apenas a lista fornecida por Michèle Senay, figura importante do diário íntimo francófono na web: mas ela própria ainda não experimentou nenhum deles.[11] Como ela, duvido que sejam, de fato, úteis. O editor de texto tem recursos fabulosos. Continuo minha lista: se você quiser editar trechos do diário, fazer uma montagem, transformar uma parte em conto ou qualquer outro tipo de reescrita, não existe nada mais fácil de ser feito, a partir de uma cópia que deixará o original intacto. Você pode fazer a montagem de maneira linear cortando e colando; mas quem lhe impede de usar os links de hipertexto?

Se dermos uma olhada na história do diário íntimo, veremos que o computador está realizando o sonho de uma série de pioneiros que esbarraram nos limites do caderno. Esses precursores da informática se chamam, entre outros, Marc-Antoine Jullien, Pierre-Hyacinte Azaïs, Henri-Frédéric Amiel, Claude Mauriac. Jullien, em seu *Essai sur l'emploi du temps* [Ensaio sobre o uso do tempo], de 1824, elaborou, baseando-se na contabilidade, um "banco de dados", destinado à gestão da vida quotidiana.[12] Azaïs sonhava com a articulação pasta/arquivo e dividiu o dossiê de seu diário em 336 arquivos quotidianos correspondentes aos dias do ano (que preencheu durante 33 anos, de 1811 a 1884).[13] Amiel, de maneira mais modesta, empreendeu, em seu imenso diário, um trabalho retrospectivo de indexação marginal com notas remissivas que teve de abandonar por falta de tempo e energia.[14] Quanto a Claude Mauriac, podemos dizer que a construção de *Le temps immobile*, realizada com a ajuda da máquina de escrever, de fita adesiva e de uma fotocopiadora instalada permanentemente em seu apartamento, é uma bricolagem genial que antecipa o surgimento do computador através de uma perspectiva absolutamente hipertextual.[15] Fiel à velha Hermès Baby dos anos de 1930, ele viu surgir no fim da vida, tarde demais, as máquinas que correspondiam a seu sonho...

VIRTUALIDADE

Tem-se o hábito de reler na tela, no papel? Acaba-se imprimindo? Por que fazê-lo? Por que não? O computador seria (como antigamente a máquina de escrever) um simples auxiliar do papel ou será que a forma eletrônica conquistou sua autonomia? Essa é

a surpresa de minha pesquisa: praticamente um quarto de meus correspondentes (17 em 66) dizem nunca ter imprimido seus diários e não terem intenção de fazê-lo. Preferem que o diário permaneça virtual. Diante dos olhos, na tela, aquele texto que aparece e desaparece à vontade é tão fluido e imaterial quanto a própria consciência. A tela é mais íntima que o papel. Então fico pensando: é verdade que eu, afinal de contas, faço ou tenho intenção de fazer uma versão em papel. Mas passo meses inteiros com meu diário na tela sem materializá-lo. Quando há impressão, trata-se de uma garantia "morta" que estoco em um arquivo. Releio (ou não releio) na tela antes de continuar. Arrasto a caixa da barra de rolagem, à direita, e volto no tempo. Faço-o desfilar. É como folhear, mas diferente. Quando escrevo nunca sei, de fato, em que ponto estou com relação ao conjunto, já não penso em termos de "página", estou no centro de um espaço indeterminado. Meu documento tem um começo, como um caderno, mas logo me esqueço disso (mesmo se, quando o abro, deparo-me fatalmente com ele). Não há, em compensação, nenhum fim determinado e estou sempre no fim. Mal começo a escrever e a data desaparece no alto, já nem sei mais o quanto escrevi. Escrevo, muitas vezes, de madrugada. O computador é uma espécie de subterrâneo cheio de galerias através do qual me comunico com arquipélagos de madrugadas passadas, a tela, uma lamparina, meu diário, um sonho que escorre como um lençol de água sobre a superfície luminosa. Eis-me tomado pelo lirismo. Passo a palavra a Jean-Yves, que, por não gostar de papel, só pôde começar seu diário quando descobriu o computador.

> Nunca faço versão impressa. Não tem utilidade. Meu diário é rigorosamente privado. Não escrevo com o objetivo de transmitir alguma coisa, mas para me libertar de alguma coisa. As pessoas que me conhecem sabem que escrevo um diário, mas ninguém jamais o lerá. O fato de ser eletrônico, virtual, possibilita mantê-lo facilmente longe de olhares alheios, permitindo assim uma liberdade de expressão sem limites. Uma materialização destruiria essa liberdade. A consulta na tela não representa nenhum problema para o tipo de uso que faço dele.
>
> O teclado e o mouse são instrumentos que utilizo para esculpir palavras e idéias, com uma flexibilidade que não teria diante do material real do papel, superfície branca sobre a qual deve-se ousar traçar letras que, em seguida, se tornam definitivas. É menos

traumatizante selecionar um parágrafo com a ajuda do *mouse* e apagá-lo do que rasgar uma página de papel. Não se destrói de fato nada quando se deleta um texto que é apenas virtual, pelo menos enquanto não for impresso, o direito ao erro continua sendo respeitado. Escrever em uma folha de papel, seja lá como for, é definitivamente irremediável.

CIRCUITOS

Tudo depende portanto do que está ligado a seu computador: nada, uma impressora ou a web.

Se for "nada", você mergulha no virtual, mas isso não exclui nem a comunicação (você pode passar o disquete a um amigo) nem a fixação (nada mais fácil do que gravar um CD-ROM – esperando que a posteridade possa continuar a lê-los e que eles não tenham a triste sorte dos pobres "78 rotações").

Se você tiver uma impressora (caso geral), você navega a vela e a vapor, em um sistema que possibilita várias opções, mas, em geral, o papel acaba tendo a última palavra: você continua a pensar "livro". É isso que justifica a perspectiva de meu estudo: comparar o computador ao caderno. Dentre aqueles que imprimem seu diário para uso pessoal, alguns esclarecem, aliás, que reúnem as folhas em forma de caderno ou de volume (saquinhos, fichários, pastas de papelão, encadernação). Por outro lado, a impressão permite, por vezes, uma minidivulgação, especialmente quando o diário é uma crônica familiar, local ou profissional.

Se você está na web, cai em um espaço cuja lógica se opõe à do diário íntimo: a instantaneidade (ao invés do prazo), a comunicação (ao invés da reserva). Não é exatamente o espaço da correspondência clássica (prazo, destinatário preciso), mas antes uma forma de conversa escrita, o que chamei "conversa fiada" com desconhecidos, e que o angloweb chama *chat*. Mas paro por aqui, primeiro para mencionar o excelente livro de Benoît Mélançon, *Sévigné@Internet*[16] e, depois, porque seria preciso estabelecer distinções: o correio eletrônico, os grupos de discussão, as páginas pessoais têm lógicas muito diferentes. Este será o objeto de um segundo estudo, complementar e oposto, que, ao invés de se centrar no emissor, levaria em conta a interação; iria da mídia ao diário. Manter um diário na web seria de fato escrever (às vezes a mão!) um diário e, em seguida, digitar (totalmente ou parte dele)

para divulgá-lo – atitude meio arcaica? Não seria antes escrever diretamente no computador para um público desconhecido? Quais são as censuras que organizam essas confidências? O que acontece quando leio os diários dos outros em minha casa, em minha própria tela? Terminarei meu estudo com uma pequena "revista" que tocará nesses problemas que serão longamente explorados na segunda metade desse livro.[17]

REVISTA

Vou expor, aqui, o essencial do que aprendi lendo as 66 correspondências e refletindo sobre minha própria experiência. Esqueci de dizer que 39 das cartas iniciais eram textos escritos no computador, 21 manuscritos e que seis me chegaram por correio eletrônico (a revista *Le Magazine Littéraire* transmitiu minha chamada em seu site). Minha próxima pesquisa não passará mais pela imprensa literária, mas pelos grupos de discussão da web. Tentei ser objetivo, mas fui apaixonado, confesso, ao defender o diário no computador. Espero que meu entusiasmo de recém-convertido não tenha me desorientado. Pode-se ter uma idéia mais clara da situação lendo a amostragem de respostas que apresento (em *Témoignages* [Depoimentos], no capítulo X de *"Cher écran..."*[18]). Enquanto isso, cedo mais uma vez ao demônio da subjetividade. Eis as quatro respostas que mais me surpreenderam:

– a mais arcaica, de Paul, que lançou um "disquete ao mar" – como se a Internet não bastasse!

> Lancei uma garrafa ao mar em disquete! Escrevi uma carta como se me dirigisse a um amigo, gravei em um disquete que guardei – sem fazer cópia em papel – em uma caixinha metálica (uma caixa de remédios) que colei com fita adesiva bem grossa e resistente comprada numa loja de ferragens. O disquete contém a informação sobre meu nome e endereço. Joguei a caixa no rio!

– a mais lógica, de Philippe, que me enviou, juntamente com seu depoimento, um disquete contendo os volumes um, dois e 12 de seu diário, para que eu visse a evolução, e me encarregou de transmiti-lo à APA, da qual será o primeiro documento eletrônico;

– a mais engraçada, de Jean-Yves, é um diário – que também me foi enviado em folha A4 frente e verso –, mas não íntimo, uma paródia de pasquim, um jornal, em suma, chamado *L'indiscret* [O indiscreto], com a seguinte manchete: "Exclusivo: um amante do diário íntimo revela todos os seus segredos a Lejeune, conhecido professor universitário" e um subtítulo atrativo: "O famoso professor Lejeune encontrou uma pessoa que admite manter um diário íntimo no computador. Entrevista." Em seguida, ele retoma, em forma de perguntas, os pontos de minha chamada em *Lire* e responde longamente – uma das mais belas respostas que recebi, a história de Jean-Yves é surpreendente e suas análises, de uma acuidade notável;

– a mais reveladora, de Gilles, que tem uns 40 anos, mantém, desde os 15, a mão, um diário, e começou, há pouco tempo, paralelamente, uma crônica pessoal na Internet: suas três cartas, de agosto a novembro de 1998, falam sobre a incompatibilidade das duas escritas. Segundo ele o verdadeiro diário íntimo ameaçava engolir a crônica e torná-la seja impudica (impossível!), seja – ele mudou de idéia ao se dar conta dessa impossibilidade – sem interesse e inútil. Resultado: parou com a Internet e passou a se dedicar inteiramente ao diário.

Sua crônica foi se juntar então a outros diários abandonados, no site *Orphelinat des journaux intimes* [Orfanato dos diários íntimos], onde acabou encontrando o site de Michèle Senay. O site documental de Michèle Senay, *L'intimiste* [O intimista], cujo endereço forneci há pouco, muito rico e cheio de vida, é o melhor guia para quem se interessa pela prática atual do diário. Ainda mais instrutivo é o próprio percurso de Michèle. No início, ela inseria no site trechos selecionados de seu verdadeiro diário manuscrito. Ela explica, no texto a seguir, dirigido aos leitores de *L'intimiste*, por que deixou de fazê-lo. Com a palavra, Michèle:

> Eu tinha o hábito de publicar alguns trechos de meu diário no site – cheguei até a acrescentar alguns trechos redigidos especialmente para meu minidiário web. Abandonei a idéia recentemente; a idéia de diário web tem um lado sedutor, mas tem, ao mesmo tempo, um sentido muito carregado que me deixa hesitante. No início, tinha vontade de ser lida; muitas vezes, é essa a idéia inicial do diário na Internet. "Compartilhar", "interagir", "expressar"; palavras bonitas que escondem uma mesma idéia: a necessidade de ser lido, conhecido, apreciado. Eu achava também que seria interessante não pensar no que os outros diriam; me forçar a publicar integralmente o que se passava em minha alma me ajudaria talvez a não me preocupar tanto com o olhar dos outros. No entanto, o que acontecia era o contrário. As dúvidas e hesitações eram sempre mais fortes do que esse desejo e a necessidade de ser franca. Acabava sempre me arrependendo de meus vôos intimistas, a ponto de, às vezes, me censurar e apagar completamente uma entrada mais pessoal.
>
> Qual seria o objetivo, afinal? Para que serve escrever se não for para ser franco? Mas a franqueza total, sem limites, provavelmente não tenha lugar na Internet. A franqueza fica completamente à vontade no papel, mas, aqui, à vista de todos...? Não tenho certeza de que isso sirva para mim. Outros fazem, e com brio, e eu os admiro. Mas ainda prefiro dizer tudo em segredo a dizer apenas a metade diante de todo o mundo.[19]

[Este texto corresponde ao capítulo inicial "'Cher écran...' Journal personnel et ordinateur" de *"Cher écran..."*. Journal personnel, ordinateur, Internet. Paris: Seuil, 2000. p. 15-42.]

"QUERIDA TELA..." UM ANO DEPOIS

OS BLOGS

DIÁRIO
3 DE OUTUBRO – 7 DE NOVEMBRO 2000

27 DE SETEMBRO DE 2002

Esse é meu diário de 3 de outubro a 7 de novembro de 2000; meu objetivo era fazer um balanço e balizar o tempo – funções clássicas do diário! De fato, um ano antes, 4 de outubro de 1999, eu tinha iniciado uma pesquisa sobre diários *on-line*, e começado eu próprio, não na Internet, mas no computador, o diário dessa aventura. Esse diário se tornaria parte essencial do livro que relatava a pesquisa: *"Cher écran..." Journal personnel, ordinateur, Internet* ["Querida tela...". Diário pessoal, computador, Internet].[1] O livro foi lançado no mês de outubro de 2000: decidi retomar meu mouse para acompanhar, durante um mês, o que iria acontecer no momento da publicação: as reações dos leitores, dos diaristas de quem falava no livro e as minhas próprias. Trata-se, portanto, de uma espécie de *post-scriptum* do livro, um capítulo póstumo. Mas espero que possa também servir de introdução. E nada impede que, daqui a alguns anos, me dê novamente vontade de passar meu mês de outubro lendo diários na web e tomando notas...

TERÇA, 3 DE OUTUBRO DE 2000, 21H

Um ano... menos um dia! *"Cher écran..."* será lançado em duas semanas, retomo esse diário para conseguir suportar a expectativa. Primeiro se escreve um livro, em seguida é preciso falar sobre ele. Isso me deixa meio assustado. A forma "diário" registrava as nuances e as vibrações de minhas descobertas. Agora, vou ter de enfrentar perguntas, será preciso dizer preto ou branco, generalizar, bancar o especialista. A entrevista publicada na revista *Lire* me deixou consternado: eu disse aquilo? E outras virão.... Tenho medo de repisar, de remoer banalidades – sobre um tema que está se apagando em minha memória (desliguei-me dele desde a primavera) e que já não é mais o mesmo: em seis meses, a paisagem se ampliou... Vou falar de tempos passados. Hoje à tarde, mergulhei no catálogo da *Communauté des écrits virtuels* [Comunidade dos escritos virtuais].[2] Garimpei o início. Conselho aos diaristas: escolham um título que comece por A ou B! Pelo andar da carruagem, nunca chegarei ao Z!

São diários fresquinhos, cheios do entusiasmo da juventude, diários começados há poucos meses, que estão descobrindo o mundo. "O primeiro sol da manhãzinha sobre o primeiro mundo", como dizia Péguy. Estava achando que estava entediado, que não havia nada de novo. Mas o encanto voltou. Um leque de seis ou sete diários: uma moça que quer emagrecer, um homem que mantém (com fotos) o diário do nascimento do filho, uma mulher que tem um caso – avassalador – com um homem casado e mergulha em seus antigos diários, um rapaz que tem dificuldade para abordar as moças e analisa, em entradas espaçadas, mas incrivelmente longas, seu mal-estar, um pintor que, aos 30 anos, vê seu casamento ruir... As pessoas escrevem porque as coisas vão mal, mas também porque gostam de escrever. E lêem para se comparar...

22H

Quinta, 21 de setembro, às 14 horas, encontrei-me com Mongolo e Mme. BB, no Pont des Arts.[3] Ele próprio já contou em seu diário como foi o encontro. Direi apenas que eles formam um casal de namorados adorável. Conversei principalmente com ela, mas o silêncio dele não parecia significar que estava constrangido. A situação, de início, foi forçosamente um pouco *gauche* – mas

isso não durou muito. Não repetimos o que já sabíamos. Expliquei a eles o trajeto que me levou da primeira linha de meu diário em outubro de 1953 (há 47 anos!) à conversa com eles em um café do Palais Royal. E ele, a pedido meu, explicou seu tema de tese – a elaboração de um banco de dados capaz de classificar todas as descrições possíveis dos vegetais! Talvez eu esteja sendo um pouco indiscreto, poderão reconhecê-lo pelo tema... Mas por que cargas d'água ele usa – mesmo quando vai à casa dos pais! – uma camiseta "Mongolo's Diary" com o endereço do site...?

QUARTA, 4 DE OUTUBRO, 10H

A entrada de ontem foi um reencontro com meu tema, mas também com meu estilo. Não consigo mais escrever sem corrigir. Se as operações que fiz tivessem deixado vestígios, minha folha estaria toda rasurada, como os rascunhos de Marie d'Agoult que me deixam siderado. Tanto trabalho para chegar a quê? A um texto límpido, certamente, mas simplório. As correções não acrescentam nada, apenas enxugam, decantam, um primeiro jorro profuso. Acabo de empregar dois verbos, um só seria suficiente, qual deles se adequaria mais a "profuso"? Saio à caça de repetições, organizo as assonâncias. E principalmente me policio, me controlo. Estou no palco: não posso ofender uns (a jornalista da revista *Lire* foi simpaticíssima, fez um bom trabalho), nem comprometer outros (será que vou contar, por exemplo, minha conversa, por e-mail, com *L'idéaliste* [O idealista],[4] sobre a circulação clandestina de meu diário de outubro na Internet?). Teria eu, paralelamente, um outro diário no qual digo francamente, sem correção nem prudência, toda a verdade? Não, amordaçado, engomadinho, estou condenado à elegância. Mas é preciso esclarecer: escrever "limpo" não é mentir. Ao contrário! O limite é imposto pela polidez e, principalmente, pelo campo restrito ao qual circunscrevo minhas confidências.

SEXTA, 6 DE OUTUBRO, 12H

Anoto rapidamente os dois fatos importantes de ontem.

De manhã, longa conversa telefônica com Isabelle Rüf (*Le Temps*, Genebra). Conheço-a bem, ela me entrevistou várias vezes, em videoconferência dúplex, de Paris para a Radio Suisse Romande, confio nela. No fundo, preferiria que escrevessem

matérias sem me entrevistar. Tudo já foi dito no livro! Aí, ela diz: são apenas algumas perguntas complementares, só 10 minutos – e ficamos no telefone uma hora e meia! Mas é agradável: ela me força a fazer uma síntese, vou treinando, só terei de repetir tudo isso aos outros, como um verdadeiro autopapagaio...

Diário e computador, pontos principais? 1) o vestígio: (a) arrependimento; (b) alívio e distanciamento: ponto essencial, mostrar a ambivalência, isso vale para o que vem em seguida; 2) a correção; 3) o atravancamento (não conveniente, mas fecundidade dos limites etc.); 4) a discrição (dizer que dá no mesmo); 5) a conservação (problema da volta ao papel). Não esquecer o problema dos "dois espaços" (repartir seus escritos em dois campos) e tudo o que diz respeito ao imaginário. Bom. Segunda parte do livro que vai despertar mais interesse (simplesmente porque todos podem participar como leitores e porque a primeira reação, ingênua, é de indignação: não se trata de escrita íntima!). Qual é o pacto? Aí ela me apertou... sei lá!! Um pacto *de amizade*! Desenvolvo. Pegar as pessoas desprevenidas, explicando que o que é monstruoso, contranatura, não é o diário na Internet, mas o diário escrito em caderno! Não é "natural" escrever em segredo num caderno! É apenas um tempo de recolhimento e de resistência antes de retornar ao outro. Só existimos em relação. A Internet fornece um dispositivo que concilia, numa mesma experiência, o recolhimento e o retorno ao outro! Explico (pelo menos no caso dos diários francófonos) o uso sistemático do pseudônimo, que permite separar dois campos de experiência, e a presença do e-mail, que possibilita o diálogo (protegido) com o leitor alma gêmea e confidente. O apelo ao outro, os contadores de visitas... Mas também o fato de que os diaristas se lêem entre si. É o que chamo campo de amizade: não apenas relações duais, mas espírito de grupo, solidariedade. Bom, então é claro que não é igual ao caderno. Mais uma lista: 1) a regularidade (sem isso, você perde seu público); 2) o desejo de seduzir (claro, você está no palco); 3) a autocensura (diferenciar os diários-crônicas dos diários íntimos de fato). Além disso, confesso que se perde a noção do tempo, já que o diário vai ser lido logo em seguida. Continuamos, de certo modo, engrenados, ao contrário do caderno sem leitor que permanece em ponto morto e pode abrir espaço para uma meditação mais livre. Explico também (desenvolvimento brilhante? banal?) como a Internet troca tempo

por espaço e o que se perde nisso. Mas, diga-me, será que a escrita não fica empobrecida? ou se modifica? – Minha cara senhora, com relação a quê? A senhora já viu diários de papel? Essa oralidade de certos diários *on-line* está presente em muitos diários de adolescentes que escrevem como falam. É impossível generalizar. Na Internet, tem gente que escreve admiravelmente bem – como Zuby.[5] – Mas então, qual seria o efeito no papel, poder-se-ia publicar os diários *on-line*? – Não, não! Não porque sejam feios, mas porque o coitado do papel é impotente! O livro é sempre retrospectivo e global, ao passo que, na Internet, você lê um diário no ritmo em que está sendo escrito! O leitor compartilha o tempo do diarista! É completamente diferente! Como se fosse uma novela! – Daí, passo justamente a abordar minha própria experiência de leitor. É claro que sou um leitor estranho, tenho distanciamento, faço etnologia participante... Bom, agora, o retrato do leitor real... Primeiro, ele explora ao acaso, faz suas escolhas, depois, rapidamente, se fixa em quatro ou cinco preferidos que vai acompanhar, ver todas as noites em que pé estão... Igual a quando chegamos em casa e ouvimos durante o jantar o que os outros membros da família fizeram durante o dia...

Essa é a trama de nossa conversa de uma hora e meia. Agora só falta bordar. Ilustrar com citações. Hoje à noite, por exemplo, vou a Valenciennes, conferência às 18 horas, na Biblioteca; no trem, escolho os pedaços que vou ler. Talvez não venha ninguém a minha conferência... depois eu conto!

A segunda pessoa com quem falei, ontem, também por telefone, foi Anabelle Klein, uma jovem professora do departamento de comunicação da Universidade de Louvain. Em julho, em um colóquio, em Cerisy, Françoise Simonet lhe disse que eu estava trabalhando com o mesmo tema que ela, ou quase: ela está terminando uma tese sobre páginas pessoais na Internet, vistas como "narrativas de si".[6] Seu objetivo é mostrar que, mesmo quando são uma espécie de auto-retrato ou cartografia, essas páginas são "configurações" narrativas, no sentido dado ao termo por Paul Ricœur.[7] Segundo ela, os diários são apenas uma categoria particular de páginas pessoais. Discutimos sobre isso. Vai ser apaixonante ler seu trabalho (fui logo pedindo um artigo para *La Faute à Rousseau*).[8] Trata-se de uma zona que não é explorada no meu, vai completá-lo. Tinha, e continuo tendo, preconceito contra as páginas pessoais: só podem ser lidas uma única vez.

É uma experiência pobre, ao passo que o diário constrói uma verdadeira vida comum, inscrita no tempo, com um ritmo, riscos, uma expectativa enriquecedora... Será que estou enganado?

14h. Viagem para Valenciennes.

SÁBADO, 7 DE OUTUBRO, 23H

Sou adivinho. Ontem, em Valenciennes, foi um fracasso. Pouco importa, reli, no trem, meus textos impressos – abalado com as crises que atingem, por vezes, os diaristas. Crise de dúvida, ou de desgosto. Insatisfação com uma comunicação que permanece no campo do imaginário, desejo de um *coming out*, para o qual, apesar de tudo, não encontram coragem... Exemplo: minha cara "Incrédule" [Incrédula][9] reformulou seu diário, após uma crise na qual tinha manifestado o desejo de não mais se esconder das pessoas mais próximas, o desejo de "sair da concha" (14 de setembro) – mas será que esse novo diário vai resolver o problema? Outro exemplo: "Anomalie" [Anomalia][10] (30 de abril de 2000), com sua interminável ladainha "Para além da repulsa (Repulsa de um internauta. Parte II)", expressa o desejo de "quebrar a tela" e de "ver o rosto" de todos com quem se comunica há tanto tempo... Manter seu diário *on-line* é um suplício de Tântalo, uma vida dupla, melhor do que ficar sufocado, claro, mas mesmo assim frustrante. Chegamos bem perto de um sonho de transparência, damos uma olhadinha, recuamos apavorados... Lembro-me do belo texto que Francis Aubrey escrevera para apresentar seu diário (73 cadernos) enviado – usando um pseudônimo – à APA:

> Muito jovem, eu já era covarde e, durante as brincadeiras de esconde-esconde, tinha tanto medo de não ser encontrado, de ser esquecido em meu esconderijo que gritava, quando fingiam não me ver fazendo de conta de sair do cômodo onde eu me dissimulava: Je suis ici! Je suis ici [Estou aqui! Estou aqui!]!, ou mais exatamente: Je suis-t-ici! Pois naquela época tinha só uma idéia aproximada do francês, da ortografia e das ligações.[11]

O caso do meu amigo *L'idéaliste* é diferente. Ele havia fantasiado a respeito do convívio na Internet. Um mês depois, perdeu o entusiasmo, ao se deparar com "conversas superficiais, discussões inúteis, orgulho despropositado e, principalmente, intolerância".

Pois é, onde quer que se esteja, o homem é igual... O mundo virtual não o torna melhor nem pior. Deveria ser feito um estudo sobre as fantasias suscitadas pela Internet. De um lado, a Utopia, o Falanstério, o Monomotapa. De outro, o Inferno, Sodoma e Gomorra, *Big Brother*. Ainda estamos nessa fase mitológica. Igual à estrada de ferro por volta de 1840. Diabolização, segundo alguns, como Dominique Wolton ou aquela professora desvairada que, ontem, do fundo de uma sala vazia, me acusou de perversão e americanismo – *quia corrumperet juventutem*![12] Calma, você não vai condenar o automóvel só porque os gângsters também podem usá-lo! É você quem deve saber como aplicar as leis ao novo meio de comunicação. Claro que tenho tendência a achar virtudes na Internet, que favorece a iniciativa individual, a intervenção pessoal e a vida associativa: é um meio de comunicação com o espírito de maio de 1968!

QUARTA, 11 DE OUTUBRO, 15H

Ontem, foi a provação da "assessoria de imprensa". Por mais habituado que se esteja, quanto papel desperdiçado! Meu livro é grosso (444 páginas), caro (145F), bonito, é claro (gosto do desenho da capa, feito por Alice, que lhe dá um toque "simpático"), mas dá pena vê-lo chegar embrulhado em celofane, em pacotes de 10, como se fossem pacotes de leite, que trabalhão lacerar a embalagem que resiste, que vergonha poluir cada exemplar com garranchos insípidos e insinceros! Paródia de oferenda a jornalistas atolados de trabalho. Nove entre 10 tem mais o que ler... A gente se rebaixa fazendo isso, na esperança de conseguir cair nas mãos do décimo... Os livros são, em seguida, levados em engradados por uns caras parrudos para o andar de cima, onde são postos em envelopes e expedidos, lembrando peixes mortos com a língua bege de sua etiqueta adesiva de fora.

Você fica pensando na quantidade de metros cúbicos que, por culpa sua, estão ali, e sente tanta vergonha quanto sentiria de ter seus excrementos expostos... É horrível dizer, mas ontem na editora Seuil, no subsolo onde a coisa é feita, e por onde devem passar todas as pessoas que vão à única Sala de Reuniões, fiquei pensando na "caverna fecal" de Nova Iorque, tal como descreve Céline, privadas coletivas, pois éramos quatro, em bateria, sentados, expelindo laboriosamente nossas produções para o

mundo exterior... Os membros do Comitê de Leitura, quando passavam, vinham estimular nossos esforços...

E, no entanto, amo os livros! Nunca vou querer uma "edição eletrônica". Digo que é porque meu livro se destina a pessoas que ainda não estão habituadas à web. Será que é mesmo por isso? Não. Tenho medo de me dissolver, de me evaporar em feixes de elétrons perdidos. Para mim, escrever na web é fazer bolhas de sabão, exercício maravilhoso, mas frágil. A Internet, como já disse, desmente o antigo adágio, de agora em diante, *scripta volant*. Então, ontem, fiquei bem contente de ir embora da editora, com um saco de plástico que me serve de bolsa cheinho de queridos livros, como se fossem dinheiro vivo.

QUINTA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO, 8 HORAS

Mongolo está muito desgostoso. Eu tinha desconfiado: desde o início de outubro, estava esperando a saída do novo *J-Mag*,[13] e nada! Como ele é superconsciencioso, percebi que havia alguma coisa errada: ninguém lhe enviara nenhum artigo! Ele acabou redigindo tudo sozinho, como Alec Guiness representando todos os papéis em *As oito vítimas*. A entrevista de Shani, em colaboração com "Tehu", é excelente. Ele escreveu as outras rubricas lamentando "o egoísmo e a decadência". O que me fez sentir culpado – sem razão. No número de agosto, lancei um apelo à leitura de diários europeus. Em setembro, houve uma primeira resposta da Alemanha. Tentei ajudar, para os futuros *J-Mag*, através de minhas relações na Espanha, Suécia e até no Japão. Também não posso fazer tudo sozinho. Quando nos vimos, sugeri a ele começar a falar com os diaristas sobre o tema da leitura. Como fazer com que se mexam? – É verdade que não temos esse problema quanto a *La Faute à Rousseau*: somos muitos e temos conosco uma Associação de 700 pessoas. Além disso, encomendamos artigos às pessoas, não ficamos esperando que caiam do céu.

QUINTA, 12 DE OUTUBRO, 22H

Almoço com Emmanuelle Peyret. Voltamos no tempo, três anos – pois ela se lembrava de nossas reações da época: não se pode ser íntimo, nem sincero, nem natural... Ela queria me convencer a contrapor os cadernos aos ciberdiários – e eu ironizava, modalizava, hesitava, ficava quieto... Ela conduzia minhas

respostas e eu fazia cara feia. Entretanto, ficou muito curiosa. Não, não escrevem pior; nem melhor... Ah, são sinceros também... Confesso que não estou dominando bem meu tema... Os novos diários que li nos últimos dias são tão variados, tão ricos! Tenho como provar qualquer coisa e também seu contrário! Não, não é o narcisismo, o despudor ou a censura que me deixam obcecado: no fundo, estou pouco me lixando! O que me impressiona é o gosto pela escrita e a seriedade. Tenho muita estima por eles. Fazem algo arriscado, nada fácil. Olhar-se de frente e se expor ao julgamento dos outros. E você acha que não existe censura e fanfarrice nos diários escritos?... – bom, e eu me sinto, em relação a eles, cúmplice e curioso, não sou mais aquele moralista insuportável, aquele provador de vinhos elitista... Tenho vontade de dizer aos indignados, aos sabichões: relaxem, não há perigo, vocês não estão correndo nenhum risco... Pois eles se sentem ameaçados! Têm medo! Da idéia de ter de fazer igual... mas ninguém está pedindo isso!... Basta apenas relaxar, se deixar levar, ler com simpatia... Deixar para lá quem nos irrita... Seguir o fluxo da amizade, se guiar pelo instinto.

SEGUNDA, 16 DE OUTUBRO, 20H

Fim de semana em Perche, Pellonière... A água goteja lentamente das árvores, vou andando sozinho na aléia que vai do vilarejo ao solar, aspirando a neblina que está começando a se dissipar. Colocaram-me no quarto da marquesa. As refeições são servidas no antigo pombal, uma bela construção do século 17. Somos umas 40 pessoas, membros dos grupos de leitura da APA, em retiro aqui para "pensar sobre nossa prática". Nossa prática, há oito anos, é ler textos autobiográficos enviados a nós por desconhecidos. Depois, escrever nossa análise e escrever a eles. Podemos decepcioná-los. E eles podem nos desestabilizar. E isso, com muita freqüência, sem nos darmos conta, nem nós nem eles. Relação difícil. Pois é. Discutimos hoje sobre o que perturba uma leitura que deveria ser fluida. Vou andando e pensando que a oportunidade de escuta oferecida a desconhecidos pela APA é inversamente simétrica ao apelo dos ciberdiaristas a outros desconhecidos para que os leiam. Não é a mesma faixa etária, eles são jovens e nós, velhos, tampouco o mesmo meio de comunicação. É possível imaginar um grupo APA lendo diários *on-line*? Inútil, já que eles se lêem entre si. Vou andando e aspirando a neblina

e me parece que essa aléia, as árvores, a luz, o frescor, o pórtico que vejo ao longe, as pedras do solar, o pão do café da manhã, as conversas que teremos, tudo isso é deliciosamente real, substancial, adorável. Estou livre, vivo, respirando a plenos pulmões, consegui sair miraculosamente ileso da Internet.

SEGUNDA, 16 DE OUTUBRO, 22H

Sábado, no *Libé*,[14] duas páginas sobre o impossível arquivamento na web. Hoje à noite, Emmanuelle Peyret me enviou seu artigo que deve ser publicado na quarta. É o reflexo da nossa conversa, as reticências dela e minhas hesitações. É um bom artigo, problemático e aberto, que tem chances de prender o leitor. Não vai sair no suplemento literário, mas na página da Internet. Isso é bom e é pena: eu queria sensibilizar o pessoal do livro. Mas seria possível isso? Será que, ao contrário, não iria apenas confirmar a idéia de que ciberdiaristas são um bando de fracassados, que se trata apenas de uma grande bobajada, do fim das Belas-Letras? Os exemplares enviados na terça devem ter chegado, uma vez que comecei a receber respostas amáveis (até daqueles a quem enviei por pura cortesia), algumas demonstrando que já tinham dado uma olhada no livro – dentre elas, um caloroso bilhete de Dominique Noguez que diz ter ficado... gelado! Não reencontrou, em nenhum dos diários, Gide, Léautaud ou Kafka, aqueles livros "ardentes de inteligência, cultura e intimidade, que murmuravam segredos e pareciam encerrar, no espaço fechado de um livro em papel bíblia, apenas uma consciência frente a outra". E termina a carta muito amável, mas com uma provocação: "devo estar errado, preciso me acostumar, vou me acostumar...". De fato, sua reação tem pouco a ver com a Internet. É antes a manifestação de um fino letrado estarrecido diante das escritas comuns, habitualmente escondidas, e que a Internet expõe, senão diretamente à luz do dia, pelo menos a uma luz crepuscular, interminavelmente...

TERÇA, 17 DE OUTUBRO, 10H

Ontem à noite, suave serão. Será que meu livro conseguirá transmitir a relação com o tempo? Para ficar "em dia", abri alguns de meus queridos. Mongolo, é claro. Zuby – que conta uma dor horrível que teve no meio da noite, quase foi parar no hospital,

mas a dor cessou bruscamente: ela não sabe o que é e eu reconheci cada um dos sintomas de minhas crises de 1982, eram pedrinhas agarradas no canal colédoco, basta tirar a vesícula biliar! Em todo caso, é parecidíssimo! A maneira como a dor irradia e como pára de repente. É a primeira vez que me dá vontade de responder a um ciberdiarista, infelizmente não consegui abrir seu correio eletrônico para sugerir... que sugerisse isso ao médico. O meu levou seis meses para encontrar a causa, como sofri... Talvez seja outra coisa, mas não custa nada perguntar. – E, depois, abri meus novos, o pintor de 30 anos, sempre envolvido com os problemas do casamento, e principalmente Ariane Fabre. Ontem, ela fez uma avaliação da ruptura definitiva com seu grande amor e da mudança de seu diário. Gosto de sua maneira leve de escrever. Gosto também de suas indagações, por exemplo, sobre os novos recursos da tela. Ela explica seu projeto de dividi-la em três. O formato atual de seu diário se parece demais com "o formato de um diário de papel, comportado demais, insípido demais para um diário *on-line*, quero abrir outras avenidas, a fim de poder me comunicar mais e de outra maneira". Metamorfose que valerá a pena acompanhar. Quem gosta de literatura e da humanidade deve ser capaz de ver a beleza de um diário desse tipo, no qual uma mulher traça tão bem os caminhos de sua vida, mesmo que a assinatura não seja de Kafka.

QUARTA, 18 DE OUTUBRO, 10H

Hoje é o dia (teoricamente) do lançamento do livro. O artigo de *Libé* ainda não foi publicado, nada hoje. Mas ontem, uma excelente notícia: Gretchen[15] vai substituir Tisserand [Tecelão]![16] Os danadinhos também se encontraram com Mongolo em setembro. Imagino alguém navegando e caindo nessa entrada – falo como se meu diário fosse *on-line*! – e não entendendo quem é quem... Acabo de passar para o outro lado, entre amigos... Na minha idade! Esse aspecto "pequeno clã", "ciber-Verdurin", é irritante para os outros, mas são pequenos núcleos calorosos, bem reconfortantes, quando se está exposto ao vento glacial das grandes estepes da web... retomo aqui as metáforas de Dominique Noguez. – Hoje de manhã, senti esse vento. – Tinha feito perguntas por e-mail a Annica Tiger, que administra um *webring* na Suécia, pensando em escrever um pequeno artigo para o próximo *J-Mag* de Mongolo. Ora, paralelamente a esse *webring*, bem clássico, com links que

remetem a sites pessoais, há, na Suécia, um site *Dagbok Direkt* que oferece a quem quiser um espaço para manter um diário. Não é mais necessário criar seu próprio site. Instala-se imediatamente, sem esforço, sem iniciativa, em um espaço pré-fabricado, tipo hotel Fórmula 1 ou as antigas hortas operárias, e onde se despeja o que se quiser! Essas pessoas não têm sua própria identidade na web, existem apenas como subcasas dessa colméia ou desse pombal. Domingo, fiquei aliás sabendo que aquelas casas onde moram casais de pombos se chamam *boulins*... Havia mais de 2.000 no pombal de Pelonnière. O site sueco é mais modesto (uns 50), mas continuando minha exploração do lado anglófono, caí em *The Open Diary* que oferece o mesmo serviço ("Want to have your own online diary? Click here to start a public or private diary. It's easy and it's free!") [Você gostaria de ter seu próprio diário *on-line*? Click aqui para começar um diário particular ou público. É fácil e é gratuito!], e afirma disponibilizar para consulta 152.274 diários *on-line* de 76 países diferentes! Custo a crer. Não se trataria na verdade do número de entradas? Em todo caso, há um índice por faixa etária e por país. Clico em Europa. Somente 1.099 diários, dos quais 729 na Grã-Bretanha e nove na França, apenas um dos nove parece ser em francês, *Confession* [Confissão], de Nathalie Monique, 16 anos... abro: não há nada escrito! Dou uma olhada nos outros, mocinhas que contam apressadamente seu quotidiano, num inglês às vezes fonético, às vezes ortografado corretamente... estamos a meio caminho do diário e do *chat* – quem as lê? Certamente não são desconhecidos... elas devem passar o endereço às amiguinhas. Não serve para mim, fugi depressa, fiquei desmoralizado, gelado... sou frágil!

QUARTA, 18 DE OUTUBRO, 17H

Minha amiga Tazuko acaba de me enviar do Japão o artigo que tinha me indicado em setembro. Imaginem: "Keeping a diary in cyberspace" por Yasuyuki Kawaura, Yoshiro Kawakami e Kiyomi Yamashita! Foi publicado em um número especial de *Japanese Psychological Research* (v. 40, n. 4, p. 234-245, 1998). Imaginem como fiquei excitado ao ler o título! E o tamanho da decepção!...

Fiquei espantado primeiro com a extensão do cyberdiarismo nipônico: os três psicólogos utilizaram os portais de busca,

fizeram um controle e teriam encontrado 1.527 sites contendo diários *on-line*! Enviaram a todos um questionário e tiveram, *grosso modo*, um quarto de respostas que podia ser explorado (377, ou seja, 24,7%).

Minha decepção: o método empregado. Pois não dizem absolutamente nada a respeito desses 1.527 sites, disponíveis para leitura! Para terem certeza de que seriam objetivos, não leram nenhum deles! O questionário não foi estabelecido depois de uma observação preliminar. Eles poderiam ter, partindo de uma amostragem, estudado a morfologia e o funcionamento dos sites, construir uma tipologia provisória, depois testar e afinar as hipóteses através de perguntas. Nada disso! Baseando-se nas descrições clássicas do diário de papel, fizeram de maneira abstrata uma classificação rudimentar segundo dois critérios: o destinatário (o próprio diarista ou os outros) e o assunto (os fatos, os sentimentos), e cruzando os dois obtiveram quatro tipos, cuja existência foi verificada no campo do *cyberspace*... O estudo exibe grande precisão matemática e arvora as aparências da cientificidade para discorrer sobre... o vazio. É como se estabelecêssemos, apoiados por uma grande quantidade de decimais, que as pessoas de mais de 60 anos são em sua esmagadora maioria mais velhas do que as pessoas de menos de 60 anos. Estou exagerando só um pouquinho. O estudo nos informa ainda que quem diz escrever para outrem cuida melhor de seu site do que quem diz escrever para si mesmo. Aliás, parece estranho dizer que é possível manter um diário *on-line* unicamente para si – mas tudo é estranho nessa pesquisa que, em momento algum, questiona o problema da identidade (o nome próprio, os pseudônimos) nem o das relações reais dos diaristas com seus leitores. Vamos virar a página e esquecer essa paródia de ciência...

QUINTA, 19 DE OUTUBRO, 9H

Ontem senti a tentação de abrir mais uma página em *Autopacte* e disponibilizar esse diário *on-line*. Pelo simples prazer de ser autônomo. Sem dar satisfações a ninguém. Sozinho, que nem gente grande. E, sobretudo, sem anunciar. Acrescentarei uma rubrica na página inicial. Será de fato um brinde reservado aos raros visitantes do site, que, aliás, em sua maioria, nem vão reparar. Bem quietinho no meu canto. – Depois dessa fantasia,

o constrangimento acaba por vencer. Sim, posso disponibilizar tudo o que já escrevi. Mas não conseguirei escrever uma nova entrada sob a ameaça de publicação imediata. Embora escreva todos os dias e não modifique nada depois. Mesmo assim. Preciso de um tempo diante de mim. Um prazo de segurança (quando falo de outrem). Um tempo de maturação. Deixar a massa descansar. Minha escrita desperta dentro de mim harmonias que devo deixar vibrar, antes de retomar o fio para a entrada de amanhã. Se eu publicar de cara, vou ter a impressão de tocar em surdina, de frear meus impulsos – você não é obrigado a fazer isso todo dia... Poderá muito bem postar uma vez por semana... *Autopacte* semanal... – Talvez, mas, aí, me aproximaria do livro... – Você já faz, toda semana, um *clipping* para seus alunos, poderia, em *Autopacte*, manter uma crônica de seus humores e de suas conversas com as pessoas que encontrou... Até hoje, você publicou diários especializados (*Le moi des demoiselles*, "Sincérité", Lucile Desmoulins, *"Cher écran..."*),[17] nos quais o tema principal entrava em ressonância com episódios de sua vida quotidiana. Você poderia inverter, ter uma crônica geral em que divulgaria seus diferentes projetos?... – Não sei. Vou ver.

SEXTA, 20 DE OUTUBRO, 8H

Dia delicioso, ontem, na abadia de Epau (Le Mans), embora o tema do encontro (a velhice) fosse difícil. No trem, na ida, li o último livro de Dominique Wolton, comprado na estação Montparnasse – é de fato uma entrevista na qual ele repisa o que já tinha dito na Internet, o que mais?[18] O homem parece estar zangado. Ele luta contra uma ideologia, a da "sociedade da informação". Ok. Mas como, nessa ideologia, o Deus é a Internet, ele se vê obrigado a fazer dela seu Diabo. Pena. Esse fanatismo acaba por destruir seus argumentos mais modalizados. Também é decepcionante a indefinição de sua posição pessoal. O único interesse da entrevista teria sido fazê-lo falar de si. Por que será que é tão amargo? Qual foi sua experiência direta na Internet? Será que tem um site? O que terá observado navegando na Internet? Nenhuma explicação precisa. – Na banca de jornais, estavam vendendo também *Les folies d'Internet* [As loucuras da Internet], de Daniel Schneidermann, coletânea de seu artigos desse verão em *Le Monde*. Ali, ao contrário, tudo é concreto. O jornalista conta sua Odisséia ou sua descida aos Infernos, nos faz rir ou

tremer, tudo é cômico, extravagante, assustador. Sim, é verdade, em um espaço sem triagem nem censura tudo pode acontecer. Sim, a Internet demanda um explorador consistente e avisado. Mas por que não pensar que os meios de comunicação que se tornaram tradicionais, cujo poder formador hoje é tão louvado (ao passo que há 30 anos eram acusados de nos emburrecer), tornaram o homem capaz de se guiar no caos da Internet como no labirinto da vida? Fico me imaginando, em uma mesa-redonda ou um programa, em confronto com Wolton ou Schneidermann. Os dois acabariam comigo.

SÁBADO, 21 DE OUTUBRO, 9H

Eu também vou acabar parecendo amargo! Wolton é um nervosinho! Os psicólogos japoneses, cientistas nada sérios. O excelente Dominique Noguez, um letrado estarrecido. E assim por diante. O único mais ou menos aceitável sou eu próprio! É preciso controlar o humor, sobretudo quando se quer aparecer em público... Mas precisamos liberar nossos humores, para nos liberar deles e enxergá-los! O diário não seria isso? Mas, para vê-los bem, é necessário o olhar do outro e é a idéia de publicar que o faz ressurgir! Essa tensão entre desabafo e controle, expressão e repressão, é um acordeão delicado. Não ressocializar (imediatamente, nem a prazo) seus dejetos anti-sociais. Se liberar de seus humores sem ficar marinando neles. Minhas variações de humor constroem, obviamente, a imagem que tenho de mim mesmo. Tenho tendência, saibam, a modalizar, não sou nada polemista. Sou sério, parto sempre do real. E democrata, aberto à expressão de todos. Será que sou assim? É o que acho. Mas sou também cheio de paixão, limitado por meus antolhos e meio sectário... E também lúcido!... Quando se publica um livro, o que se espera é ver-se no espelho dos outros. Deve-se eliminar, tal como se limpa um vidro embaçado pelo vapor, a gentileza...

Preciso de tempo para esse diário. Meu trabalho interior não pode ser interrompido. Cada coisa é uma continuação, tem uma continuação, é uma longa tecedura. Há o que difiro, que amadurece em minha cabeça, ou o que renuncio a dizer. Não é a novela de uma expressão quotidiana que eu poderia disponibilizar *on-line*. É antes uma espécie de composição musical. E depois, preciso estar protegido... Tanto que ontem acabei ficando nas

meias-medidas. Disponibilizei a apresentação de *"Cher écran..."*, redigida em julho para a revista eletrônica *Bolletino '900*. Talvez um dia disponibilize *on-line* esse diário – mas quando ele estiver terminado.

DOMINGO, 22 DE OUTUBRO, 9H

Mergulho de novo na web... Imaginem vocês que meu pintor, aquele cujo casamento está indo pelos ares, a quem a mulher propôs um contrato, gênero Beauvoir-Sartre, de liberdade recíproca, pois bem, a mulher viu uma página imprudentemente deixada na tela e ficou desconfiada de que ele está contando, sem que ela saiba, a história deles para o mundo inteiro! E isso não está no contrato! – ele afirmou que está escrevendo um romance! Os nomes são de fato diferentes, mas por que o narrador se dirige a seus leitores, que parecem estar na Internet? Por menos que ela seja experiente nisso, deve ter entendido. Por esse motivo, por precaução, ele se despediu de nós. Se não o virmos mais, já sabemos o porquê! O primeiro reflexo poderia ser copiar o diário, que vai naufragar, como se lança uma bóia a alguém que se afoga. Por fim, contento-me em meditar, como Victor Hugo diante do oceano: "Où sont-ils, les marins sombrés dans les nuits noires?/O flots, que vous avez de lúgubres histoires..." ["Onde estão os marinheiros naufragados nas noites negras/Oh ondas, que lúgubres histórias carregais..."]. As histórias nem sempre são lúgubres, e Ariane Fabre – cujo autocontrole diante de suas provações atuais me deixa espantado – está se lançando numa bulímica programação de leitura de ciberdiários. Todos os dias, ela vai recomendar o que mais a entusiasmou, fazer um link e, assim, graças a ela (mas acrescento: se é que alguém a lê!), os outros diários terão o público que desejam... Ela lerá "com simpatia" como se diz na APA, sem falar do que não gostou (aprovado!). Voltamos então ao bom convívio da Net. Pensei no atual fracasso de *J-Mag* e escrevi a Mongolo para lhe sugerir um plano de recuperação, inspirado na experiência adquirida em *La Faute à Rousseau*: passar para um ritmo bimestral; organizar cada número em torno de um dossiê cujo tema seria anunciado com antecedência, sem hesitar em encomendar artigos; tirar *J-Mag* da rubrica "Frequently asked questions" [perguntas mais freqüentes] abrindo caminho para o universo do livro e das artes plásticas. Também, torná-lo mais atraente no plano gráfico e ilustrá-lo.

Propus para novembro escrever um artigo sobre os *webrings* suecos e para janeiro (nova fórmula?) uma apresentação dos envelopes de Marie-Dominique Pot.[19] E então, procurando no índice de *"Cher écran..."* a passagem sobre Marie-Dominique, deparo-me com a minha primeira gralha: o texto está remetendo à p. 309 e ela está na p. 399. *Mea culpa.*

TERÇA, 24 DE OUTUBRO, 8H

O artigo do *Libé* saiu ontem. Também as duas páginas de Isabelle Rüf em *Le Temps*, muito boas. Observo, em minha tela, tal qual um controlador de vôo, a informação circular: o Tisserand, um dos primeiros a receber o livro, dedicou-lhe uma página inteira de seu diário, Mongolo (a Escócia é longe, ele ainda não recebeu nada) está espalhando a notícia, depois, Fran, Thierry, Tuborg etc. Até agora, os comentários se limitam ao campo dos "colaboradores". Todos parecem felizes que eu fale deles e que o ciberdiário seja legitimado por um livro. E eu, feliz por falarem de mim e por ter a unção da web. Por isso, dou uma olhada nos fóruns, barômetros da vitalidade dos círculos. A SDV[20] está agonizando (totalmente vazia, salvo algumas querelas pueris). A CEV vai de vento em popa (merecidamente, a comunidade é bem gerida, as discussões, agradáveis). A lista de Mongolo é muito séria, mas pouco freqüentada. Ele postou um resumo de minhas propostas para renovar *J-Mag*. Veremos se alguém responde. A posição de animador voluntário é difícil: espera-se muito de você, quando alguém se pronuncia é para reclamar, e você assumiu responsabilidades que, às vezes, vão além das suas possibilidades. Tensão, agressividade. Para que *J-Mag* funcione, seriam necessárias muitas pessoas. Dei conselhos sem poder assumir nenhum compromisso. *La Faute à Rousseau* absorve minhas energias. Senão, ficaria tentado...

9H

Às vezes, escrevo a hora, como fiz aqui, para separar os assuntos. Não gosto de fazer parágrafos que poderiam facilitar a leitura. Gosto de escrever de um só jato. Domingo à noite, explorando ao acaso novos sites, comecei a ler a última entrada, 19 de outubro, de uma certa Frannie... e caí no meio de uma crise: essa moça de 19 anos, que começou em abril, confessa a

seus leitores que desde o início mentiu para eles! – um exemplo típico! Sempre me perguntam: e se a pessoa estiver mentindo? E se tudo for invenção? Respondo que isso só deve ocorrer raramente, porque mentir durante muito tempo dá um trabalho danado. E, além disso, esse é o perigo do pacto, assumo o risco. Frannie, depois de seis meses, não agüentou mais. Ela tinha inventado uma irmã da qual falava pouco. Suas histórias de namorados, não muito claras, mas banais, eram transposições da história do verdadeiro namorado, que, aliás, lia o diário. Também forneceu falsas pistas sobre seu domicílio e o de seus pais. Um coquetel de romance familiar (a irmã), de pudor (o namorado) e de prudência que se refere a uma parte mínima do diário, o resto garantido como verdadeiro. Agora é verdade mesmo, Frannie? Será que vão acreditar em você? Será que você não é um velho bigodudo que fica zombando de nós e redobra seu embuste, colocando-o em abismo? – Claro que não... Li o diário do começo ao fim, são apenas ardis inocentes... Frannie é jovem de espírito, séria, tem dom para escrever (embora se alongue um pouco)... Atrapalhou-se em suas encenações. Desde o início – daí vem a vertigem – fala de seu gosto patológico em fantasiar-se (29 de abril), confesso, entretanto, ter duvidado de suas perucas... Mas aí, no dia 1° de maio, diz que quer fazer um estudo sobre os diários virtuais e se pergunta se Philippe Lejeune já não estaria fazendo isso. Faz a pergunta a *La Luciole*[21] [Pirilampo] (indiscreta e querida Luciole) que – fico sabendo de cada uma! – lhe envia imediatamente meu diário de *"Cher écran..."*! E Frannie tem um "ataque de ciúmes" (entendo), depois pensa um pouco e fica contente em ver seu desejo legitimado. Como não acreditar em um diário no qual se é mencionado? Deixo-me então levar... Depois de tagarelar na primavera, o diário começa a emagrecer no verão, vira álbum de retratos. Frannie espera o retorno às aulas para que a inspiração volte... Depois não agüenta mais, senta-se à mesa, confessa tudo e espera nosso veredicto. Estranhamente, diz querer recomeçar a manter um diário, dessa vez verídico... no dia 15 de janeiro! Por que essa data e esse prazo? E como, aos 19 anos, ela poderia estar terminando uma licenciatura na Sorbonne? Começo de novo a duvidar...

Mas, na dúvida, sempre prefiro acreditar. Fiquei emocionado, ontem à noite, ao ler aquela que será talvez a última entrada do meu pintor. Ele não está mais conseguindo manter seu diário

desde que a mulher ficou sabendo de sua existência, se acusa de tê-la traído, mas sentiu, durante os últimos meses, tanto prazer em compô-lo que ter de parar será para ele um verdadeiro suicídio!

Frannie e ele se lançaram, às cegas, em um jogo cujas regras não dominavam. Frannie, sem perceber que num espaço regido por um pacto de verdade a invenção se chama mentira; Claudio (esse é o "nome" do meu pintor), que num espaço regido por um contrato de solidariedade (o casamento), seu diário público era uma traição. O que cegou a ambos foi um incoercível desejo de escrever, de criar e de oferecer aos outros um universo de linguagem. Ambos serão perdoados!

QUARTA, 25 DE OUTUBRO, 8H

Estatísticas: na data de hoje, os 100 diaristas da CEV se repartem assim:

Sexo: homens: 36; mulheres: 62; casais: um; sem informação: um.

País: Quebec e América do Norte: 69; França e Europa: 27; sem informação: quatro.

O perfil tipo me parece ser o da jovem de 20/25 anos, que mora em Montreal.

O que me surpreendeu fazendo a contagem é a nítida predominância feminina (eu pensava que havia uma divisão igual entre os sexos) e o aumento dos franceses *on-line* (representam agora mais de um quarto do efetivo global).

Impossível saber exatamente as idades: o item nunca é preenchido. Mas já pesquisei esse inventário o suficiente para me dar conta de que isso não muda: a imensa maioria tem entre 20 e 30 anos.

Resta saber a duração da vida dos diários e a taxa de renovação desde o ano passado. Esse é o trabalho mais longo, devo prepará-lo para que seja operacional no dia 4 de novembro (primeiro balanço anual). Será certamente, ao mesmo tempo, o fim desse diário – que retomarei talvez, quem sabe, no dia 4 de outubro de 2001.

15H

Vou passar dois dias em Roterdam, participando de um colóquio de historiadores das mentalidades dedicado aos "ego-documentos". Vai-se falar principalmente, parece, da Europa clássica. Minha comunicação sobre *"Cher écran..."* vai destoar. Um fenômeno que tem apenas cinco anos de idade! Razão a mais para ser consistente. O Tisserand a quem enviei o início desse diário ficou contente por eu ter esboçado, em minha resposta a Isabelle Rüf, a síntese que ele esperava ler no final do livro. Ele me incentivou a explorar a pista do tempo... tenho três horas de trem para elaborar o que vou dizer!

SÁBADO, 28 DE OUTUBRO, 11H

Roterdam, igreja dos Peregrinos, de onde partiram os pioneiros do Mayflower. Eis-me no meio da nave, de pé atrás de um praticável, com um microfone no pulôver, pregando Internet como um novo Pentecostes. Minha fala não destoou: os oradores precedentes abordaram os "ego-documentos" não como fontes da história, mas como fatos históricos, cujo interesse consiste em descobrir as intenções, os códigos, os modelos... É exatamente o que faço ao desmontar o funcionamento dos diários *on-line*. A informação que veiculam não é o essencial. Temos mil outras maneiras de saber como se vivia no ano 2000. Mas eles nos dirão como se respirava então, como se ficava sufocado, como os "eus" circulavam... Comecei fazendo uma comparação entre o diário de Magdalena van Schinne (1788) e o de Fran (1999), e terminei confessando minha pressa em voltar para casa para ler a continuação das aventuras de Claudio e Frannie, ilustrando assim a posição do leitor "sincrônico".... E estava certo – só boas notícias, hoje de manhã! Claudio conversou com a mulher, disse que seria discreto, mas não precisamos ficar com medo, o diário vai continuar... Frannie, que estava esperando o veredicto, apaziguada pela indulgência dos leitores, recomeçou vida nova na Net, sua vida verdadeira, dessa vez. Iniciou um novo diário, *L'heure bleue* [A hora azul], incorporando os contos azuis do antigo a seus "arquivos". Está menos falante, mais direta e, para dizer a verdade, simpaticíssima. Lavou o rosto, está de cara nova.

DOMINGO, 29 DE OUTUBRO, 9H

Vanitas vanitatum! Liloo não agüentou e contou a Gaétan que estava em *"Cher écran..."*. Os dois brigaram pelo telefone, não se verão nesse fim de semana e eu sou a causa (indireta!) disso! Na verdade eles não brigavam há um ano, já que foi depois de uma primeira "ruptura" que Liloo começou seu diário. Casal em crise, diário *on-line*. Penso de novo em Claudio, Fran e tantos outros... Gaétan pediu a Liloo[22] um "direito de resposta", ela vai fornecer o endereço dele na página inicial, leitores e leitoras poderão dizer-lhe o que acham e responder-lhe... grande lavação de roupa suja! Qual será minha responsabilidade nisso? O problema é a intrusão das *mídias* públicas no espaço semiprivado da Internet, a maneira como se acendem os holofotes na penumbra em que as pessoas se achavam protegidas... Sou um dos retransmissores. Meu livro vai continuar sendo confidencial. Mas ele pode alertar os jornalistas que passarão a informação de forma mais sumária para o grande público. São ogros que sentem cheiro de carne fresca. Em agosto, *Le Point* entrou em contato com Liloo. Depois Jean-Luc Delarue, em setembro, convidando para um programa de TV sobre o quotidiano das mulheres – ela recusou. Pessoalmente, dissuadi a revista *Construire* de fazer contato com ela. Omiti, no *Libé*, o que dizia dela em meu livro. As palavras não têm a mesma ressonância quando murmuradas num livro ou alardeadas na imprensa. Mas, no início, não teria sido ela que se arriscou, apresentando-se no Yahoo como "uma suiçazinha tentando se sentir bem consigo mesma"?

TERÇA, 31 DE OUTUBRO, 9H

Está tudo indo bem, e esse diário caminha para seu fim. Voltando de Roterdam, comecei a preparar o inventário do 4 de novembro, já que o ponto essencial é a duração dos diários. Pego-os um a um e abro – como se fossem ostras! Descarto a página inicial, vou escavar os arquivos, abro delicadamente "o fecho" do diário, a primeira entrada, anoto a data em meu registro... É um trabalho lento, pois, ao fazê-lo, é impossível deixar de ler: degusto e aspiro uma página, papilas, palato, goela... volto a ser um provador de vinhos, deixo-a girar lentamente em minha boca, engulo, cuspo... Atrapalho-me quando vou explicar como, aqui, tudo é questão de gosto. Meu inventário vai se terminar com

números, mas o essencial não é isso, e sim esses sabores, esses sussurros, essas correntes de ar... Passo por crises de amizade, devaneios, irritação... Acordo meia hora depois e vejo que não avancei um milímetro sequer em meu inventário, pois fiquei lendo dezenas de semanas, capturado por uma voz... minha conta de telefone vai ser salgada!

Tudo está indo bem, terminei o artigo sobre os *webrings* suecos, Mongolo, depois de consultar sua tropa, decidiu adotar o ritmo bimestral, o dossiê temático etc.... Será um trabalho duro para uma equipe pequena – aliás, quem vai fazer parte dela? O que mais adoro em pesquisas desse tipo é estar sozinho. Nem atrasos, nem conversa fiada. Direto ao ponto e vamos embora! Vamos logo, cocheiro! Também gosto de trabalhar com os outros – quando eles trabalham. É isso que é maravilhoso na APA. Tão enriquecedor. Na verdade, gosto de ter dois espaços, um todo meu, um, ou vários, compartilhados. *"Cher écran..."* fica entre os dois. Tem minha pesquisa, meu diário. Mas é um livro inteiramente feito com os outros e por eles. Ainda que eu tenha assinado o livro, calculem, escrevi no máximo um terço dele! Sou um impostor, um parasita! Não... é um livro coletivo. Vai se juntar a meus livros escritos "em colaboração", os que me são mais caros, os das paixões compartilhadas: *Calicot*, que escrevi com meu pai, *"Cher cahier..."*, que deu origem à APA, *Um diário todo seu*, a aventura da exposição vivida com Catherine, e agora com Tisserand, Mongolo & Cia., a travessia de um Mayflower informático rumo a novos territórios do íntimo...

QUARTA, 1º DE NOVEMBRO, 9H

No Quebec, todos concordam: nevou! Esses "novos territórios do íntimo": fórmula provocadora que me veio à cabeça quando estava assinando o livro. Annie Ernaux me mandou um bilhete cheio de nuances a esse respeito, no qual expressa uma "perturbação" que às vezes compartilho. É claro que não vou começar a fazer isso ("Philippe Lejeune que está mantendo seu diário na Internet...", anuncia a *Quinzaine Littéraire*!). E às vezes acho que o território vira uma zona. Mas cabe a mim fazer a triagem. É necessário mudar de comportamento. Annie Ernaux, como tantos outros, está seduzida por Mongolo. Vamos ficar com o melhor e tentar compreender o resto. E o melhor só pode surgir graças

a essa incrível liberdade. O resto, por exemplo, é o site coletivo *Mon journal* [Meu diário], que descobri ontem, graças aos links do *Cercle des jours écrits e imagés* [Círculo dos dias escritos e ilustrados].[23] Será que ele existia no ano passado? À primeira vista, não há nada de interessante: umas 30 pessoas postaram farrapos de diários, soltos, como se fossem restos de lã suja, deixados por carneiros no arame farpado. Mas sua significação metafórica é apaixonante. Esse site realiza uma experiência perfeita de laboratório. Dois parâmetros foram mudados em relação aos diários *on-line*: 1) a ausência de iniciativa (a pessoa escreve como se colocasse uma frase num quadro-negro vazio); 2) a ausência de retorno (proibido revelar sua verdadeira identidade e fornecer seu e-mail). Tudo o que constitui o charme do diário *on-line* (a criação, a resposta) desapareceu, sem ter sido substituído por algo de gratificante. É tão angustiante quanto o silêncio de um analista. Depois de duas ou três vezes, os aprendizes de diarista desistem, e estão cobertos de razão. De outro lado, a ausência de retorno faz com que as pessoas fiquem mais à vontade, escrevam naturalmente, como num verdadeiro caderno, sem explicar nada – o que, depois de algumas frases, acaba desanimando até o leitor de boa vontade. O respeito pelo outro e a preocupação em seduzir têm lá suas vantagens – a partir do momento em que se está ocupando um espaço público! Quem será que inventou esse estranho sistema? O site comunitário *Dagbok Direkt*, ao contrário, no qual o diarista recebe respostas, parecia funcionar melhor.

10H

Continuo minha turnê... *Libé* falava ontem dos sites "psicanalíticos". Meu *Psychomédia* quebequense resiste com seus cinco diários "exemplares" (Angi, Bilbo, Coucou, Fouine e Titanic), dentre os quais alguns estão sem inspiração há meses e parecem estar "sob controle".

Os sites franceses análogos, *PsychoNet* e *Pzyzone*, não fazem nenhuma investida nesse sentido. A "Journal Therapy" não está na ordem do dia. A escrita aparece sob forma de *chat* com um psicólogo ou de "fóruns" que são uma espécie de consultório sentimental ou de "SOS Amizade". Ali se colhem sábios conselhos, compara-se sua vivência com a de outrem. O apelo parece ser o mesmo dos diários *on-line*. Mas a atitude é diferente. Escreve-se

apenas uma vez, se é que aquilo pode ser considerado escrita, tudo desaparece e não há continuação. Quem cria um site, ao contrário, assume uma responsabilidade e faz uma opção para o futuro. Estou impressionado, emocionado com a seriedade dos diários *on-line* – a começar pela inabilidade das declarações liminares. Não me parece que o diário seja uma terapia, trata-se antes de uma questão de saúde mental. Mas o diário *on-line*, que assume o risco de ter uma resposta de alguém, talvez esteja menos longe da terapia do que o diário solitário.

QUINTA, 2 DE NOVEMBRO, 15H

Subestimei o trabalho. Fazer um inventário em 4 de novembro e compará-lo ao do ano anterior parecia simples. Que nada! Em primeiro lugar, os *webrings* são às vezes bem mal geridos, em particular (sinto muito!) o *Cercle des jours écrits et imagés*. Certos sites não têm nada a ver com o diário (vi até um site pornográfico!). Vários sites que constam como ativos foram explicitamente interrompidos por seus autores e outros, de fato, abandonados há seis meses ou mais. Alguns são sites fantasmas, você clica: "Not found"! Outros mudaram de nome ou foram retomados com novo rótulo depois de um ano de hibernação. Etc. Mas, principalmente, estou com uma rede de malhas muito largas. Entre dois "4 de novembro", um diário teve tempo para viver e morrer. Abençôo então a inércia dos *webrings*, que conservam o rastro das estrelas cadentes. Na verdade, muitos diários duram apenas alguns meses. E isso é normal. É como a vida. O diário é amiúde uma atividade de crise. Meio em contradição com o projeto de recrutar um público a longo prazo. Sua namorada termina com você, você constrói um lindo site, reúne leitores. Aí, arranja outra namorada e os joga fora como se fossem meias velhas. Mas não faltarão outros abandonados para acompanharmos...

VAMOS DAR UMA OLHADINHA, PRESTEM ATENÇÃO!

Betch, 30 anos, solitária e depressiva, começa um diário em janeiro e pára em junho, à beira do suicídio, decepcionada por não ter muitos leitores (*Bienvenue chez Betch* [Bem-vindos à casa de Betch])... Armand, 20 anos, começa em janeiro, quando sua relação amorosa está terminando e pára no início de março, quando está começando uma nova relação, depois de uma experiência

positiva de comunicação (*Come to me*). Mesmo perfil do rapaz de 25 anos, francês, que escreve entre dois amores, de 11 de dezembro de 1999 a 1º de julho de 2000 e termina agradecendo nosso apoio (*Entre parenthèses* [Entre parênteses]). Diários de dois meses, seis meses, que permanecem *on-line*, mas órfãos... Por que será que Bem, 20 anos, de Lyon, constrói um diário de paginação sofisticada em 22 de junho de 2000 e o abandona sem dar nenhuma explicação em 13 de julho? (*Durevie* [Duravida]). Bateu o recorde da brevidade: três semanas! Mas aí, navegando pelas páginas pessoais de *Citeweb*, deparo-me com o diário de um transexual, Dominique Duceppe (*Le suivi de ma transition* [Como foi minha transição]), que vai de abril a outubro. Ele interrompeu no dia 27, pois sua transição acabou! Um executivo de uma empresa de informática, 50 anos, insatisfeito e melancólico, começa um diário (18 de abril de 2000); no dia seguinte, num golpe do acaso, seu patrão lhe propõe se tornar sócio com 10% da empresa; ele hesita, pensa em recusar, depois aceita e interrompe seu diário (18 de maio, exatamente um mês!). Trata-se de um típico diário de deliberação (*Le journal de Koyotte* [O diário de Koyotte]). Onde estava, no ano passado, aquele *Journal d'une jeune fille (in)soumise* [Diário de uma moça (in)submissa] que me passou despercebido, que vai de outubro a dezembro de 1999, é retomado em fevereiro e interrompido em junho? Difícil acompanhar os saltos desse diário sem rumo... Por que será que Jebou e Solye (*Journal intime d'un jeune couple* [Diário íntimo de um casal]) param no meio do caminho em 24 de janeiro de 2000, última palavra: "bye, até a próxima", quando na página inicial, acima do título, pode-se ler: "Solye continua grávida!". Desde então, silêncio – tememos o pior.

Pois é, há algo de patético nessas veleidades, nessas errâncias, nesses fragmentos de vida esparsos. Tenho sempre a impressão de chegar depois de uma tempestade...

SÁBADO, 4 DE NOVEMBRO, 10H

...para me acalmar, leio meus diaristas de longo curso, reencontro a sabedoria de Mongolo, a sensibilidade de Zuby, o quotidiano de Liloo, as efervescências de *La Luciole* – estilos tão diferentes! Todas as noites, vou cobri-los em suas camas, se é que não são eles que vêm me cobrir na minha... Gosto também

que se leiam entre si: L'idéaliste acaba de descobrir, como eu, as mentiras de Frannie, sua confissão, começou a ler seu diário e está gostando. E eu, que leio e também gosto de Frannie, fiquei bastante constrangido. Em sua entrada de ontem, ela conta em detalhes como esperou avidamente *"Cher écran..."*, o ritual da compra, a sombra de ciúme que restou... Mas lambe os beiços só de pensar no livro cuja leitura está adiando um pouco para prolongar o prazer... Será que ela sabe que estou ali, atrás da tela, vendo tudo o que ela diz? É agradável ser esperado, mas a situação é meio constrangedora... minha punição seria – ou será – decepcioná-la!

18H

Terminei minhas contas. Os números que vou fornecer devem ser considerados como uma indicação, nada mais. Meu método ainda não está bem ajustado. No ano passado, considerei como *on-line* os diários dados como tais pelos círculos, mesmo que não estivessem funcionando há muito tempo. Eu deveria ter eliminado todos os diários inativos há mais de um mês. Para ser coerente (e porque era mais fácil!) adotei esse procedimento laxista. De outro lado, não pude abrir alguns sites. Suponhamos então que meus erros a mais ou a menos se equilibrem! A sondagem anual tem como vantagem uma certa facilidade de execução (embora eu tenha passado vários dias nisso...). O verdadeiro método seria observar de modo contínuo, fazer uma ficha para cada diário *on-line*, depois sobre cada novo diário, anotando a extensão, o ritmo... Eis uma boa sugestão para Frannie, no dia em que ela procurar um tema para sua monografia!

Encontrei então 126 diários. Quase duas vezes mais que os 67 do ano passado. Dentre esses 67, 48 sobreviveram, 19 desapareceram – talvez mais que isso, na verdade: digamos que há dois terços de sobreviventes – o que é relevante – e ainda mais numerosos recém-chegados.

Sexo dos diaristas: 72 mulheres, 49 homens, quatro casais e um caso indeterminado: mais ou menos 60% de mulheres e 40% de homens (mesma tendência dos diários não-web).

A idade dos diários é:

Menos de três meses - 18

De três meses a um ano - 38

Entre dois e três anos - 14

Mais de três anos - sete

Logo, 65 diários (cerca de 50%) têm menos de um ano. Se existem mais diários com mais de um ano do que sobreviventes do ano passado (vocês estão me acompanhando?), é porque apareceram em meu campo de observação diários que, em 4 de novembro de 1999, estavam *on-line* em outro lugar ou não estavam *on-line* (caso de Tuborg).

Origem geográfica: não fiz nova contagem desde 25 de outubro – suponhamos que o que vale para os 100 diários da CEV valha para esses 126: haveria, com folga, um quarto de europeus. Mas como a população do Quebec é de sete milhões de habitantes, a diferença continua sendo gigantesca. É a "fratura diarista"!

DOMINGO, 5 DE NOVEMBRO

Dia em que deveria parar... mas vou fazer uma "prorrogação". Não tive muito tempo para escrever hoje. Vou me dar um pequeno prazo para botar um ponto final nesse "retorno".

SEGUNDA, 6 DE NOVEMBRO, 22H

Antes de fechar a loja, a gente põe tudo em ordem.

O que há de novo?

Desordenadamente, para vocês terem uma idéia: Vanicaramel, que eu não conhecia, me escreveu: pelo pseudônimo, imaginava uma menina, é uma mãe de família, professora na região parisiense, que mantém um diário simpático, tipo crônica bem-humorada; ela não acredita que o diário íntimo seja possível na Net – discutimos sobre isso. Claudio, o pintor, resolveu continuar seu diário, incentivado por seus leitores: ufa! – escrevi ao *webmaster* de "Mon journal" [Meu diário] (o que tenho eu com isso?): ele começou em abril, é simpático, cheio de boas intenções, mas parece estar fora da realidade: abri ontem os 29 diários anunciados – só dois estavam funcionando (Crusoe e Artur); aconselhei que permitissem a resposta por e-mail. Será que Zuby e Frannie estão mancomunadas? Zuby também encenou a chegada de *"Cher écran..."* na casa dela, sábado; e desde então as duas ficaram mudas: ai ai ai! Mas meu livro é tão longo... Recebi a encomenda que fiz a Thierry Tuborg: a versão

em papel de seu diário 1995-2000, um volume de 400 p., auto-editado em fotocópia...

Et cetera!

Et cetera!

TERÇA, 7 DE NOVEMBRO DE 2000

Por que não consigo fechar a loja?

Já disse tudo, mas não consigo desgrudar do meu destinatário. Somos como dois amigos de colégio. Eu o levo até a porta de sua casa, conversamos mais um pouco, ele me leva até a porta da minha, não vejo por que nos separarmos! A menos que, agora, ele já esteja cheio e eu nem tenha desconfiado! Situação constrangedora – na vida. Pois, aqui, você vai embora e eu continuo falando sozinho – não tem importância!

Além disso, é sempre difícil largar algo para se lançar num futuro talvez vazio...? No entanto, tenho muito trabalho pela frente, não sem relação com o que estou abandonando... Dia 18, palestra no seminário "Genèse et autobiographie" [Gênese e autobiografia] sobre os rascunhos de *Le temps immobile*, tomo 1: Claude Mauriac, artesão do hipertexto, virtuose do corta-cola... Dia 24, em Besançon, comunicação no colóquio "Les réticences du moi" [As reticências do eu] e só Deus sabe o quanto o ciber-eu é reticente! Para dizer a verdade, minha intenção é fazer um exame de consciência sobre minhas estranhas reticências diante da ficção... Mas e depois? "O que o senhor está nos preparando de bom?", dizem amavelmente aqueles que não leram seu último livro...

18H

Liloo comprou *"Cher écran..."*, seu primeiro gesto foi consultar o índice, ficou chateada com o tom em que falo dela. Diz isso em seu diário, mas gentilmente, não apenas porque sabe que vou lê-lo, mas também porque é gentil e de forma alguma "bobinha", como sugeriu que eu a achava! Não quer, por sua vez, me ferir e, apesar de tudo, ficou muito contente de fazer parte do livro. Eu sabia que isso ia atingi-la... Fui aos poucos aprendendo a gostar dela, mas precisava deixar as marcas desse aprendizado. No próprio livro, confessei publicamente minha culpa. E na carta que

acabo de enviar a ela, explico em que sentido emprego a palavra "cândida": o tom natural de seu diário que evita, como disse a ela, toda e qualquer autocensura e toda e qualquer afetação e a torna vulnerável. Há poucos diaristas na Internet que assumem esse tom: ela é a prova viva da possibilidade do íntimo e de seus riscos. Cabe ao leitor ser digno de tal confiança ou de se retirar. Isso me atormentou a tarde inteira – estava lendo Claude Mauriac e me deparei com uma passagem (p. 266) que vou, por minha vez, cortar-colar, pois ele exprime exatamente o que sinto. Sua situação em relação a Léautaud corresponde à minha em relação a Liloo. Deixo vocês com ele. E voltarei no ano que vem, em outubro, para meditar, e encerrar minhas contas no dia 4 de novembro, prometo... Até breve?!

PARIS, SEGUNDA, 6 DE DEZEMBRO DE 1954

Ao ler o diário de Paul Léautaud, cujo primeiro volume acaba de ser lançado, fiquei espantado com sua tranqüilidade em exibir as pobres histórias de uma pobre vida. Não que elas não me interessem: acho-as divertidas, por vezes até tocantes. Mas a possibilidade do ridículo continua existindo: bastaria a intenção irônica do leitor. Ora, esses segredos pessoais são sérios demais (penso nos meus, em meu próprio Diário, no qual evito o máximo que posso o egotismo) para que nos arrisquemos que alguém faça deles objeto de zombaria. Derrisão que já existe em potencial em meu íntimo e que, na maior parte das vezes, me obriga, para não incorrer nela, a negligenciar toda e qualquer referência a minha vida pessoal...

O exemplo de Léautaud (depois de alguns outros) me prova que talvez eu esteja errado de desconfiar assim de mim mesmo; que nesse gênero de testemunho, só a sinceridade conta, ou antes, a exatidão do traço, o respeito do fato – e que quanto mais se acumula esse tipo de pequenas informações pessoais, mais se fornecem armas contra si mesmo, mas também mais se arrisca a conquistar alguns corações compreensivos e fraternos.[24]

[Este texto, intitulado "'Cher écran...'. Un an après: les bloggs" (2002), está disponível no site de Philippe Lejeune: <http://www.autopacte.org/>.]

NOTAS

APRESENTAÇÃO

1 LEJEUNE, Philippe. Entrevista. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, n. 11, p. 21-30, jul./dez. 2002. Entrevista concedida a Jovita Maria Gerheim Noronha.

Parte I
O PACTO AUTOBIOGRÁFICO

O PACTO AUTOBIOGRÁFICO

1 LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. Paris: Armand Collin, 1971. (Coleção U)

2 GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

3 ROY, Claude. *Nous, essai d'autobiographie*. Paris: Gallimard, 1972. p. 33-39.

4 Por exemplo, ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*, Livro IV; "Pobre Jean-Jacques, naquele momento cruel, tu não esperavas muito que um dia...". Cf. também ROY, Claude. *Moi je*. Paris: Gallimard, 1970. p. 473, quando Roy se imagina conversando com aquele que foi: "Acredita em mim, meu filho, tu não deverias... Tu não deverias ter...". Nessa página, Claude Roy, contrapondo o narrador (atual) ao personagem (passado), emprega para falar deste último, ao mesmo tempo, a segunda e a terceira pessoas.

5 BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. Section V, "L'homme dans la langue".

6 Sobre os aspectos lingüísticos do problema do nome próprio e sua importância, na enunciação, para a referência, ver DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1972. p. 321-322.

Parte IV
DIÁRIOS E BLOGS

UM DIÁRIO TODO SEU

1 Esse texto constitui o capítulo inicial de duas obras: LEJEUNE, Philippe; BOGAERT, Catherine. *Le journal intime.* Histoire d'une pratique. [Diário íntimo. História de uma prática] Paris: Textuel, 2003; e de LEJEUNE, Philippe; BOGAERT, Catherine. *Le journal intime.* Histoire et anthologie. [Diário íntimo. História e antologia] Paris: Textuel, 2006. A antologia da primeira edição, ilustrada, privilegia os diários inéditos, e a segunda, os diários publicados.

2 POZZI, Catherine. *Journal de jeunesse.* Paris: Éd. Claire Paulhan, 1997.

3 HEUCHEL, Johann. *Je vous ai tous aimés.* Journal. Paris: Seuil, 1998.

4 DABIT, Eugène. *Journal intime 1928-1936.* Paris: NRF, 1939.

5 GUIBERT, Hervé. *Cytomégalovirus.* Journal d'hospitalisation. Paris: Seuil, 1992.

6 DREYFUS, Alfred. *Cinq années de ma vie.* Paris: Fasquelle, 1901; La Découverte, 1998.

7 SARTRE, Jean-Paul. *Carnets de la drôle de guerre.* Paris: Gallimard, 1995.

8 Os diários inéditos de Pierre-Hyacinthe Azaïs – *Journal, 1799-1802* (oito dos nove volumes encadernados) e *Journal* (1811-1844, 366 maços) – se encontram, respectivamente, na Bibliothèque de l'Institut, Paris, e nos Archives départamentales du Tarn, Albi.

9 JOUBERT, Joseph. *Carnets de Joseph Joubert.* Paris: Gallimard, 1938. [reeditado em 1994]

10 CIORAN, Emil. *Cahiers 1957-1972.* Paris: Gallimard, 1997.

11 BASHKIRTSEFF, Maria. *Journal.* Paris: Charpentier, 1887. [Estão sendo publicadas duas edições integrais: *Mon journal.* Cercle des amis de Marie Bashkirtseff, 1995-2003, 11 volumes, e *Journal 1877-1879.* Lausanne: L'Âge d'Homme, 1999 (primeiro de seis volumes anunciados).]

12 GONCOURT, Edmond; GONCOURT, Jules. *Journal des Goncourt.* Mémoires de la vie littéraire. Paris: Charpentier, 1887-1895. 9 v. [Primeira edição integral organizada por Robert Ricatte, em 1956; a segunda, em 3 volumes (Paris: Laffont, 1956); uma nova edição crítica da qual foi publicado o tomo I, *1851-1857*(Paris: Champion, 2005), está sendo organizada por Jean-Louis Cabanès.

13 LEULEU, Michèle. *Les journaux intimes.* Paris: PUF, 1952.

14 AMIEL, Henri-Frédéric. *Du journal intime.* Edição organizada e prefácio por Roland Jaccard. Bruxelas: Éditions Complexe, 1987.

15 ROMAIN, Jules. *Le journal de Jallez.* Paris: Éd. des Cendres, 2004.

16 BLANCHOT, Maurice. Le journal intime et le récit. In: _____. *Le livre à venir.* Paris: Gallimard, 1959.

17 MATHEWS, Harry. *Le journaliste.* Tradução do inglês de Martin Wincler. Paris: POL, 1997.

18 AMIEL, Henri-Frédéric. *Du journal intime.* Edição organizada e prefácio por Roland Jaccard. Bruxelles: Éditions Complexe, 1987.

19 BLANCHOT. Le journal intime et le récit. In: _____. *Le livre à venir.* Paris: Gallimard, 1959.

20 STENDHAL (BEYLE, Henri). *Journal 1801-1814.* In: _____. *Œuvres intimes.* Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1973-1982. 2 v.

21 DELACROIX, Eugène. [1893]. *Journal.* Paris: Plon, 1995. 3 v.

22 MICHELET, Jules. *Mon journal, 1820-1823.* Paris: Flammarion, 1888; *Écrits de jeunesse.* Paris: Gallimard, 1959; *Journal, 1828-1874.* Paris: Gallimard, 1959-1976. 4 v.

23 HUGO, Victor. [1913, editado por Paul Souchon]. *Choses vues 1830-1871,* edição complementada: Paris: Gallimard, 1972. 2 v.; Paris: Quarto, 2002.

24 BARBEY D'AUREVILLY, Jules. *Memoranda.* Paris: Rouveyre et Blond, 1883; *Memoranda, Journal Intime 1836-1864.* Paris: la Table Ronde, 1993.

25 ROMAIN. *Le journal de Jallez.* Paris: Éd. des Cendres, 2004.

COMO TERMINAM OS DIÁRIOS?

1 Publicado em LEJEUNE, Philippe; VIOLET Catherine. *Genèses du "Je".* Manuscrits et autobiographie. Paris: CNRS Éditions, 2001. O livro é o resultado do trabalho de um novo grupo de pesquisadores do Institut de textes et manuscrits modernes (ITEM), "Genèse et autobiographie", fundado por iniciativa de Lejeune, em 1994.

2 LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi.* Paris: Seuil, 1998.

3 AMIEL, Henri-Frédéric. *Journal intime.* Lausanne: L'Âge d'Homme, 1994.

4 RICTUS, Jehan. Diário inédito (Bibliothèque Nationale de France, département de manuscrits).

5 MAURIAC, Claude. *Le temps immobile.* Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

6 LEULEU, Michèle. *Les journaux intimes.* Paris: PUF, 1952.

[7] GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris: PUF, 1963.

[8] DIDIER, Béatrice. *Le Journal intime*. Paris: PUF, 1976; Le journal intime: écriture de la mort ou vie de l'écriture. In: LA MORT DANS LE TEXTE, Colóquio de Cerisy sob a direção de Gilles Ernst. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1988; Conclure une autobiographie: les mémoires d'outre-tombe. *Cahiers Textuels*, n. 6, fev. 1990.

[9] GUILLAUME, Louis. Diário inédito.

[10] JULIEN, Marc. Bibliothèque Nationale de France.

[11] RÉGNIER, Paule. *Journal*. Paris: Plon, 1953.

[12] SIMONE. Diário inédito.

[13] GRIMM, Ariane. *La flambe*. Journal d'une jeune fille. Paris: Belfond, 1987.

[14] CONSTANT, Benjamim, *Œuvres*. Apresentação e notas de Alfred Roulin. Paris: Bibliotèque de la Pléaide/Gallimard, 1957.

[15] GIDE, André. *Journal*. Paris: Gallimard/ Bibliothéque de la Pléiade, 1997. t. II.

[16] DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris: PUF, 1976; Le journal intime: écriture de la mort ou vie de l'écriture. In: LA MORT DANS LE TEXTE. Colóquio de Cerisy sob a direção de Gilles Ernst. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1988; Conclure une autobiographie: les mémoires d'outre-tombe. *Cahiers Textuels*, n. 6, fev. 1990.

[17] MARIN, Louis. *La voix excommuniée*. Paris: Galilée, 1981.

[18] LEIRIS, Michel. *Journal 1922-1989*. Paris: Gallimard, 1992.

[19] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

[20] LAPORTE, Roger. *Une vie*. Biographie. Paris: P.O.L., 1986.

[21] CABRERA, Dominique. *Demain, et encore demain*. França: INA, 1998.

[22] GAUTIER, Jean-Jacques. *Mon dernier livre n'aura pas de fin*. Paris: Plon, 1988.

[23] CONSTANT, Benjamim. *Œuvres*. Paris: Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1957.

[24] LOTI, Pierre. *Cette éternelle nostalgie*. Journal intime 1878-1911. Paris: La Table Ronde, 1997.

[25] LEIRIS, Michel. *Journal 1922-1989*. Paris: Gallimard, 1992.

[26] LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Paris: Seuil, 1993; e DESMOULINS, Lucille. *Journal 1788-1793*. Paris: Éd. des Cendres, 1995.

[27] GALEY, Mathieu. *Journal*. Paris: Grasset, 1988-1989. 2 v.

[28] AMIEL, Henri-Frédéric. *Journal intime*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1994. 12 v.

[29] HEUCHEL, Johann. *Je vous ai tous aimés*. Journal 1990-1992. Paris: Seuil, 1998.

[30] DAUDET, Alphonse. [1930]. *La doulou*. Aux pays de la douleur. Paris: Arléa, 1995.

[31] AMIEL, Henri-Frédéric. *Journal intime*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1994.

[32] WOOLF, Virginia. *Journal*. Versão integral, tradução do inglês de Marie-Ange Dutartre. Paris: Stock, 1990. t. VIII (1939-1941).

[33] MARTIN DU GARD, Roger. *Journal*. Paris: Gallimard, 1993. t. III; e GIDE, André. *Journal*. Paris: Gallimard/ Bibliothèque de la Pléiade, 1997. t. II.

[34] A última frase do diário de Galey, que estava com esclerose lateral amiotrófica, no dia de sua morte, 23 de fevereiro, 1986, é: "Dernière vision: il neige. Immaculée assomption" [última visão: está nevando. Imaculada assunção]. (GALEY, Mathieu. *Journal*. Paris: Grasset, 1988-1989. 2 v.)

[35] GIDE, André. *Journal*. Edição organizada por Martine Sagaert. Paris: Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1997. t. II.

[36] BOISMONT, Brierre de. Analyse des derniers sentiments exprimés par les suicides dans leurs écrits. In: ANNALES MÉDICO-PSYCHOLOGIQUES, t. III, 1851, p. 353-379 e t. V, 1853, p. 372-395.

[37] LIBÉRATION. 16 mar. 1995.

[38] Jean-Joseph Rabearivelo *apud* BOUDRY, Robert. La mort tragique d'un poète. *Mercure de France*, 15 set. 1938.

[39] AQUIN, Hubert. *Journal 1848-1971*. Edição crítica organizada por BREUGNOT, Bernard. Montréal: Bibliothèque québecoise, 1992.

[40] RÉGNIER, Paule. *Journal*. Paris: Plon, 1953.

[41] PAVESE, Cesare. *Le métier de vivre*. Journal 1935-1950. Paris: Gallimard, 1958.

[42] DRIEU LA ROCHELLE, Pierre. *Journal 1939-1945*. Paris: Gallimard, 1992.

[43] WOOLF, Virginia. *Journal*. Versão integral, tradução do inglês de Marie-Ange Dutartre. Paris: Stock: 1990. t. VIII (1939-1941).

[44] Ver LEJEUNE, Philippe. *"Cher écran.."* Journal personnel, ordinateur et Internet. Paris: Seuil, 2000. p. 29. [cf. p. 328-329 desta edição]

[45] POZZI, Catherine. *Journal 1913-1934*. Edição organizada por Claire Paulhan. Paris: Ramsay, 1987.

[46] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

[47] RICTUS, Jéhan. Diário inédito. (Bibliothèque Nationale de France, departamento de manuscritos).

[48] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

COMPOR UM DIÁRIO

[1] Publicado primeiramente em *Lieux d'Être*, Revue Poétique et Culturelle, n. 30, 2000 e, em seguida, em *Signes de vie*. Le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005.

[2] *L'autobiographie en France*. [1971]. Paris: Armand Collin, 1998; *Exercices d'ambiguité*. Lectures de *Si le grain ne meurt*. Paris: Lettres Modernes, 1974; *Lire Leiris*. Paris: Klimcksieck, 1975; *Le pacte autobiographique*. [1975]. Paris: Seuil, 1996; *Je est un autre*. L'autobiographie, de la littérature aux médias. Paris: Seuil, 1980; *Moi aussi*. Paris: Seuil, 1986.

[3] MAUROIS, André. *Mémoires 1865-1967*. Paris: Flammarion, 1970.

[4] *L'herbe bleu.Journal d'une jeune fille de quinze ans* (Anonyme). Tradução do inglês de France Marie Watkins. Paris: Pocket, [s.d.]. O diário conta a vida de uma jovem de 15 anos que morre de overdose. Um epílogo explica que ela teria decidido parar de escrever três semanas antes de morrer.

[5] Nina Kosterina, filha de Alexis Kosterine, militante operário russo, que escreveu um diário que se tornou uma espécie de *best-seller*. *Journal d'une jeune fille ordinaire*. Paris: Les Éditeurs Français Réunis, 1963.

[6] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

[7] LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Paris: Seuil, 1993.

[8] LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie*. Paris: Seuil, 1998.

[9] DESMOULINS, Lucille. *Journal 1788-1793*. Paris: Éd. des Cendres, 1995.

[10] LEJEUNE, Philippe. *"Cher écran..."* Journal personnel, ordinateur et Internet. Paris: Seuil, 2000.

[11] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

CONTÍNUO E DESCONTÍNUO

[1] Conferência no Seminário "Continu et discontinu", Villa Gillet, Lyon, 2 de abril de 2003, publicada em seguida em LEJEUNE, Philippe. *Signes de vie*. Le pacte autobiographique 2. Paris: Seuil, 2005.

[2] MATHEWS, Harry. *Le journaliste*. Tradução do inglês de Martin Wincler. Paris: POL, 1997.

[3] RICŒUR, Paul. *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1991. p. 442-446. t. III. Le temps raconté.

[4] JOYCE, James. *Ulysses*. BUTOR, Michel. *La modification*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1957. SIMON, Claude. *Histoire*. Paris: Gallimard, 1973; e DOUBROVSKI, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.

[5] GUÉRIN, Eugénie de. *Journal, texte complet*. Andillac: Les Amis des Guérin, 1998.

[6] POZZI, Catherine. *Journal de jeunesse*. Paris: Éd. Claire Paulhan, 1997.

[7] CONSTANT, Benjamim. *Œuvres*. Apresentação e notas de Alfred Roulin. Paris: Gallimard/ Bibliothèque de la Pléaide, 1957.

[8] AMIEL, Henri-Frédéric. *Journal intime*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1994. 12 v.; e DREYFUS, Alfred. *Cinq années de ma vie*. Paris: Fasquelle, 1901; La Découverte, 1998.

[9] JAMIN, Paul. *Jounal* (1867-1874), 3 cadernos. Association pour l'Autobiographie, Ambérieu-em-Bugey.

[10] ROCHE, Stéphane. *Charles Juliet: écriture de l'intime et Journal de l'écriture*. Pour une esthétique du journal. 718 p. Pode ser encomendado nos seguinte endereço: <www.anrtheses.com.fr> (nº 40707).

[11] LEULEU, Michèle. *Les journaux intimes*. Paris: PUF, 1952.

[12] THIBAUDET, Albert. *Gustave Flaubert*. Paris: Gallimard, 1935. p. 87-88.

[13] AZAÏS, Pierre-Hyacinthe. *Journal, 1799-1802* (oito dos nove volumes encadernados) e *Journal* (1811-1844, 366 maços). Esses diários inéditos se encontram, respectivamente, na Bibliothèque de l'Institut, Paris, e nos Archives départamentales du Tarn, Albi.

[14] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

LUCULUS VEM JANTAR COM LUCULUS

[1] Colóquio "De soi à soi: l'écriture comme autohospitalité" [De si para si: a escrita como auto-hospitalidade], organizado pela Université Blaise Pascal e pelo Institut Universitaire de France, em Clermont-Ferrand, em março de 2003 (N.T.).

[2] MADAME ROLAND. *Lettres à une amie d'enfance*. Textos escolhidos e prefácios de Chantal Thomas. Paris: Mercure de France, 1996.

"QUERIDA TELA...". DIÁRIO E COMPUTADOR

1 LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles.* Paris: Seuil, 1993.

2 AMIEL, Henri-Frédéric. *Journal intime.* Lausanne: L'Âge d'Homme, 1994.

3 LEJEUNE, Philippe. *"Cher cahier...".* Témoignages sur le journal personnel recueillis et présentés par Philippe Lejeune. Paris: Gallimard, 1989.

4 Essa pesquisa foi feita, como a de "*Cher cahier...*" (Paris: Gallimard, 1989), a partir de uma chamada, lançada em *La Faute à Rousseau* (n. 16, out. 1997), *La Quinzaine Littéraire* (1°-15 jun. 1998), *Lire* (junho de 1998), *Le Magazine Littéraire* (jul./ago. 1998 e site na web), Culture-Matin (1° jul. 1998) e Radio-Luxembourg (4 jul. 1998). Recebi 66 respostas, nem todas de pessoas que mantinham diários no computador.

5 LIRE, jun. 1998.

6 "Sur quoi écrivez-vous? *La Faute à Rousseau.* Ambérieu-em-Bugey, n. 5, fev. 1994.

7 LEJEUNE, Philippe. *"Cher cahier...".* Témoignages sur le journal personnel recueillis et présentés par Philippe Lejeune. Paris: Gallimard, 1989.

8 ARTIÈRES, Philippe. *Clinique de l''écriture.* Paris: Synthélabo, 1998.

9 LEJEUNE, Philippe. Au pays du journal. NRF, abr. 1977. O artigo foi publicado, depois, em LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie.* Paris: Seuil, 1998. p. 58-66.

10 LEJEUNE, Philippe. *"Cher cahier...".* Témoignages sur le journal personnel recueillis et présentés par Philippe Lejeune. Paris: Gallimard, 1989.

11 <http://www.colba.net/~micheles/logi.htm>.

12 JULIEN, Marc. Bibliothèque Nationale de France.

13 AZAÏS, Pierre-Hyacinthe Azaïs. *Journal, 1799-1802.* Bibliothèque de l'Institut; *Journal* (1811-1844, 366 maços). Archives départamentales du Tarn, Albi.

14 AMIEL, Henri-Frédéric. *Journal intime.* Lausanne: L'Âge d'Homme, 1994. 12 v.

15 MAURIAC, Claude. *Le temps immobile.* Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.

16 MÉLANÇON, Benoit. *Sévigné@Internet.* Montréal: Fides, 1996.

17 Trata-se de "Cher web". In: LEJEUNE, Philippe. *"Cher écran...".* Journal personnel et Internet. Paris: Seuil, 2000. p. 189-371.

18 LEJEUNE, Philippe. *"Cher écran...".* Journal personnel et Internet. Paris: Seuil, 2000. p. 43-170.

19 SENAY, Michèle. Site *L'intimiste*: <http://www.colba.net/~micheles/logi.htm>.

"QUERIDA TELA...". UM ANO DEPOIS: OS BLOGS

1 *"Cher écran...".* Journal personnel, ordinateur, Internet. Paris: Seuil, 2000.

2 <http://www.lacev.com/>.

3 Mongolo é um dos ciberdiaristas cujos blogs foram analisados pelo autor (N.T.).

4 Ciberdiarista (N.T.).

5 Ciberdiarista (N.T.).

6 KLEIN, Anabelle. *Les pages personnelles comme nouvelles figures de l'identité contemporaine.* Analyse narrato-pragmatique des récits de soi sur Internet. Presses Universitaires de Louvain, 2002.

7 RICŒUR, Paul. *Temps et récit.I.* Paris: Seuil, 1991. p. 442-446. t. III. Le temps raconté.

8 KLEIN, Anabelle. Les pages personnelles sur Internet. *La Faute à Rousseau.* Revue de l'Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique (APA), n. 25, p. 66-68, jun. 2001.

9 Ciberdiarista (N.T.).

10 Ciberdiarista (N.T.).

11 A confusão se explica pela ligação com o "t" na terceira pessoa: "Il est ici" (ele está aqui). (N.T.)

12 WOLTON, Dominique. *Internet et après?* Paris: Flammarion, 1999.

13 *J. Mag. Le Magazine de la Théorie et de la Pratique du Journal.* [Revista de teoria e prática do diário]. Os arquivos do site podem ser encontrados em: <http://journalintime.com/archives/sites/jmag/index.html> (N.T.).

14 Abreviação familiar do jornal francês *Libération.* (N.T.).

15 Ciberdiarista (N.T.).

16 Ciberdiarista (N.T.).

17 LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles.* Paris: Seuil, 1993; Sincérite. In: LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie.* Chroniques. Paris: Seuil, 1998; DESMOULINS, Lucille. *Journal 1788-1793.* Paris: Éd. des Cendres, 1995; e LEJEUNE, Philippe. *"Cher écran...".* Journal personnel, ordinateur, Internet. Paris: Seuil, 2000 (N.T.).

[18] WOLTON, Dominique; JAY, Olivier. *Internet*: petit manuel de survie. Paris: Flammarion, 2000.

[19] Uma das diaristas de *"Cher cahier..."*. Témoignages sur le journal personnel recuillis et présentés par Philippe Lejeune. Paris: Gallimard, 1989.

[20] Société des diaristes virtuels [Sociedade dos diaristas virtuais]: <http://w3.arobas.net/~sdv/> (N.T.).

[21] Ciberdiarista (N.T.).

[22] Ciberdiariasta (N.T.).

[23] <http://www.cercle.qc.ca/> (N.T.).

[24] MAURIAC, Claude. *Le temps immobile*. Paris: Grasset, 1974-1988. 10 v.